

Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC  
Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas  
Tese de Pós - Doutorado em Ergonomia Cognitiva

***EM BUSCA DO FENÔMENO GEOGRÁFICO:***

**Harrysson Luiz da Silva - Doutor**

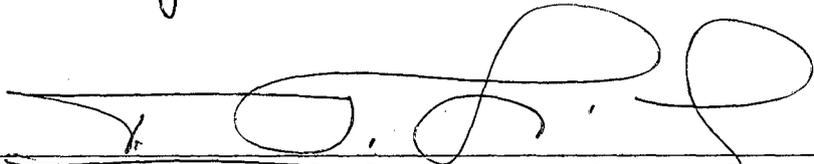
Florianópolis, Março 2000.

## EM BUSCA DO FENÔMENO GEOGRÁFICO

Esta tese foi julgada adequada como conclusão do Programa de Pós-Doutoramento em Ergonomia Cognitiva e, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ricardo Miranda Barcia PhD - Coordenador do Curso

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho PhD - Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Pedro Bertolino da Silva - M.Sc. - Co-orientador

## AGRADECIMENTOS

- Aos alunos do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina 1998.1 a 1999.2, pelos ensinamentos obtidos através de suas contribuições;
- Ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas da UFSC, através do Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, PhD, meu orientador;
- Ao professor "Doutor" Pedro Bertolino da Silva, pela possibilidade de experienciar-me no processo de produção do conhecimento científico;
- Ao professor Dr. Roland Luiz Pizzollati pelas recomendações
- As minhas filhas Amanda e Luísa pela sua inocência;
- Ao "Chiquinho" pelo apoio incondicional;
- A Deus, pela possibilidade de realizar mais esta etapa do meu processo de crescimento evolutivo.

**RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivos desenvolver um processo de intervenção científica na estrutura de ensino-aprendizagem de duas disciplinas ministradas no Curso de Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Catarina: "Introdução ao Pensamento Geográfico- IPG" e "Teoria e Método da Geografia - TMG". A pesquisa está orientada para identificar os três tipos de conhecimento (empírico, metafísico e científico), que os alunos utilizam para dar significado aos conceitos que estruturam as Escolas do Pensamento Geográfico. A metodologia de investigação adotada fundamenta-se na modelagem cognitiva dos significados atribuídos aos conceitos inerentes às escolas geográficas; a metodologia de intervenção corresponde ao RPG - (Role Playing Games) que tem por objetivos, a representação de cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico, através dos alunos "em situação", organizando suas idéias de forma ativa e interativa, demonstrando que a estrutura das diferentes Escolas estão presentes ainda hoje, como fenômenos possíveis de serem analisados; a Teoria da Personalidade desenvolvida por Sartre, orientou a análise dos equívocos de interpretação, resultantes dos significados apreendidos sociais e historicamente pelos alunos, inerentes ao que seria o objeto, o método e as teorias da Geografia.

**ABSTRACT**

This research aims to develop a process of scientific intervention in the structure teaching and learning in two courses in the Graduate Geography Course, in Federal University of Santa Catarina: "Geographical Thinking Introduction" and "Geography Theories and Methods ". This research is oriented for to identify three "types" of knowledge (empirical, metaphysical and scientific), used by the students for to give signification concepts what structuring the Geographical Thinking School's. The investigation's methodology adopted would be fundamented in the cognitive models related for geographical school's; in the RPG - (Role Playing Games). The intervention's methodology is used for representation of each Geographical Thinking School's, by the students in the one condition called "stay in the situation". In this condition the students organizing yours ideas of active and interactive form, making demonstrations of diferent school area presents nowadays, with possible phaenomenon will be analisated; and, in the Personality Theory developed by Sartre, would oriented the analysis of problems of interpretation, learning social and historically, about the Geography's object, method and theories;

**LISTA DE QUADROS**

Quadro I - Estrutura da disciplina GCN5100 - Epistemologia I 109

Quadro II - Estrutura da disciplina GCN5200- Epistemologia II 112

**SUMÁRIO**

Lista de Quadros	iv
Introdução	1
<b>Capítulo I – O Processo de Demarcação do Fenômeno</b>	
1.1 – A Demarcação do Nível de Investigação do Fenômeno	5
1.2 – A Identificação das variáveis sobre Investigação	16
1.3 – Os Objetivos da Pesquisa	17
1.4 – As Hipóteses de Pesquisa	17
1.5 – A Teoria da Personalidade em Sartre	18
1.5.1 – O Estado da Arte da Personalidade	19
1.5.2 – A Demarcação do Objeto: A Personalidade	24
1.5.3 – A Definição do Objeto: A Personalidade	29
1.6 – A Metodologia Adotada para Investigação	
1.6.1 – A Modelagem Cognitiva	35
1.7 – A Crítica dos Resultados na Constatação do Fenômeno	41
1.7.1 – A Crítica dos Resultados da Investigação – Estruturação Epistemológica	42
1.7.2 – A Crítica dos Resultados da Investigação – Estruturação Gnosiológica	48

## **Capítulo II - O Processo de Intervenção no Fenômeno**

2.1 - A Demarcação do Nível de Intervenção no Fenômeno	55
2.2 - Identificação das Variáveis que sofrerão Intervenção	56
2.3 - As Hipóteses de Trabalho para Intervenção	56
2.4 - A Metodologia Adotada para Intervenção	57
2.4.1 - Os Elementos Estruturais do RPG	58
2.5 - A Crítica dos Resultados da Alteração do Fenômeno	63
2.5.1 - A Estruturação do RPG de cada Escola do Pensamento Geográfico	63
2.5.1.1 - RPG1 - A Escola Clássica	64
2.5.1.2 - RPG2 - A Escola Tradicional	72
2.5.1.3 - RPG3 - A Escola Nova Geografia	78
2.5.1.4 - RPG4 - A Escola Idealista	87
2.5.1.5 - RPG5 - A Escola Humanista	91
2.5.1.6 - RPG6 - A Escola Radical	94
2.5.1.7 - RPG7 - A Escola Temporo- Espacial	103
2.5.2 - A Ementa das disciplinas	107

## **Capítulo III - O Processo de Avaliação do Fenômeno**

3.1 - Avaliação da Demarcação do Fenômeno Analisado	114
3.2 - Avaliação das Variáveis do Problema	114
3.3 - Avaliação da Teoria da Personalidade em Sartre	116
3.4 - Avaliação das Hipóteses de Investigação/Intervenção	117
3.4.1 - Avaliação das Hipóteses de Investigação	117

3.4.2 - Avaliação das Hipóteses de Intervenção	118
3.5 - Avaliação das Metodologias	120
3.5.1 - Avaliação da Metodologia da Modelagem Cognitiva	120
3.5.2 - Avaliação da Metodologia de RPG	121
3.6 - Avaliação dos Resultados Investigação/Intervenção	122
3.6.1 - Avaliação dos Resultados da Investigação	122
3.6.2 - Avaliação dos Resultados da Intervenção	123

<b>Bibliografia</b>	144
---------------------	-----

## **Anexos**

Anexo I - Programa de Ensino da disciplina Introdução ao Pensamento GeoGráfico	148
Anexo II - Programa de Ensino da disciplina Teoria/Métodos da Geografia	149
Anexo III - Conceitos e Significados Empírico/Metafísico	150
Anexo IV - Conceitos Extraídos dos Dicionários	163
Anexo V - Síntese dos Scripts das Escolas Geográficas	172

## Introdução

Ministrar nas fases iniciais dos cursos de graduação e pós-graduação, disciplinas com grande carga de fundamentação teórica/metodológica, é um dos maiores desafios para os docentes dos cursos superiores. Estas condições implicam numa releitura dos principais clássicos da "Teoria do Conhecimento". As disciplinas curriculares, por sua vez, para serem compreendidas, pressupõe que os alunos já tenham articulado todos os fundamentos filosóficos, bem como, todas as teorias e respectivas metodologias correspondentes aos diversos períodos históricos a serem analisados, nas respectivas disciplinas.

Entretanto, esta condição é ainda uma utopia, principalmente no que se refere a articulação entre objeto, método e teoria em contextos históricos distintos, numa perspectiva científica.

O maior desafio para o corpo docente, será tornar os conteúdos das suas respectivas disciplinas didaticamente compreensíveis, de uma maneira científica, rompendo com alguns pressupostos que remetem a equívocos de interpretação, principalmente na prática da atividade científica.

Este desafio passa necessariamente, pela discussão do que é "ciência" e "prática da atividade científica dos professores" nas Universidades. Tal dualismo, é uma contradição, na produção do conhecimento científico nas Universidades, ao reproduzir equívocos, que são repassados para alunos de graduação e pós-

graduação, acarretando problemas de ordem epistemológica, ou seja, como produzir conhecimento científico, a partir do que deveria ser o Método Científico.

Quando nos remetemos para as questões de caráter gnosiológico (tipos de conhecimento), a situação fica mais complexa. Tipos de conhecimento com fundamentações não científicas, convivem harmoniosamente com o conhecimento científico e, também, como conhecimento científico, através da autoridade moral dos professores.

O compromisso das Universidades e da Ciência é o de produzir conhecimento científico. Este conhecimento deverá ter capacidade de intervenção para melhorar às condições de vida dos seres humanos e não outro tipo de conhecimento qualquer.

Nosso objetivo de pesquisa é propor uma intervenção científica no processo de ensino-aprendizagem das disciplinas: "Introdução ao Pensamento Geográfico" e "Teorias e Métodos da Geografia".

Para que este objetivo seja atingido, foi necessário que os alunos ficassem "em situação". Isto requeria que os alunos mantivessem distância do fenômeno analisado, refletindo sobre sua fundamentação na relação com o mesmo.

Nessa perspectiva o aluno não deverá ser um agente reflexivo do seu próprio conhecimento, mas ter a capacidade de identificar dentre os tipos de conhecimentos existentes, os que são sustentados cientificamente, bem como, os que estão assentados no princípios do empirismo e da metafísica.

As metodologias de investigação e de intervenção adotadas, tem proporcionado desempenho assegurado ao processo de ensino-aprendizagem. Isto vem permitindo maior capacidade de interação com os alunos, aumentando seu interesse, reduzindo as assimetrias na qualidade do ensino e do aprendizado.

Para tornar nossa proposta de pesquisa exeqüível, organizamos sua estrutura em três capítulos:

No capítulo I realizamos a etapa de investigação, que tratará da demarcação do conjunto de ocorrências objetivas que transcendem ao sujeito que investiga. A identificação das variáveis do problema da pesquisa, o desenvolvimento das hipóteses de investigação e o desenvolvimento da metodologia de investigação. A teoria da personalidade de Sartre e a crítica dos resultados da constatação do fenômeno analisado também fazem parte do capítulo I.

No capítulo II realizamos a etapa de intervenção, onde será demarcado o nível de intervenção do fenômeno, através do conjunto de ocorrências objetivas. A identificação das variáveis que sofrerão intervenção, as hipóteses de trabalho para intervenção, o desenvolvimento da metodologia de intervenção e, a crítica dos resultados da alteração dos fenômenos analisados.

No capítulo III realizamos a avaliação das etapas descritas nos capítulos I e II.

As notações gráficas utilizadas nesta pesquisa são convencionadas da seguinte forma:

- a digitação das expressões utilizadas em letras maiúsculas, corresponde às iniciais de sua denominação: Role Playing Games - RPG;
- a digitação incluindo ( ), tem por objetivos esclarecer para o leitor, que o item ou termos usados são de autoria de outros autores;
- optamos por deixar as referências bibliográficas no final de cada capítulo, com o intuito de facilitar a busca das mesmas na hora da leitura do texto.

## Capítulo I - O Processo de Demarcação do Fenômeno

### 1.1 - A Demarcação do Nível de Investigação do Fenômeno

A demarcação do nível de investigação do fenômeno analisado iniciou-se, aproximadamente, há dois anos. Naquela ocasião assumimos as disciplinas Introdução ao Pensamento Geográfico (IPG) e Teoria e Método da Geografia (TMG) do curso de graduação em Geografia da UFSC. A partir deste marco temporal mencionado, enfrentamos problemas no desenvolvimento do ensino destas disciplinas e da aprendizagem pelos alunos, com o nível de exigência das mesmas e, as fases correspondentes em que eram ministradas (primeira e segunda fases).

O conjunto de ocorrências objetivas verificadas sobre este fenômeno, foram estruturados em três níveis, que serão descritos a seguir:

- **NIVEL I - ESTRUTURAÇÃO GNOSIOLÓGICA/EPISTEMOLÓGICA DAS DISCI**

**PLINAS: A Sustentação da Prática da Atividade Científica dos Professores**

- As duas disciplinas constituem um bloco conceitual, teórico e metodológico;

- Mesmo sendo consideradas um bloco conceitual e teórico-metodológico, possuem ementas desconexas: Introdução ao Pensamento Geográfico (IPG) na primeira fase e, Teoria e Método da Geografia (TMG) na Segunda fase, conforme anexo I e II;
- Pela estruturação da ementa das referidas disciplinas, a disciplina IPG trataria do objeto da Geografia, o espaço geográfico, ao longo de cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico, desconsiderando a Geografia Física. Já a disciplina TMG, ministrada na segunda fase, trataria de estudar os métodos e as teorias do objeto de estudo da Geografia, o espaço, a partir de uma perspectiva fenomenológica, positivista e materialista;
- As perspectivas positivistas e materialistas não são teorias, mais doutrinas, logo não são científicas, pois não se sustentam no conjunto de ocorrências objetivas que definem os fenômenos geográficos. Por sua vez, a fenomenologia não é compreendida em sua vertente científica, mais metafísica. Desta forma, a Escola Humanista não é Existencialista, como pregam seus precursores. Trata-se na verdade de "fenomenologismos", ou seja, a utilização equivocada da fenomenologia existencialista.
- A disciplina TMG considera que existem métodos da Geografia e não metodologias da Geografia. O método científico é um procedimento datado do século XVI e aplicado a todas as

áreas do conhecimento científico. Portanto, porque ainda persistem tais equívocos;

- Se existe contradição entre método e metodologia na Geografia, possivelmente os argumentos sobre o espaço não tem sustentação científica. Os argumentos talvez validem-se numa perspectiva empírica/metafísica, na medida em que não utilizam o método científico para investigar o conjunto de ocorrências objetivas que definiriam o objeto da Geografia;
- Não existe uma definição de espaço geográfico, comum para todas as Escolas do Pensamento Geográfico, se considerarmos o significado de "definição": "expressão daquilo que o fenômeno é (em que sentido) e, não pode não ser (não consistir)";
- A constituição da disciplina TMG considera método como sinônimo de metodologia. Em sua ementa não encontramos nenhum item sobre a produção do conhecimento científico, através do método científico, considerando o único modo de fazer ciência;
- As disciplinas IPG e TMG desconsideram em sua estrutura, a perspectiva do objeto, bem como, as correspondentes metodologias e teorias da Geografia Física;
- As perspectivas analíticas tratadas pela disciplina TMG, não contemplam todas as Escolas do Pensamento Geográfico, tratadas na disciplina IPG;

- A disciplina TMG privilegia as pseudo-teorias e as metodologias das ditas "ciências humanas" (Fenomenologia, Marxismo e Positivismo), assumindo uma Geografia Humana, esquecendo-se de tratar das teorias e das metodologias da Geografia Física;
- As sete Escolas do Pensamento Geográfico estão fundamentadas no conhecimento metafísico/empírico; **Escola Clássica:** Mitologia, Teologia e Cosmogonia; **Escola Tradicional:** Positivismo Comtiano e Racionalismo Cartesiano; **Escola Nova Geografia:** Neopositivismo Lógico; **Escola Idealista:** Idealismo Metafísico; **Escola Humanista:** Fenomenologismos; **Escola Radical:** Materialismo histórico e dialético; e, **Escola Temporo-Espacial:** no modelo lógico de deslocamento Temporo/espacial, definido como "ondas de inovação";
- A possibilidade de se estudar o "espaço" em sete perspectivas não científicas, reafirma a idéia de "paradigma" desenvolvida por Khun, como a possibilidade efetiva de produção do conhecimento científico, através das Revoluções Científicas, ou no caso da Geografia, pelas suas sete Escolas;
- Na perspectiva de Khun, somente a Escola Temporo-Espacial seria a que teria possibilidade efetiva de realização do conhecimento geográfico, pois foi o último paradigma da

Geografia. A contribuição, mesmo que empírica e metafísica das outras Escolas seria totalmente irrelevante;

- Pela inexistência de um objeto, método e teoria definidos e demarcados, os professores ministram suas disciplinas numa perspectiva empírica/metafísica, sustentados pelos paradigmas de Khun, escolhendo teorias e metodologias para os objetos que estudam, ou traduzindo "percepção" como conhecimento científico;
- A validação das teorias e metodologias são resultantes, na sua maior parte, de um fenômeno sociológico, que ocorre nas ciências "humanas", ou seja, são através das comunidades de linguagem (grupos de pesquisa) e de pensamento (orientação político-partidária) que a produção do conhecimento é em sua maioria determinada, e não na verificação do conjunto de ocorrências objetivas;
- Ao admitir a possibilidade de produção de conhecimento através das comunidades de linguagem e pensamento, criam-se as chamadas "**linhas**" de pesquisa, ou seja, o objeto, a teoria e a metodologia são determinados pela autoridade do professor e, não através da investigação objetiva dos fenômenos. Assim, o mesmo objeto é qualquer coisa para cada um e não indicativo de si mesmo;
- As Escolas do Pensamento Geográfico tratam o espaço numa perspectiva humana. A Geografia Física é esquecida ou é

resultante de cada um dos movimentos das ciências físicas, através das quais, a mesma faz interface;

- Ao admitir a existência de uma Geografia Física e Humana, os professores acabam admitindo a existência de métodos para cada uma das Geografias, quando na verdade o método científico é um só para qualquer ciência.
- Através da divisão do conteúdo que deveria ser único, em duas disciplinas, fica difícil tratar isoladamente o objeto da Geografia na disciplina IPG, sem falar das metodologias e teorias e, na TMG, falar das teorias e metodologias, sem se remeter a disciplina IPG;
- Na disciplina de TMG seria impossível esgotar todas as metodologias que podem ser aplicadas ao objeto de estudo da Geografia, na medida em que as variáveis a serem trabalhadas são ímpares em cada pesquisa;
- A ementa proposta pelas duas disciplinas não possibilita atingir os objetivos desejados, considerando a desconexão entre o método científico, as metodologias e as teorias científicas que deveriam ser a sustentação da Geografia;
- Considerando todas as ocorrências listadas acima, verificamos que a prática da atividade científica dos professores nas Universidades, não poderia ser diferente, em sua maioria não é científica, pois inexistente precisão do que seja o objeto, o método e as teorias da Geografia ;

- Existe um grande equívoco na produção do conhecimento científico entre epistemologia, gnosíologia e interdisciplinaridade, acirrando cada vez mais, as distâncias entre as possibilidades efetivas de investigação e intervenção científica nos fenômenos geográficos;
  - Quando se pretende discutir entre os professores as deficiências epistemológicas das disciplinas curriculares, a autoridade moral sobrepuja a objetividade científica na resolução de problemas. Assim, qualquer discussão neste sentido, esvazia-se e, a possibilidade efetiva de intervenção nas ementas continua sem solução;
  - O sistema de avaliação da qualidade do ensino de graduação realizado a cada final de semestre, ainda enfrenta barreiras para ser implementado, dificultando qualquer possibilidades de intervenção na estrutura das disciplinas;
  - Estas mesmas constatações ocorrem na pós-graduação, quando da orientação de pesquisas, no que diz respeito a elaboração de projetos de pesquisa e estruturação das dissertações/teses.
- 
- **NÍVEL II - POSTURA DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO FRENTE O CONHECIMENTO CIENTÍFICO - O Reflexo da Prática da Atividade Científica dos Professores**

- Existe uma grande dificuldade em trabalhar perspectivas analíticas distintas, procurando evidenciar as diferenças teórico-metodológicas, na medida em que inexiste uma significação precisa dos termos/significados nas referidas disciplinas pelos alunos;
- As metodologias de ensino tradicionais não motivam os alunos das referidas disciplinas a envolverem-se em discussões ou trabalhos de pesquisa e, de entendimento da natureza do que é a Geografia, principalmente quando envolvem discussões sobre a ciência e a produção do conhecimento científico;
- A postura de produção de conhecimento empírico/metafísico prevalece como postura científica, no que concerne a identificação dos conceitos e de seus respectivos significados, bem como da prática científica na Universidade;
- O espaço, enquanto objeto da Geografia possui uma interpretação dual, dificultando sua investigação e intervenção científica;
- Os alunos de primeira e segunda fase não possuem postura ética, teórica e metodológica para trabalhar com fenômenos Geográficos, no nível de entendimento exigido pelas referidas disciplinas;
- A multiplicidade de conceitos e significados inerentes ao conjunto dos conteúdos a serem apresentados, exigem um esforço hercúleo de leitura adicional, com níveis de inter

pretação e de interrelacionamento estrutural entre objeto, método e teoria de cada uma das escolas trabalhadas, que se apresentam ainda incipientes pelos mesmos;

- Os conceitos estudados não são entendidos dentro da rigurosidade científica, quando muito, em sua acepção etimológica;
- Existe um número reduzido de material didático e bibliográfico disponível para ministrar estas duas disciplinas;
- Para cada conceito trabalhado existem significações diferentes atribuídas pelos alunos. Estes resultados não refletem o significado desejado aos referidos conceitos;
- Para se proceder a modelagem cognitiva e a efetiva identificação do status de cada Escola apreendida social e historicamente. Torna-se necessário compreender a existência da relação entre a estrutura da organização da personalidade de cada um dos alunos e os conceitos trabalhados em cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico, através dos diferentes tipos de produção do conhecimento, em que foram organizadas as suas personalidades;
- Para os alunos de graduação, não existe uma distinção clara entre método e metodologia. O método científico trata dos procedimentos a serem adotados na investigação, intervenção e avaliação, e a metodologia diz respeito sobre as técnicas

a serem utilizadas em consonância com a teoria que explicita os fenômenos analisados;

- A idéia de paradigma desenvolvida por Khun, dificulta a explicitação do método científico, como a única possibilidade efetiva de produção de conhecimento conseqüente. Nesta perspectiva, cada aluno tem a possibilidade de estudar o mesmo objeto, escolhendo um paradigma de acordo com a sua experiência (empírico), simpatia (juízo de valor), autoridade (metafísica).
- Existe grande resistência por parte dos alunos, quando se tenta trabalhar a possibilidade efetiva de produção do conhecimento através do método científico. Desta maneira parece é que o empirismo e a metafísica validaram-se socialmente como ciência, ao criar um falso senso de "democratização objetiva de produção do conhecimento científico", grifos nossos.

• **NÍVEL III - A ESTRUTURAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS: O Elo da Contradição.**

- Os Cursos de Graduação em Geografia sustentam-se no dualismo metafísico Físico-Humano, como fundamento para compreender seu objeto de pesquisa, o espaço. É concebida a existência de uma Geografia Física e de uma Geografia

Humana, expressada nas disciplinas, nas suas ementas e na estrutura do Departamento;

- A existência de uma Geografia que se divide em duas, dificulta a explicitação do seu respectivo objeto de pesquisa. Para o curso de graduação em Geografia, ainda não está claro se a Geografia Física e Geociências é uma organização didática do conhecimento, ou ciências com objetos distintos e, a sua relação com a Geografia dita Humana;
- A interdisciplinaridade inexistente entre as disciplinas do Departamento de Geociências, pela ausência de uma fundamentação que dê contas da realidade objetiva, que é o "espaço". O mesmo é vislumbrado a partir de "doutrinas" e, não da verificação do conjunto de ocorrências objetivas;
- A habilitação que o Departamento de Geociências fornece é de Licenciado e Bacharel em Geografia e, não em Geociências;
- O número de alunos por semestre, por disciplina é da ordem de 50(cinquenta). Este número inviabiliza, o planejamento e a continuidade de qualquer atividade mais séria, comprometendo os objetivos da disciplina, em face da infraestrutura oferecida nas salas de aula e, do material didático disponível;
- A inexistência de uma disciplina de Epistemologia para o curso de Geografia, dificulta o desenvolvimento de qualquer

trabalho científico. Isto se dá pela exclusão da disciplina de metodologia científica dos cursos de graduação da UFSC desde 1994;

- As disciplinas Teoria e Métodos da Geografia, Introdução ao Pensamento Geográfico, Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Projeto, formam uma unidade de trabalho, que estão dissociadas, em termos de fundamentação científica, ementas e resultados.

### **1.2 - A IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS QUE SOFRERÃO INVESTIGAÇÃO.**

Considerando o conjunto de ocorrências objetivas do problema da pesquisa, achamos necessária a investigação da seguinte variável:

- Como demarcar os fenômenos geográficos, considerando os diferentes tipos de conhecimento: Metafísico, Empírico e Científico, sofre o conceito "espaço", através dos significados atribuídos pelos alunos ao conjunto dos conceitos que estruturam cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico;

Considerando a variável listada acima, nosso **problema de pesquisa** é o seguinte: *Como trabalhar cientificamente a Geografia, se as sete Escolas do Pensamento Geográfico e, a dinâmica da personalidade dos alunos de graduação sobre o*

conhecimento geográfico sustentam-se no conhecimento empírico e metafísico e não no científico?

## 1.2 - OS OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo desta pesquisa é propor uma intervenção científica na estruturação das disciplinas do curso de graduação em Geografia : "Introdução ao Pensamento Geográfico" e "Teoria e Método da Geografia" e, na dinâmica da personalidade dos alunos do curso de graduação em Geografia, com possíveis reflexos na relação ensino-aprendizagem, utilizando como fundamentos, a Teoria da Personalidade de Sartre, a metodologia do RPG e da Modelagem Cognitiva.

## 1.4 - AS HIPÓTESES DE PESQUISA

As hipóteses de pesquisa que sustentam esta investigação são as seguintes:

- A demarcação dos fenômenos geográficos, considerando os diferentes tipos de conhecimento: Metafísico, Empírico e Científico, seriam um dos grandes problemas para se estabelecer uma Geografia científica, a partir do conceito "espaço".
- A verificação do conjunto de ocorrências objetivas atribuídas pelos alunos aos conceitos que estruturam cada

Escola do Pensamento Geográfico, seriam superadas se os equívocos gnosiológicos e epistemológicos que sustentam as respectivas Escolas fossem esclarecidos cientificamente.

### **1.5 - A Teoria da Personalidade em Sartre**

As obras de Sartre cobrem um vasto universo de problemáticas: desde a "Transcendência do Ego" até a Crítica da Razão Dialética", passando pela "Ontologia Fenomenológica Dialética". Nesta obras Sartre buscou entender a constituição dos fenômenos numa perspectiva objetiva rompendo com a metafísica.

Para delimitar nosso objeto de pesquisa, no universo das obras de Sartre, utilizaremos os estudos dos vários autores que sumarizaram a " Teoria da Personalidade" nos chamados "Cadernos de Formação" do "Núcleo Castor de Estudos e Atividades em Existencialismo", fundado pelo Prof. M.Sc. Pedro Bertolino da Silva, em Florianópolis, no ano de 1984. A seguir, desenvolveremos a estrutura da formação da personalidade em Sartre.

### 1.5.1 - O Estado da Arte da Personalidade

Procuraremos esclarecer nesta parte, o corte epistemológico existente entre os autores que trataram da personalidade através da metafísica (Platão, Déscartes e Husserl) e da ciência (Sartre).

Para Van Den Berg "a estrita separação entre o homem e o mundo não é natural nem original. Esta separação originou-se de uma filosofia. Foi Déscartes que, com alguns outros, em obras de natureza filosófica, cavou um fosso entre o homem e o mundo, entre assuntos humanos e não humanos ou entre "res cogitans" e "res extensa", nas palavras cartesianas"(1).

Todos os autores metafísicos sustentaram a existência do "ser do Ego", como habitante da consciência, tornando impossível qualquer conhecimento científico. Assim, o Ego escapa das possibilidades efetivas de verificação através do conjunto de ocorrências objetivas e transcendentas aos sujeitos que investigam. Nesta perspectiva, a investigação sobre a natureza da consciência, como objeto possível de ser verificado fica completamente descartada, pois o mundo está na consciência e não na realidade objetiva. Assim, caminhamos para o infinito.

Para os gregos através da "alma" se estabelece o conhecimento e nossa distinção em relação aos animais. Com isto

temos uma substância distinta e independente do corpo e da materialidade, como traço essencial do ser do homem.

Em *Déscartes*, a definição do status ontológico do ser do homem, aprofundou o dualismo interior/exterior criado pelos gregos. Ao assumir a noção substancialista de nosso ser, remeteu o "Eu" para o interior. Ao reforçar o estabelecimento da dúvida sistemática como pressuposto para se estabelecer o conhecimento, toda realidade passa a ser ilusão dos sentidos. Daqui derivam vários equívocos de interpretação fundamentam metodologias e teorias ditas científicas, dentre as quais, a utilização da *percepção como conhecimento científico (grifos nossos)*.

Déscartes refugiou-se na única coisa que não pode por em dúvida, a certeza do "Eu penso". Assim, caracteriza o nosso ser como uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, não necessitando de nenhum lugar e nem dependendo de qualquer coisa material(2).

Por outro lado, Déscartes ao recorrer aos gregos para fundamentar a substancialidade do nosso ser, atrela não só as verdades eternas, mas todas "as sensações corporais e perceptivas, como as verdades matemáticas, as regras morais, a idéia de Deus. Tudo faz parte do nosso Eu interior, aprisionando-nos em nós mesmos". E, este Eu interior seria o sujeito de todas as nossas ações, experiências e pensamentos, existentes a priori. "Déscartes fundamentado na metafísica e no espiritualismo,

concebe o status ontológico do homem a partir da alma, com prejuízo para o corpo".(3)

Para *Husserl*, o ato intencional da consciência brota do "Eu Puro", para um objeto no interior da mente, fazendo deste modo do noema (ato da consciência) um correlato irreal da noesis (o objeto visado pela intencionalidade cognoscente). Assim, a objetividade é aprisionada nos poderes da subjetividade transcendental e, o objetivo brota do subjetivo, fazendo da subjetividade transcendental a fonte geradora e constituinte do mundo objetivo. Esta posição vai mais além de *Déscartes*, ao amarrar o Eu Puro no interior da imanência pura, transcendental, sem condições de sair dela.

O "Eu penso", em *Husserl*, acaba por ser um componente essencial das vivências, pois como fica explícito, não há consciência que não seja um raio luminoso resultante do Eu puro.(4)

*Husserl* se coloca dentro do mesmo horizonte cartesiano, ao admitir como *Déscartes*, que existe um Eu posto em dúvida e torna possível as experiências.

O "Eu" se constitui na relação e, de fato é assim que ocorre. Mas da relação do Eu puro com um objeto mental, não existe possibilidade científica de pesquisa, pois o corpo é a mediação ontológica está descartado, assim como, os outros, a materialidade e o mundo. A relação é um processo transcendental ao sujeito é considerada como mental. A relação com os outros

nunca ultrapassa os limites da experiência puramente subjetiva e interna. Estamos escondidos dentro de nós mesmos, sem alcançar nosso ser diretamente, e o processo de produção do conhecimento, restringe-se a interpretações vazias de um objeto oculto.

Para Sartre a consciência é pura intencionalidade, pura relação com a realidade transcendente que lhe é constitutiva. Da mesma forma que a consciência para se dar não necessita de uma razão, mas de si mesma. É a dimensão transfenomênica do sujeito, um absoluto não substancial, distinto dos gregos e de Descartes. A própria idéia é resultado de uma consciência e não o contrário. Esta posição verificada por Sartre na *Ontologia Fenomenológica*, põe por terra o substancialismo postulado pelo pensamento metafísico, ou seja, a idéia de um mundo interior e de um Eu oculto, onde ocorrem os fenômenos psicológicos. O mundo é exterior por essência, assim como as leis, as verdades, o próprio Eu.

Com estas afirmações, caem por terra todas as psicologias mentalistas que faziam do homem um ser camuflado atrás de um corpo, de suas relações concretas com o mundo.

Não precisamos recorrer ao olho da alma platônico, a "res cogitans" cartesiana ou ao Eu Puro de Husserl, mais sim a realidade objetiva, tal como ela ocorre, para assim estabelecer como se dá a verdade sobre a consciência e sobre o Ego.

Para Bertolino " .... a tradição ocidental, desde os gregos até Husserl, embaralhou a questão teológica da existência da alma ou de sua relação com o corpo e, a questão psicológica quanto ao

*que seja uma personalidade, ou se preferem um Eu-Humano. E a Psicologia, antes de Sartre, não soube sair dessa confusão". (5)*

Mas o que vem a ser o *cógito*, tão discutido até este momento? O *cógito* é a consciência posicional de si ou refletida. Mas, para que a consciência seja posicional de si, precisa primeiro ser consciência posicional do objeto. Quando a consciência posicional de si, se vê refletindo criticamente sobre a consciência posicional do objeto, é que surge o *cógito*, portanto o EU.

Se estivéssemos falando de *Déscartes* a consciência reflexionante toma como objeto uma consciência reflexiva passada. Aqui a realidade não mudaria, pois a consciência se pensa a si mesma.

Para Sartre " toda consciência reflexionante é com efeito, em si mesma irrefletida e precisa de um ato novo, ao terceiro grau, para ser posicionada. Mas não reside nisso qualquer regressão ao infinito, porque uma consciência irrefletida não tem absolutamente necessidade de ser posta por outra, reflexionante, para ser consciência de si mesma. Simplesmente ela não se põe como objeto para si própria". (6)

Entretanto, não podemos desconsiderar o caráter psico-físico das relações concretas do EU. A experiência concreta do EU é a sua experiência com os outros estados, ações e coisas que fazemos. E, isto só é possível, ao se constituir uma organização

psicofísica que somos nós, por isso o corpo está sempre implicado na relação.

Distintamente do Eu concreto mediado pelas relações objetivas, o EU conceito acontece tomado como conceito, idéia pela consciência de uma atividade a ser realizada. Este Ego é uma perspectiva dele, no plano conceitual.

Assim, a transcendência do Ego é a demarcação do objeto da Psicologia, em seu status ontológico. Não temos como recorrer à consciência para apreender o que é o Ego. Temos sim que recorrer a relação concreta e, encontraremos o Ego como um existente do mundo. Assim, o Ego encontra-se no mesmo plano que os demais objetos da realidade transcendente, passível portanto de investigação e intervenção científica.

### **1.5.2 - A Demarcação do Objeto: A Personalidade**

Neste parte, estamos preocupados em compreender a ontologia do Ego, isto é, o fundamento do ser do Ego, da personalidade. Vimos que a consciência é pura relação, não substancial, nela nada habita, nada contém, nada a governa. Entretanto, ao descrevermos o ser, constatamos que ele é independente da consciência intencional.

Há necessidade de distinguir o aspecto psicológico do ontológico do Ego. No primeiro trabalhamos a teoria do desenvolvimento da personalidade, ou seja, como se estruturam as personalidades e, no segundo a sustentação ontológica do Ego.

Para abrir a discussão, vamos pontuar algumas questões de relevância para a demarcação da Personalidade:

- Qual a necessidade de esclarecer o ser do Ego e suas implicações para a Psicologia em sua atividade científica?
- A sustentação ontológica do Ego tem alguma repercussão sobre o cotidiano das pessoas e com elas mesmas?

Ao compreendemos o Ego segundo a metafísica, é impossível fazer qualquer ciência, bem como, intervir para resolver os problemas psicológicos. O Eu está dentro de nós, fora do nosso corpo e da relação com o mundo. Ao descrever o Ego, nos deparamos com um ser transcendente. O mundo está ao nosso alcance e dos demais. Tudo isto é constituído historicamente e passível de intervenção segura em Psicologia. Como assinalou Sartre:

*" Para a maioria dos filósofos, o Ego é um "habitante" da consciência. Nós vamos mostrar aqui que o Ego não está na consciência nem formal nem materialmente: ele está fora, no mundo; é um ser no mundo, tal como o Ego de outrem. (7)*

Para compreendermos a relação ontológica do Ego com a consciência, iniciaremos nossa reflexão retomando os pontos essenciais referentes à ontologia da consciência, isto é, da intencionalidade. A intencionalidade é pura relação, nada contém e nada a determina. Retomar esse aspecto é fundamental para sabermos que é a própria realidade da consciência que não comporta o Eu no seu interior.

As atitudes da consciência, ou seja, consciência de primeiro grau irrefletida e consciência de segundo grau refletida, serão indicativas da participação do Ego nestas consciências. Assim, é necessário verificar em que consistem os estados, as ações, e as qualidades que são os elementos constitutivos desse ser transcendente que é o Ego, e de que forma estão articulados.

Com a descrição da consciência, evidencia-se já o fato que rompe com as filosofias e conseqüentes psicologias metafísicas: O Eu não pode habitar a consciência, porque ela não tem interior para ser habitado.

A possibilidade do Ego se dá na consciência reflexiva crítica de segundo grau. Nas consciências de primeiro grau ou irrefletidas não aparecem o Eu. Isto implica nós não refletimos através do EU. Como também pelo fato do Eu não aparecer nas consciências irrefletidas, não significou que a consciência não pudesse refletir.

Quando a consciência refletida de segundo grau, toma outra consciência de terceiro grau como objeto, surge o EU. O Eu somente tem condições de aparecer ontologicamente para uma

consciência, que se vê no que faz, ou seja, quando ela põe uma consciência irrefletida como objeto de reflexão.

Outro dado a considerar é que a consciência irrefletida é independente e não precisa ser refletida para existir. Toda consciência reflexionante, para ser posicionada precisa de uma consciência de terceiro grau para refletí-la. Assim, o Ego existe por causa da consciência e não o contrário.

O estado é um objeto para minha consciência reflexiva. Assim, o mundo objetivo tem qualidades que não precisam do Eu para atribuir-lhes as qualidades. Simplesmente precisam de uma consciência demarcadora dos fenômenos. Dessa forma constituímos os estados, através da existência, nas relações com as coisas, com os outros, implicando um passado e um futuro para nosso ser. Assim, os estados são segundos em relação as experiências irrefletidas. As experiências passadas precisam ser tomadas como objeto de reflexão para serem totalizadas num Eu.

Os estados só se constituem porque a consciência fez o movimento da reflexão, ligando passado e futuro de modo a possibilitar a totalização de minhas experiências num estado, seja de amor ou de ódio, como objetos transcendentais à consciência. Os estados também são psicofísicos. As ações, assim como os estados, são elementos vividos e constitutivos concretos do Eu.

As qualidades são abstrações e totalizações dos estados e das ações. As qualidades são objetos transcendentais, mas não fazem parte dos experimentos concretos das relações. Por sua vez,

as qualidades devem ser vistas, através de como a própria pessoa unifica, a totalização dos estados e ações dela no mundo. A compreensão de que os estados e ações não decorrem das qualidades, mas ao contrário, as qualidades são totalizações de estados e ações concretas no mundo.

A constituição da personalidade começa com as experiências, e estas, por sua vez, totalizadas constituem objetos e ações. As totalizações destas possibilitam as qualidades. Da mesma forma não existe nada objetivamente comprovável que venha articular esses estados, ações e qualidades. A articulação toma as experiências, estados e ações como objetos de reflexão reconhecendo-os em processos relacionais.

*Para "Sartre o Ego aparece como fonte das consciências. Mas, exatamente face a isto, deveríamos considerar que ele aí aparece velado, pouco distinto da consciência, como uma pedra no fundo d'água e isto se deve a uma primeira impressão. Indo ao fundo desse fenômeno, verificamos que nada, salvo a própria consciência pode ser fonte dela" (8)*

O Ego como polo das ações, dos estados e qualidades é realizado pela criação contínua da consciência. As consciências se absorvem na relação com o mundo autonomamente em relação ao Eu, que não depende deste, nem do seu julgamento para ocorrerem. Desta forma, fica evidente a especificidade desse objeto Ego: é continuamente mantido pela consciência, à qual transcende com a opacidade característica de qualquer objeto. O Ego é a unidade

dos estados e das ações, ou seja, polo de unidade transcendente, tal como todo polo objeto de qualquer consciência irrefletida.

### **1.5.3 - A Definição do Objeto: A Personalidade**

Qualquer disciplina ao buscar a cientificidade, precisa ter claramente definido seu objeto de estudo, um método de verificação do seu conjunto de ocorrências objetivas transcendentais ao sujeito que investiga e, uma teoria que descreva o objeto sobre investigação. Esta descrição contudo, deve ser transcendente, pois precisa prestar contas à realidade objetiva.

*"O que a tradição filosófica ocidental fez foi encerrar o Eu-humano" no plano da subjetividade, inviabilizando com isso, a possibilidade de se fazer ciência em Psicologia" (9), ou qualquer outra ciência (grifos nossos).*

A demarcação da personalidade, iniciou-se em 1933, com o trabalho de Sartre, intitulado a "Transcendência do Ego". Nesta obra, Sartre mostrou objetivamente o Ego não como um não-habitante da consciência. O Ego se constitui como objeto transcendente, ele está no mundo, somos nós concreta e psicofisicamente.

A idéia de "intencionalidade da consciência", já desenvolvida por Husserl é suficiente para explicar a unidade e a personalidade do EU e, reafirmar as afirmações acima.

*"O Cogito é o ponto de partida para a constituição de uma Teoria da Personalidade, se quisermos fazer ciência é daí que deveremos partir"* (10)

*"A consciência é a dimensão transfenomênica do sujeito. É ela que torna possível o aparecimento do Eu, primeiro a pessoa existe como corpo-consciência, para em seguida se tornar determinado sujeito."* (11)

Mas, os autores que se ocuparam do Cogito não se deram conta de que ele implica uma operação reflexiva.

A experiência-de-ser só é possível, pela intervenção de uma consciência de segundo grau: uma consciência reflexionante que toma como objeto a anterior - consciência irrefletida, que agora passa a ser refletida por esta Segunda, isto é, seu objeto de reflexão.

A consciência reflexionante, por sua vez, é posicional do objeto e não posicional dela mesma, quer dizer, mantém-se o princípio da intencionalidade. O que a consciência reflexionante afirma, diz respeito ao seu objeto, isto é, a consciência

passada, refletida, que é tomada como objeto por ela, consciência atual.

Esta consciência reflexionante, entretanto, no exato instante em que reflete uma outra consciência, é ela mesma irrefletida, quer dizer ela é posicional do objeto e posicional do Eu, mas não é posicional dela mesma, não demarca a si mesma como objeto, é apenas consciente de ser consciência. Quando Eu digo "Eu penso" não estou me referindo ao meu pensamento propriamente dito, mas ao pensamento que ocorreu antes.

Ao tornar-se objeto para a consciência reflexionante, a consciência refletida não deixa de afirmar seu objeto próprio. Não damos conta necessariamente do nosso entorno. Esse Eu que aparece não como conteúdo da consciência, é sem dúvida, um existente real e transcendente, quer dizer, é a consciência que dele tenho. Assim, embora apareça apenas por ocasião de uma operação reflexiva, o Eu não é o resultado da reflexão, ele se dá através da consciência refletida. O Eu não desaparece após a reflexão, afirma sua permanência, aparecendo como uma história das experiências-de-ser atrás de si e com possibilidades de futuro à sua frente. A consciência não tem história, acontece e se esgota para dar acesso a uma nova consciência, o que permanece como síntese das experiências de ser é o EU. A consciência unifica as experiências, dando origem a um ser transcendente: o Ego. É ela que sustenta e torna possível o aparecimento do Eu. Primeiro a pessoa existe como corpo e consciência para em seguida se tornar determinado sujeito. Por outro lado, o Eu precisa

existir, acontecer, enfim, constituir-se enquanto uma ocorrência para que possamos demarcá-lo como objeto de consciência.

Para que eu me constate pensando, primeiro tenho que existir e estar pensando, para então, tomar este pensar como objeto e experienciar-me pensando.

O Eu é posterior à consciência em termos de aparecimento como fenômeno. Para sermos rigorosos não podemos afirmar jamais que "eu tenho consciência do filme", mas sim "há consciência do filme", pois a consciência como dimensão transfenomênica do sujeito é impessoal.

A seguir veremos os diferentes modos de manifestação da consciência na forma reflexiva e irreflexiva.

Quando estamos desenvolvendo uma atividade técnica, estamos envolvidos tecnicamente nesta atividade, não nos experienciamos como Eu. Estamos diante de um fenômeno conhecido como **consciência reflexiva espontânea**. O que somos não é objeto para esta consciência, entretanto, há reflexão na medida em que aparece entre nós e o objeto um saber que é a unificação de experiências passadas (consciências passadas). Este saber se impõe como um dever-ser, ou seja, uma direção de como fazer uma determinada análise. Isto se deve porque as consciências passadas não são objeto da minha consciência atual. Também não é refletida já que não é objeto para nenhuma outra consciência, é tão somente consciência de ser consciência do objeto, portanto irrefletida.

Num momento posterior Eu posso, porém, retornar para esta consciência de que falávamos e colocá-la como objeto de uma nova consciência. Aquela consciência passa a ser refletida e esta nova, reflexionante, no momento da reflexão é irrefletida. Neste momento aparece o EU. Quando o EU aparece, surge a **consciência reflexiva crítica**, que apreende o Eu na situação.

Na consciência **irreflexiva percipiente** não aparece o EU. Na percepção nos limitamos a destacar uma forma sobre o fundo. Nesta consciência nos reduzimos ao objeto percebido.

Na consciência **irreflexiva imaginante**, a imagem é real, mas esta imagem é a consciência de um objeto irreal, que não está sujeito as determinações da materialidade. Na consciência irreflexiva imaginante há apenas a consciência de objeto irreal, ou seja, objeto em imagem.

A consciência nunca se volta para si , é sempre intencional e, sempre se unifica num objeto exterior a ela. Existe então uma unidade das consciências numa unidade que é o saber, mediado pela própria realidade objetiva. É só pela reflexão que o ego aparece. O ego sustenta-se nas experiências psicofísicas, daí vem a sustentação ontológica do ser que somos. Essas experiências são nossa relação direta com o mundo e por isso irrevogáveis. O ego se desestrutura, a consciência não se complica, a experiência não tem como se desestruturar. O que somos é a razão direta de nossas ações e estados experienciados concretamente.

A próxima questão é de ordem metodológica. A compreensão está feita, o objeto é acessível, basta seguirmos o caminho adequado que teremos uma compreensão adequada de qualquer personalidade.

As etapas definidas para estudarmos os problemas do Ego são as seguintes: é preciso descrever com a pessoa as suas experiências, localizá-las em suas ações e sentimentos; localizá-las em relação ao seu presente, seu passado e seu futuro; desenvolver com ela uma reflexão crítica sobre seu movimento no mundo, tirando-a da cumplicidade. Este deve ser o objetivo de uma Geografia científica.

#### NOTAS

1. SILVA, Pedro Bertolino et al. A Personalidade. Florianópolis: NUCA Ed. Independentes, 1996. p.73
2. idem, p.77
3. idem, p.79
4. idem, p.80
5. idem, p.85
6. idem, p.86
7. idem, p.45
8. idem, p.76
9. idem, p.22
10. idem, p.26
11. idem p.29

## 1.6 - A Metodologia Adotada para Investigação

### 1.6.1 - A Modelagem Cognitiva

Conforme FIALHO (1) "a modelagem do processo cognitivo consiste na passagem de uma descrição dos processos cognitivos feita na linguagem da teoria psicológica, para uma descrição em uma linguagem formal que permita fazer cálculos ou simulações".

A modelagem cognitiva só se torna possível através de uma avaliação rigorosa da relação conceito/significado, para numa segunda etapa, estabelecermos as devidas correlações com a estrutura das racionalidades fundadoras das Escolas do Pensamento Geográfico.

Quando pensamos na modelagem cognitiva, não estávamos querendo ressuscitar a "Filosofia Analítica". Acreditamos que nem todos os problemas podem e devem ser resolvidos por meio de uma análise da linguagem. A significação atribuída pelos alunos, aos conceitos referentes a cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico, por exemplo. Nosso problema de pesquisa é objetivo e vincula os alunos numa relação de produção do conhecimento com o espaço geográfico.

A validação da modelagem cognitiva como metodologia de investigação, deve-se as suas possibilidades efetivas de

verificação do conjunto de significados que os alunos atribuem aos conceitos dados e sua conseqüente sistematização.

Queremos deixar claro, que se o conjunto de significados não for analisado a partir das estruturas elementares que sustentam a produção dos diferentes tipos de conhecimento, a pesquisa não dará conta dos seus objetivos.

As possibilidades de simulações de modelos de intervenção, passam necessariamente por uma identificação dos significados atribuídos aos conceitos. A partir desta definição torna-se possível através de indicadores circunscrever as variáveis que estruturam a compreensão das Escolas do Pensamento Geográfico.

Os indicadores e as respectivas variáveis analisadas com relação a produção dos tipos de conhecimento foram as seguintes:

- **OBJETO DE ESTUDO:** Lugar, Espaço, Território, Paisagem, Região, Topofilia e Redes;
- **DOCTRINAS:** Marxismo, Positivismo, Fenomenologismos, Materialismo, Materialismo Histórico, Materialismo Dialético, Mitologia, Teologia, Comunidades de Linguagem e de Comunidades de Pensamento;
- **CONCEITOS FUNDAMENTAIS:** Ordem, Organização, Produção, Planejamento, Controle, Experiência, Consciência e Tempo;
- **METODOLOGIA:** Escala, Cartografia, Quantitativo, Técnica,

- **MÉTODO:** Redução, Dedução, Indução, Descrição, Percepção, Imaginação, Reflexão, Representação, Explicação Compreensão, Ciência, Filosofia, Teoria, Método, Conjecturas, Refutações, Hipóteses, Epistemologia, Sujeito, Objeto;
- **COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:** Seminário, Simpósio, Painel, Colóquio, Congresso, Conferência
- **MODELOS:** Funcionalismo, Estruturalismo (Estrutura, forma, função e processo), Sistemismo e Holismo;
- **RAZÃO:** Razão, Razão Analítica, Concreta,, Crítica, Dialética, Instrumental, Mecânica e Prática;
- **PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS:** Localização, Extensão, Causalidade, Correlação, Atividade e Analogia;
- **DUALISMOS GEOGRÁFICOS:** Metafísica, Possibilismo x Determinismo, Físico x Humano, Homem x Meio, Sociedade x Natureza, Ideográfico x Nomotético e, Geografia x Geociências;
- **TIPOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO:** Dogmatismo, Ceticismo, Subjetivismo, Realismo, Pragmatismo, Criticismo, Racionalismo, Empirismo, Intelectualismo, Apriorismo, Fenomenalismo;

O conjunto de indicadores listados acima e suas respectivas variáveis relacionadas, por si só, já demonstram a complexidade conceitual das disciplinas sobre intervenção.

Para que pudéssemos utilizar a modelagem cognitiva como metodologia de investigação do nosso fenômeno, foi necessário estabelecer algumas diretrizes:

- Primeiramente, foi essencial delimitar através da literatura correspondente, quais seriam as Escolas do Pensamento Geográfico, ao longo da sistematização do seu próprio conhecimento, tarefa esta ainda mal definida para alguns autores;
- Na segunda etapa, fizemos um exaustivo trabalho de verificação dos conceitos fundadores da racionalidade de cada Escola da Geografia, além de alguns conceitos relacionados a prática da atividade científica;
- A modelagem cognitiva proposta foi estruturada através do processo que chamamos "estar em situação". Neste processo os alunos preencheram o quadro I, com os conceitos relacionados em sala de aula, sem consulta a nenhum material de referência;
- Após o término do preenchimento do quadro I, foi pedido que fizessem a mesma atividade, com o uso de dicionários especializados, procurando estabelecer uma relação entre estes conceitos e a Geografia, no quadro II;
- A terceira etapa, comum para os dois quadros, foi resumir os significados por conceito dado, já trabalhados por nível de ocorrência/similaridade;

- Ao final agrupamos os indicadores da modelagem cognitiva em duas grandes categorias analíticas: estruturação epistemológica e gnosiológica;

Nesta pesquisa, não formalizamos regras de decisão, para que os alunos criassem um algoritmo de seleção, com relação aos conceitos significados pré-estabelecidos. Pela condição dos mesmos "estarem em situação", foi possível atingir os objetivos propostos.

Não estávamos preocupados em identificar regras estáveis, que nos encaminhassem para uma padronização do nível de ocorrência de determinados significados atribuídos pelos alunos aos conceitos relacionados. Desta forma, o conjunto de significações variou consideravelmente, condição esta já esperada.

Para FIALHO (2) " a exigência de explicitação que condiciona o desenvolvimento da modelagem cognitiva, impõe que sejamos capazes de definir o funcionamento cognitivo a nível de um protocolo individual, isto é, dar uma interpretação do protocolo através dos processos que engendram os diferentes acontecimentos que o constituem (ações e verbalizações)".

Conforme nossa orientação teórica, a exigência de explicitação que condiciona o desenvolvimento da modelagem cognitiva, através de protocolos individuais, fecha com os diferentes níveis

de manifestação da consciência, durante o processo de formação da personalidade dos alunos pesquisados em relação aos significados atribuídos aos conceitos, principalmente, a consciência reflexiva que tratamos no desenvolvimento da Teoria da Personalidade em Sartre.

A partir da sumarização dos significados foi possível identificar efetivamente o nível de compreensão a respeito dos conceitos fornecidos, para realizar o processo de intervenção.

#### NOTAS

1. FIALHO, Francisco A P. *Modelagem Cognitiva. Notas de Aula*, 1998.
2. \_\_\_\_\_ . Idem 1.

### **1.7 - A Crítica dos Resultados da Constatação do Fenômeno**

A crítica dos resultados da investigação, conduziu-nos para uma avaliação sistemática da fundamentação dos principais conceitos que estruturam a compreensão dos alunos de graduação, com relação ao conhecimento geográfico.

Para se estabelecer uma crítica dos resultados da investigação, considerando a compreensão das variáveis ligadas a epistemologia, foi necessário demarcar os seguintes indicadores: Princípios Geográficos, Objeto de Estudo, Método, Metodologia, Modelos, Doutrinas e Comunicação científica. Estas variáveis foram organizadas para posterior análise no anexo III e IV. As variáveis relativas aos problemas gnosiológicos ( conceitos fundamentais, os tipos de conhecimento, dualismos e os tipos de razão) foram organizadas no anexo III e IV, para posterior análise. As variáveis foram organizadas concomitantemente nos dois anexos, em face dos dois tipos de verificação realizados: empírico/metafísico e científico. Convém ressaltar que esta classificação foi utilizada para estabelecer o desenvolvimento da crítica e será desdobrada em duas partes: os significados formulados numa perspectiva empírica e os significados atribuídos através de dicionários de termos técnicos.

### 1.7.1 - A Crítica dos Resultados da Investigação - Estruturação Epistemológica

Procuraremos a seguir, fazer a crítica dos resultados da investigação, através dos indicadores de estruturação epistemológica, citados no anexo III e IV:

- **Princípios Geográficos:**

Os princípios geográficos (**Localização, Extensão, Causalidade, Correlação, Atividade e Analogia**) são considerados os elementos fundadores do saber Geográfico. Verificando o conjunto de significados atribuídos pelos alunos para este grupo de conceitos, podemos constatar que:

- A possibilidade de demarcação do que seria o fenômeno geográfico é caracterizada pelos princípios da "localização" (situação dos fenômenos no espaço) e, complementada pela "extensão" (área de ocorrência do fenômeno geográfico), como por exemplo: **O uso do solo urbano na Região Metropolitana (Extensão) de São Paulo (Localização)**. Para os alunos, a localização não aparece atrelada com as preocupações da Geografia. A extensão, por sua vez, apresenta significados ligados a Física, tanto no anexo III quanto no anexo IV;

- A "causalidade" é um princípio com raízes na metafísica, estabelecida com recurso ao binômio causa-efeito, a verdade primeira e absoluta dos fatos e não dos fenômenos, como por exemplo: **O movimento da terra (causa) promove a sucessão do dia e da noite(efeito).** Para os alunos nos dois níveis de análise (anexo III e IV), a causalidade ficou demarcada como a relação de causa-efeito;
- Na "correlação" os fatos geográficos mantêm relações entre si, devendo ser observadas suas interdependências. Não confundir correlação com causalidade, pois estes princípios são muito próximos, como por exemplo: **O clima equatorial quente e úmido da Amazônia é responsável pela floresta que lá existe.** Para os alunos, nos dois níveis de análise, a correlação ficou demarcada como relação entre dois elementos/objetos;
- No princípio "atividade" há um relacionamento entre a dinâmica dos fatos e a mudança da organização do espaço. A "atividade" procura pontuar que o espaço muda, como por exemplo: **A agricultura praticada pelo caboclo é de subsistência, por isso apresenta baixa produtividade.** Para os alunos nos dois níveis de análise, a atividade ficou demarcada como ação realizada e não como dinâmica espacial;

- Na "analogia" existe uma preocupação em comparar fenômenos geográficos em diferentes espaços, buscando suas semelhanças, como por exemplo: **agriculturas de subsistência são encontradas no interior da África e dos países da América Latina.** Para os alunos nos dois níveis de análise, a analogia ficou demarcada por semelhança;

Se os princípios geográficos são considerados os elementos motores do saber geográfico, fica difícil estabelecer o desenvolvimento da produção do conhecimento científico, pois:

- A localização e a extensão estabelecem a visibilidade de um fenômeno e não a sua demarcação, em termos objetivos, se considerarmos o conjunto de ocorrências que sustentam o uso do solo na região metropolitana de São Paulo, conforme exemplo referenciado acima;
- A causalidade ao invés de remeter suas explicações para a verificação do conjunto de ocorrências objetivas dos fenômenos, circunscreve-se ao binômio causa - efeito;
- A correlação entre dois objetos, não deve ser confundida com conjunto de ocorrências objetivas de vários fenômenos que possam ser correlacionados em alguns pontos fundamentais, que podem possuir diferentes conjuntos de ocorrências objetivas;

- Na atividade, insere-se a dinâmica dos fenômenos geográficos, como condição para se estudar Geografia. Os fenômenos geográficos são os mesmos, o que muda com a dinâmica são novas variáveis promotoras que alteram os fenômenos;
- A analogia ficou demarcada como semelhança, elemento fundador dos estudos comparados. Convém ressaltar que só podemos comparar fenômenos passíveis de constatação no mesmo universo estatístico, segundo um conjunto de ocorrências verificadas e não pelas suas semelhanças;

Como aconteceu com as respostas do anexo III, o mesmo aconteceu quando nos remetemos para o anexo IV, ao referenciar os princípios com base em dicionários especializados. Pudemos constatar que há pouca diferença, em termos de sistematização dos significados por conceito.

• **Objeto de Estudo:**

O objeto de estudo da Geografia, o espaço, apresenta-se com vários conceitos (lugar, território, paisagem, topofilia e redes), considerados em alguns momentos como escalas de análise da atividade humana sobre o espaço. Fica claro nos dois anexos III e IV, para os alunos que não existe uma definição de cada um dos

termos. Os termos parecem objetivar-se num mesmo fenômeno analítico. Ao não existir uma definição clara de espaço para a Geografia, cria-se um problema epistemológico. Diante disto torna-se difícil fazer da geografia uma ciência pois seu objeto, não está demarcado e, possui várias acepções. No caso de considerarmos o conjunto de ocorrências definidoras cada um dos conceitos listados acima, verificamos que não existe uma unidade entre os mesmos, seja em nível de conceituação ou de significado, pois correspondem a doutrinas distintas;

• **Método:**

Examinando os dois anexos, o método em alguns casos é confundido com metodologia. A explicitação do método, em sua fundamentação científica, é assumido como um algoritmo para se produzir o conhecimento científico. Entretanto, o mesmo é compreendido como "modo de utilização de metodologias para verificar o conjunto de ocorrências objetivas que definem o fenômeno;

• **Metodologia:**

Para os alunos o termo "metodologia" é traduzido através das seguintes expressões: técnicas, ferramentas, CASE (Computer Aided System Engineering), instrumentos e mecanismos utilizados para se conduzir

uma pesquisa. Para os alunos a metodologia não é confundida com método declaradamente;

• **Modelos:**

Com relação aos modelos existe a mesma duplicidade de significados, pois os mesmos são lógicos e não científicos. Nos modelos lógicos, a lógica estabelece o conjunto de verdades que definem os fenômenos e não a realidade, por isso a realidade não é traduzida adequadamente, nem os seus significados;

**Doutrinas:**

A doutrina é um conjunto sistemático de concepções de ordem teórica ensinadas como verdadeiras por um autor, por um conjunto de autores ou por um mestre de pensamento. Nas doutrinas, a autoridade moral do pensador é primeira e determina a compreensão dos fenômenos a partir de sua estrutura e, não da verificação do conjunto de ocorrências objetivas. Uma doutrina não fundamenta uma verdade científica, pois não é indicativa do fenômeno analisado.

• **Comunicação científica:**

Quando nos referimos aos significados dos tipos de comunicação científica, estávamos na verdade, querendo verificar se para os alunos existia distinção entre os diversos tipos de comunicação científica, caracterizando diferentes níveis de informação e divulgação da

produção científica. Considerando o conjunto de conceitos trabalhados, em nenhum momento aparece uma distinção precisa ligada entre o tipo de evento e o caráter da comunicação científica específica para tais finalidades;

### 1.7.2 - A Crítica dos Resultados da Investigação - A Estruturação Gnosiológica.

A seguir, teceremos considerações sobre os resultados da investigação, considerando a sua estruturação gnosiológica.

- **Conceitos fundamentais:**

Os conceitos fundamentais estão relacionados a cada uma das doutrinas que estruturam as Escolas do Pensamento Geográfico. Os significados foram listados genericamente conforme o entendimento de cada aluno, a partir de suas relações objetivas, menos com os fundamentos que os determinam.

- **Tipos de Conhecimento:**

Os tipos de produção do conhecimento também inseriram-se na mesma perspectiva citada acima, ou seja, não houve uma distinção entre os tipos de produção do conhecimento e, sua correspondência em termos de prática da atividade científica;

- **Dualismos:**

Os "dualismos" foram entendidos como "monismos", pois os alunos entenderam cada conceito, independente da relação dual com o seu par, assumindo cada conceito, como algo distinto e sem relação. Mesmo assim, os significados dos dualismos não demonstram ligação, mas sim independência.

**Tipos de razão:**

Os tipos de razão ficaram definidos pelos alunos como "motivo" e, também, a partir de seu adjetivo (Analítica, Concreta, Crítica, etc..), como por exemplo: razão analítica é a que faz análise. A razão em si, não foi entendida como deveria ser, ou seja, fundamento de organização metafísica de produção do conhecimento.

A crítica dos resultados da investigação demonstra que:

- O ensino de disciplinas com conteúdo teórico não tem efeito desejável. Torna-se importante conseguir que haja uma passagem da postura empírica/metafísica de produção do conhecimento para uma postura científica;
- A leitura de textos e aulas expositivas sem fundamentação científica, não leva os alunos a refletirem sobre sua condição na relação com o conhecimento. Também eles não demonstram alcançar a

possibilidade de produzir conhecimento científico na Geografia;

- Os professores dificilmente fazem uma separação epistemológica dos tipos de conhecimento existentes com o científico, bem como não distinguem método de metodologia, teoria de doutrina, fato de fenômeno, modelo lógico de modelo científico, leis da natureza e leis científicas, hipóteses com pressuposições, validação social do conhecimento com validação científica do conhecimento, dentre outras. Esta condição se reflete na bibliografia, na prática da atividade científica, bem como, no resultado apresentado pelos alunos no processo de ensino-aprendizagem;
- Torna-se necessário integrar os conceitos e seus significados científicos, na estrutura de organização de produção do conhecimento dos alunos. A partir deste ponto é possível estabelecer relações entre as suas verdades a respeito dos conceitos trabalhados, que estruturam-se na metafísica e no empirismo, com as definições e os desdobramentos do método científico;
- Os dicionários de língua portuguesa não tratam cientificamente dos significados dos conceitos. Os verbetes são atribuídos segundo o uso corrente dos

mesmos e não conforme o significado próprio de uma ciência;

- A utilização de dicionários especializados, por sua vez, também não é satisfatória. Muitos significados estão sustentados na lógica, no empirismo e na metafísica, havendo necessidade de uma reelaboração e avaliação dos significados apresentados;
- Para os alunos existe uma desconexão entre os conceitos e o contexto de sua significação na Geografia. Esta desunião acarreta problemas de ordem epistemológica e psicológica, ao reduzir o empirismo e a metafísica como expressão da verdade, através do processo de relação;
- A percepção é tomada como fundamento da verdade científica, pois a realidade é objetiva diante dos olhos do pesquisador. Desta forma, fica difícil, contrariar a percepção como uma forma acientífica de produção do conhecimento;
- Os desdobramentos da obra de Khun (Estrutura das Revoluções Científicas), dão a cada aluno a possibilidade de atribuir, sustentados na autoridade dos mesmos, o significado e a verdade a partir de suas experiências, como etapas da produção do conhecimento científico. Assim, os fenômenos são reduzidos a fatos e experiências, quando o

experimento é que determina a possibilidade de se fazer ciência;

- Quando os professores utilizam doutrinas como teorias, metodologias como método, traduzindo fenômenos por fatos, qualquer coisa que se faça na Universidade é ciência. Da mesma forma, esta prática da atividade científica, é repassada para os alunos de graduação e pós-graduação. Neste sentido, cabe refletir sobre a função social do professor nas Universidades. Se o mesmo lá está para produzir ciência e não outra coisa qualquer? qual o nível de intervenção e de legitimidade que os professores possuem para transformar a sociedade da qual fazem parte?
- Muitas metodologias de verificação de fenômenos, por terem sido validadas socialmente e não cientificamente, adquirem o caráter de teoria. Convém ressaltar que metodologia é distinta da teoria;
- Quando solicitamos aos alunos para recorrerem aos significados dos conceitos selecionados, para executar as atividades nas duas disciplinas, estávamos fazendo com que cada um retomasse suas consciências passadas, a respeito dos significados atribuídos aos conceitos que possuíam;

- A experiência cotidiana dos alunos na significação dos conceitos, sem uma avaliação reflexiva, não leva a nenhuma possibilidade efetiva de instrumentalização de produção da pesquisa científica contextualizada em fenômenos objetivos.

Na etapa de investigação procuramos proporcionar, aos alunos, o afloramento de sua **consciência irreflexiva percipiente**, pois os mesmos, se viram reduzidos a necessidade de situar somente as significações dos conceitos requeridos, sem a preocupação posterior de reflexão sobre a atividade que estavam desenvolvendo.

Através do processo de relação (aluno x conceitos) e da utilização dos dicionários, os alunos descreveram os significados derivados de estudos já elaborados. Esta atividade está sustentada na **consciência reflexiva espontânea**, ou seja, os alunos reduziram -se a consciência de outro, para sustentar suas afirmações. Desta forma, ao não tomarem posição com relação aos significados, também não apareceu o Eu, a personalidade.

Neste momento, a descrição dos significados estava reduzida ao nível da percepção que tinham de cada um dos conceitos. Assim, surgiram os significados empíricos e metafísicos, pois a percepção não vai além de perceber uma forma sobre um fundo.

No momento desta investigação a consciência dos alunos é posicional dos significados e não dela mesma, ou também chamada de "consciência irrefletida".

Verificando as considerações realizadas acima, constatamos a gravidade do problema da produção do conhecimento científico nas universidades, em especial no Curso de Graduação em Geografia da UFSC, concomitantemente ao tratamento dado pelos professores a prática de sua atividade científica em termos de revisão epistemológica e gnosiológica.

Propomos no capítulo II além da intervenção científica nas duas disciplinas, uma intervenção na dinâmica da personalidade dos alunos do referido curso de graduação, no que diz respeito ao conteúdo das duas disciplinas em questão, ou seja, TMG e IPG.

Esperamos estar contribuindo, a partir da investigação realizada, para a erradicação dos equívocos resultantes da prática da atividade científica e dos danos provocados aos alunos de graduação, no processo de ensino e aprendizagem, no curso de graduação em Geografia da UFSC.

## Capítulo II - O Processo de Intervenção no Fenômeno

### 2.1 - A Demarcação do Nível de Intervenção no Fenômeno

A demarcação do nível de intervenção do fenômeno analisado está circunscrito:

- A possibilidade de identificação pelos alunos dos diferentes tipos de conhecimento das Escolas do Pensamento Geográfico, caracterizando as sustentadas no conhecimento científico e as estruturadas no conhecimento empírico/metafísico;
- Colocar os alunos "em situação" através da representação do fundamento de cada Escola, num fenômeno objetivo do seu cotidiano, para que os mesmos, além de estabelecer as correlações devidas, vivenciem cada Escola, enquanto processo de relação dos diferentes modos de organização do espaço geográfico;
- Propor uma nova estruturação das disciplinas IPG e TMG para o curso de graduação em Geografia, considerando as questões discutidas até o presente momento.

## 2.2 - Identificação das Variáveis que sofrerão Intervenção

Considerando o conjunto de ocorrências objetivas que demarcaram o fenômeno, achamos necessária a intervenção das seguintes variáveis:

- A estrutura da ementa das duas disciplinas;
- A mudança da dinâmica da personalidade dos alunos, com vistas à distinção entre o conhecimento empírico/metafísico e o conhecimento científico;
- O desenvolvimento de uma prática científica para a produção do conhecimento geográfico.

A partir da identificação das variáveis que sofrerão intervenção, trataremos a seguir das hipóteses de trabalho para intervenção.

## 2.3 - As Hipóteses de Trabalho para Intervenção...

Nossas hipóteses de trabalho para intervenção, estão orientadas em duas direções:

- A primeira estará orientada para a mudança da personalidade dos alunos com relação a identificação dos diferentes tipos de conhecimento e sua interrelação com as Escolas do Pensamento Geográfico e, a integração com a análise atual de fenômenos geográficos. Para atingir

nossos objetivos, acreditamos que se o fizermos através de aulas expositivas uma discussão de orientação epistemológica, seguida do RPG, estaremos re(organizando) a dinâmica da aprendizagem das disciplinas na personalidade dos alunos;

- A segunda hipótese está dirigida para a reestruturação da ementa das duas disciplinas. Acreditamos que a estrutura das duas disciplinas formam um bloco teórico- metodológico e não oferecem condições para a execução da proposta de ensino-aprendizagem da forma como estão estruturadas e defendida nesta pesquisa.

A seguir, detalharemos a metodologia adotada para intervenção na análise do fenômeno em questão: O RPG - Role Playing Games.

#### **2.4 - A Metodologia Adotada para Intervenção**

A metodologia de intervenção derivada da Inteligência Aplicada é denominada de RPG - ou Role Playing Games. O RPG é um modelo lógico de representação de fenômenos objetivos, através de uma metodologia de investigação estruturada em ambientações ficcionais. O RPG é um jogo criado nos Estados Unidos em 1973, também conhecido como Jogo de Representação de Papéis. O RPG se caracteriza como um gênero de jogo, num universo lúdico unido por

um elemento em comum, a interpretação de personagens simulando situações da vida real.

#### **2.4.1 - OS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO RPG**

O RPG é uma metodologia de intervenção adotada para responder as necessidades de mudança da dinâmica da personalidade dos alunos do curso de graduação em Geografia, com relação a sua postura frente ao conhecimento científico. Os elementos estruturais do RPG são os seguintes:

- **GM (Game Master)** : Também conhecido como Professor, Storyteller ou Narrador. Ele descreve as cenas, comanda a história, controla as etapas e distribui as tarefas.
- **PC (Player Character)**: Certos alunos que operam o jogo.
- **NPC (Non-Player Character)** : Demais alunos aparecem durante o jogo.
- **D-10**: Corresponde a um dado de dez lados;
- **Rolar os Dados**: Expressão usada para dizer quem vai jogar os dados.
- **Screen**: Consiste num anteparo onde o Professor se instala para desenvolver as estratégias e os encaminhamentos desenvolvidos pelos PC.
- **Planilha**: Trata-se do script durante todo o jogo, onde estão as suas instruções e onde você deverá anotar as

possíveis alterações. No script são anotados os pontos fortes, fracos e alterações sensíveis no transcorrer do RPG.

- **Aventura:** É um jogo de RPG mais curto.
- **Campanha:** É um jogo de RPG de maiores proporções, muito comum em jogos estilo medieval, nos quais você vai viver a vida de um personagem.
- **Cena:** A cena é um pedaço de uma aventura ou campanha.
- **Sessão:** É cada parte do jogo, que é resolvida, como parte do jogo maior.
- **Sistema de Jogo:** Compõe o conjunto de regras do jogo.
- **Ambientações:** As ambientações são os cenários onde as discussões serão desenvolvidas. As ambientações podem ser de várias naturezas:
  - **Ambientações Ficcionalis:** Aquelas onde não existe limitação para o desenvolvimento das estratégias e da consecução dos objetivos.
  - **Ambientações baseadas em Simulações:** Aquelas planejadas para atingirem determinados objetivos, seguindo um roteiro pré-determinado.
  - **Ambientações Históricas:** Aquelas representativas das contradições de cada época estudada, a partir da determinação de objetivos específicos.

- **Script:** Ficha do personagem que contém todos os dados e informações sobre o mesmo e o jogo.
- **Documentos:** São acessórios opcionais para o desenvolvimento das simulações, tais como: miniaturas, mapas, maquetes, etc.
- **Sistema de Regras:** O sistema de regras do RPG serve para organizar a ação dos personagens durante a simulação da aprendizagem, determinando os limites do que podem ou não fazer. O sistema de regras tem como finalidade fazer uma simulação da realidade, influenciando a ação dos personagens nas ações mais complexas. Como não há apenas um sistema de regras para cada jogo, as possibilidades de jogos de RPG se multiplicam ainda mais, pois cada ambientação pode ser desenvolvida por diferentes sistemas de regras. Em linhas gerais, as regras a serem seguidas num RPG são as seguintes:

- O professor não se limita apenas a narrar a história e descrever os cenários; ele também é responsável pela interpretação de todos os personagens da trama que não são "controlados" pelos jogadores, normalmente os vilões, os coadjuvantes, e eventuais criaturas, animais ou outros seres. Entretanto, o professor não dirige o destino das histórias;
- O professor joga a favor da história. Suas decisões devem levar em conta o que é melhor para o

desenvolvimento da história e para a aprendizagem dos alunos;

- O RPG exerce um importante papel cultural, resgatando a tradição oral no momento em que a informática ameaça monopolizar os meios de comunicação e provocando uma nova revolução das relações sociais e econômicas;
- O RPG possui uma característica que o destaca dos demais, a Representação. A Representação é um elemento de sublimação e de mediação entre o indivíduo e a realidade. No RPG, o jogador vai vivenciar a representação de forma mais intensa, extrapolando os limites da aprendizagem;
- Os profissionais de várias áreas começam a perceber a força de integração do RPG. Se nos tornarmos observadores mais atentos, constataremos a capacidade do RPG como um auxiliar pedagógico, pois o jogo estimula uma troca constante de experiências;
- O objetivo do jogo não é ganhar (uma vital diferença dos outros jogos), mas completar uma história. Talvez seja este o único objetivo do jogo;
- O narrador terá que provar a todos os jogadores/personagens, e ao próprio jogador controlador, que ele também tem o seu valor, o seu brilho próprio, a partir de seu script, estruturado na forma a seguir:

1- Qual é o conflito a ser resolvido?	
2- Quais são seus interesses no conflito?	
3- Quem você representa?	
4- Quem são seus adversários? Enumere-os e classifique-os socialmente.	
5- Quais os acontecimentos que levaram a tomar a decisão de intervenção?	
6- Onde e quando o acontecimento se desenrola?	
7- Qual o seu objetivo Final?	
8- Quais são os fatores determinantes: estrutura política, econômica, social, religiosa etc?	
9- Quais são as formas de controle/repressão que pretende utilizar?	
10- Tipos de estratégias adotadas para cada um dos adversários?	

## 2.5 - A Crítica dos Resultados da Alteração do Fenômeno.

A crítica dos resultados da alteração do fenômeno está dividida em duas etapas: a mudança da dinâmica da personalidade dos alunos de graduação com relação aos diferentes tipos de conhecimento e a reestruturação da ementa das duas disciplinas.

Com relação a primeira etapa, trataremos da análise do RPG simultaneamente ao seu resultado desenvolvido em sala de aula. Acreditamos serem estas duas etapas extremamente importantes para que o alcance dos objetivos desta pesquisa.

O script de cada um dos integrantes do RPG de sua respectiva Escola, procurará evidenciar o seu processo de relação no contexto, de cada um dos fenômenos analisados em cada RPG. A síntese do script de cada um dos personagens do RPG de cada uma das setes Escolas, está no anexo V.

### 2.5.1 - A Estruturação do RPG de cada Escola do Pensamento Geográfico.

A seguir, será fornecido o resultado do RPG correspondente a cada uma das sete Escolas do Pensamento Geográfico, desenvolvido pelos alunos de graduação em Geografia.

### 2.5.1.1 - RPG 1 - A Escola Clássica.

O texto que condensa os resultados do RPG da Escola Clássica, os alunos que a interpretaram, como aquela onde o conhecimento científico não era sistematizado. Seus fundamentos estavam sustentados na razão ou no controle do poder dominante. Os acontecimentos não eram comprovados cientificamente e a lógica era utilizada para controlar o povo. A escola clássica é a compreensão do espaço através da cosmologia, mitologia e Teologia. Após estas considerações, a equipe definiu cosmologia, mitologia e teologia, a partir de dicionários e obras com caráter técnico. Estas compreensões, mesmo em alguns pontos equivocadas, foram resultado de aulas expositivas, sobre cada uma das sete escolas do pensamento geográfico, iniciadas no semestre antes do desenvolvimento e estruturação dos RPG's. Aqui os fenômenos foram traduzidos como acontecimentos e a Cosmogonia por Cosmologia.

A ambientação realizada teve um caráter histórico e simulado, ao utilizar a ocorrência de um fenômeno cosmológico, para estabelecer o RPG desta Escola da Geografia, conforme veremos a seguir:

- **Enredo:** No século XVI, na cidade de Praga, o Rei Henrique I estava desesperado com a situação dos cofres reais, gastava-se muito dinheiro para sustentar a corte e a igreja. O Rei mandava cobrar impostos do povo e, estes, recusavam-se a pagar, tornando-os cada vez mais miserá

veis. Surgiu então um fenômeno celeste, que a todos atormentava. Uma estrela cuja cintilação e magnitude atingiu uma tal intensidade que era visível a vista desarmada, mesmo durante a luz do dia. O povo desesperado, sem ter noção da real situação, acreditava em tudo que era dito. A corte não querendo abster-se de todo seu luxo e extravagâncias, uniu-se a igreja e, juntos dominaram a situação criada em torno do fenômeno. O povo por sua vez, não tinha como se defender das manipulações do poder dominante, que se aproveitava de sua ignorância. Na época em que se passou a história, ninguém procurava verificar cientificamente se as informações passadas eram reais ou não. O povo, simplesmente, obedecia ao que era imposto pelos mais sábios e poderosos.

#### **Ambientação I: Palácio Real**

1. Aparece uma Estrela no céu, que motiva uma conversa entre o Rei e o Cardeal.

1. O Rei chama o Cardeal ao palácio.

**Rei:** Meu caro amigo, bem sabes da nossa situação financeira. Chamei-lhe aqui para encontrarmos juntos uma resposta para nosso problema.

**Cardeal:** Podemos nos aproveitar dessa estranha estrela que a todos atormenta.

**REI:** Devemos contratar um ASTRÔNOMO, que dirá ao povo que essa estrela de brilho estranho foi mandada por Deus e, se eles não pagarem os impostos, ela irá cair na terra e a todos matará.

**Cardeal:** Sendo o ASTRÔNOMO um especialista, o povo então irá acreditar em tudo que ele falar.

**Rei:** Mandarei logo um mensageiro a procura do ASTRÔNOMO que não se negará a ajudar-nos.

### **Ambientação 2: Observatório do Astrônomo**

1. O mensageiro vai ao encontro do astrônomo a serviço do rei, para que o mesmo compareça ao Palácio.

**Mensageiro:** Sua majestade deseja vê-lo imediatamente no palácio.

**Astrônomo:** Sabes o que ele quer comigo?

**Mensageiro:** Não senhor, trago apenas este recado.

**Astrônomo:** Diga ao rei que irei o mais rápido possível.

### **Ambientação 3: Palácio Real**

1. O Rei propõe ao Astrônomo que forneça uma explicação ao povo do que significa o forte brilho da estrela no céu.

**Rei:** Meu caro amigo, em virtude da difícil situação dos cofres reais, você me ajudará a tirar lucros dessa estrela de brilho intenso, que surgiu por esses dias, a qual você já deve ter observado.

**Astrônomo:** Sim meu amigo, mas como farei isto?

**Rei:** Você dirá ao povo que esta estrela foi mandada por Deus, em motivo da pequena quantidade de impostos pagos, e se eles não pagarem os impostos, ela irá cair na terra matando a todos. Sendo o povo ignorante, acreditará em você, uma pessoa esclarecida neste assunto.

**Astrônomo:** Em relação a igreja, qual sua posição diante deste fato?

**Rei:** Fique tranqüilo, o Cardeal já esta ciente e concordou com tudo, contanto que sua igreja receba boa parte destes lucros.

**Astrônomo:** Quanto vossa majestade irá me pagar, para que eu engane o povo?

**Rei:** Irei dar-lhe 100 moedas de ouro pelo serviço prestado.

**Astrônomo:** Pode contar com minha ajuda, pois não decepcionarei vossa majestade.

#### **Ambientação 4: Praça Pública**

1. O Astrônomo expõe ao povo o significado do fenômeno. O Cardeal por sua vez, fala como a tragédia pode ser evitada e o Rei apoia esta idéia.

**Astrônomo:** Venho a pedido do Rei, explicar-lhes o porque do intenso brilho desta estrela, que surgiu nestes últimos dias assustando todas as pessoas.

**Cardeal:** Meus filhos, sinto-me no dever de alertá-los. O nosso reino precisa recolher impostos para evitar que Deus se ire e

mande cair sobre nós esta estrela e esta é a única solução para evitar o fim de todos.

**Rei:** Meus súditos, não é preciso entrar em pânico, basta que vocês paguem e nada de mal acontecerá.

#### **Ambientação 5:** Casa de um camponês

1. O cobrador vai até um camponês cobrar os impostos, consegue cobrá-los, mas houveram diversas reclamações.

**Cobrador de Impostos:** Estou aqui a serviço da sua majestade, o Rei, vim cobrar os impostos.

**Camponês:** Mais e mais impostos a cada dia. Esses impostos quase nos fazem passar fome.

**Cobrador de Impostos:** Não reclame Camponês, esses impostos são para salvar sua vida. Dê-me de logo estas moedas, pois tenho que cobrar outros impostos.

#### **Ambientação 6:** Palácio Real

1. O cobrador de impostos presta contas dos impostos recolhidos ao Rei. O cobrador de impostos entrega ao Rei a quantia arrecadada e fala sobre a dificuldade da cobrança dos impostos.

**Cobrador de Impostos:** Vossa majestade, entrego-lhe o valor arrecadado, mas devo-lhe dizer que a maior parte do povo afirma nada ter, nem mesmo para comer e, algumas pessoas parecem não acreditar na possibilidade do choque da estrela.

**Rei:** Está bem, tomarei providências. Quero falar com o Cardeal.

**Ambientação 7: Catedral de Praga**

1. O Rei pede que o Cardeal convença os camponeses ainda descrentes da possível catástrofe.

**Rei:** Sua santidade, recebi notícias de que alguns camponeses não estão aceitando totalmente a história planejada por nós.

**Cardeal:** Ora majestade, o tempo está passando. Este fenômeno possivelmente não irá durar para sempre, não podemos perder esta oportunidade, pois no fim desta história vou cobrar o que é me devido, quero dizer, o que é de Deus por origem.

**Rei:** É claro Eminência, peço-lhe mais alguns dias, afinal de contas a igreja não está em situação tão ruim assim, Deus pode esperar um pouco mais, não foi ele mesmo que disse ser a paciência uma virtude?

**Cardeal:** Estás certo, irei celebrar uma grande missa em Praça Pública, falando das vontades de Deus e da necessidade do pagamento dos impostos sugeridos.

**Ambientação 8: Praça Pública**

1. O Cardeal celebra uma missa em presença do povo, onde delibera sobre a importância da colaboração de todos no pagamento dos impostos.

**Cardeal:** Irmãos e irmãs, estamos hoje aqui reunidos para celebrar uma missa em devoção a Deus, ressaltando a importância de sempre atendermos suas vontades. Neste momento de aflição, em virtude do aparecimento dessa estrela de brilho intenso e da

catástrofe que se aproxima, temos que refletir e nos esforçarmos ao máximo para cooperar com o Rei. Isso vos digo com a maior boa fé e, com o melhor dos pensamentos, para que junto possamos superar este momento de angustia.

#### **Ambientação 9: Praça Pública**

1. Após a missa, surge uma pessoa com idéias contrárias as do Rei e do Cardeal, tentando esclarecer os camponeses, sobre o que está acontecendo.

**Conspirador:** Meus amigos, o Rei esta enganando a todos vocês. Tudo o que ele disse é mentira.

**Camponês:** Como você soube disso?

**Conspirador:** Eu sei, não passa de um fenômeno astronômico, é uma estrela com grande brilho e logo enfraquecerá lentamente, ou seja, ela nunca cairá na terra.

**Camponês:** E quanto às afirmações da igreja?

**Conspirador:** Estão todos com o mesmo propósito, enganar e manipular vocês, lucrando com a inocência de todos.

#### **Ambientação 10: Palácio Real**

1. O Cobrador de impostos observou enquanto executava seu trabalho que alguém discordava das idéias do Rei. Então, foi até o Rei falar-lhe o que havia ouvido.

**Cobrador de Impostos:** Sua majestade, enquanto cobrava impostos, observei alguém que conspirava contra suas idéias.

**Rei:** Pois então , procure-o e diga que desejo vê-lo imediatamente.

#### **Ambientação 11: Na Aldeia**

1. O cobrador de impostos vai em busca do conspirador , com o objetivo de atrair-lhe para uma conversa com o rei, sobre suas reações à cobrança de impostos.

**Cobrador de Impostos:** Vim te avisar que vossa majestade, o Rei, deseja vê-lo.

**Conspirador:** O que ele deseja comigo?

**Cobrador de Impostos:** Não sei, apenas cumpro ordens.

**Conspirador:** Diga-o que irei.

#### **Ambientação 12 - Palácio Real**

1. O encontro entre o Rei, o Cardeal e o Conspirador.

**Conspirador:** O que vossa majestade deseja comigo?

**Rei:** Chegou aos meus ouvidos que você está conspirando contra as minhas idéias e as de sua eminência. Você está dizendo ao povo que isso é um fenômeno astronômico e logo passará!

**Cardeal:** Você está fazendo com que o povo não acredite mais em nós.

**Conspirador:** Estou apenas expondo a verdade ao povo, ao contrário de vocês, que se aproveitam desse fenômeno astronômico para tirar vantagens da ignorância do povo.

**Rei:** Você desmente tudo que disse diante dos camponeses ou será levado à INQUISIÇÃO. Decida, SIM ou NÃO?

**Conspirador:** Jamais teria coragem de enganar o povo, minha resposta é não.

**Cardeal:** Então daremos início ao processo da INQUISIÇÃO, tendo como principal acusação violação dos princípios da igreja.

No RPG da Escola Clássica ficou constatada a questão do conhecimento científico, sendo mascarado pela metafísica, ao reduzir a possibilidade efetiva de conhecimento a respeito dos fenômenos, a autoridade moral do poder dominante e do poder da iluminação divina. A validação social do conhecimento dava-se através das divindades que eram representadas pelos poderes constituídos. Nesta época, a religião era um dos fundamentos de toda compreensão objetiva.

#### **2.5.1.2 - RPG 2 - A Escola Tradicional**

No texto que condensa os resultados do RPG da Escola Tradicional, a equipe de alunos que desenvolveu o mesmo, interpretou esta Escola, a partir da ocupação de uma propriedade rural na cidade de Lages, no Estado de Santa Catarina, pelo MST (Movimento dos Sem Terra). Os fundamentos da Escola Tradicional estão sustentados no positivismo e na organização do espaço. Os

acontecimentos eram resultado do confronto entre uma ordem estabelecida que deveria ser atingida em benefício do bem-comum versus uma nova racionalidade na luta pelos seus direitos de acesso e propriedade da terra. Na escola tradicional a ordem e a organização do espaço é o fundamento da compreensão para a Geografia. A ambientação realizada teve um caráter atual, ao utilizar a invasão de uma propriedade rural, como fenômeno de avaliação desta Escola da Geografia, conforme veremos a seguir:

- **Enredo:** O líder do MST ( Movimento dos Sem Terra ), junto com seus companheiros ocupam uma fazenda no interior catarinense. Irritado com a ocupação, o latifundiário ordena a seus capangas a expulsarem todos os "invasores" que se encontram em suas terras. Logo após o conflito, a Polícia é acionada para apaziguar a confusão. O governo, pressionado por ambas as partes, encaminha o problema ao Superintendente do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que procurando resolver a questão rapidamente, marca uma reunião em seu gabinete com o líder do MST e o latifundiário. Após uma longa conversa, as partes interessadas chegam ao consenso.

#### **Ambientação I: Ocupação da Fazenda**

1. A fazenda é ocupada pelo MST

**Narrador** - No dia 10 de novembro de 1999 um grupo de "sem terras", através de seu líder, ocupa uma fazenda na Cidade de Lages, interior do Estado de Santa Catarina.

**Líder do MST** - Aí companheiros, vamos derrubar está cerca e ocupar a fazenda que tem bastante terra para "nóis prantá".

**Ambientação II:** - A derrubada da cerca

1. A cerca da fazenda é derrubada para permitir a ocupação.

**Narrador** - Ao observar a cerca sendo derrubada o capanga corre para avisar seu patrão do acontecido.

**Capanga** - "o patrão", "óia" tem um "zomi" quebrando a cerca de "arami" e vão "invadi" a fazenda.

**Latifundiário** - Mas como, reuna todos os outros e vá até lá, e não deixe ninguém entrar em minhas terras.

**Ambientação III:** - O local da ocupação

A cerca é derrubada para permitir a ocupação.

**Narrador** - Chegando ao local, o capanga e seus companheiros se deparam com as terras tomadas pelos militantes.

**Capanga** - "Negócio é o seguinte, o patrão mandou vocês sair fora, caso contrário, tenho ordem para meter chumbo no "cês".

**Líder do MST** - "Daqui a gente só sai morto".

**Ambientação IV** - O Tiroteio

1. Inicia-se o confronto tentando intimidar os integrantes do MST.

**Narrador** - Não havendo acordo entre as partes, o capanga começa a atirar para o alto para intimidar os invasores.

**Capanga** - Já que vocês não vão sair por bem, vão sair por mal.  
Começa o tiroteio.

#### **Ambientação V** - A chamada da Polícia

1. Após a confusão a Polícia é acionada para resolver o problema.

**Delegado** - Vamos parar com essa confusão aí. Eu quero saber o que está acontecendo?

**Latifundiário** - Sr. delegado, sou o proprietário dessa fazenda e todo este pessoal derrubou a cerca e, querem tomar as minhas terras.

**Líder do MST** - Não é bem assim, esse montante de terras que o Sr. diz que é seu está abandonado. Você não usa pra nada e nós precisamos sustentar nossas famílias.

**Latifundiário** - Vocês podem plantar onde quiserem menos nas minhas terras.

#### **Ambientação VI** - A ida à delegacia

1. O Delegado Luiz vendo que a situação não se resolveria, decidiu enviar o problema para as entidades competentes.

**Delegado** - Desta maneira, convido o Latifundiário e o Líder do MST a me acompanharem até a delegacia, para poder encaminhá-los até o INCRA.

**Narrador**- Chegando à delegacia, o delegado entra em contato por telefone com o Superintendente Estadual do INCRA, relatando o

ocorrido e, o mesmo marca uma reunião com as partes para tentar resolver o problema.

#### **Ambientação VII: Reunião no INCRA**

1. Reunião no INCRA para resolver o problema da ocupação.

**Superintendente do INCRA** - Boa tarde, meu nome é Alexandro, sou Superintendente Estadual do INCRA e, fui incumbido de analisar e tentar resolver este problema. Em 1º lugar, gostaria que ambas as partes se apresentassem e colocassem o seu ponto de vista, iniciando com o Latifundiário.

**Latifundiário**- Como proprietário dessas terras solicito que retirem todos os militantes da mesma, pois tenho em mãos a escritura , documento que serem as terras de minha posse por direito.

**Superintendente do INCRA**- Líder do MST, conte-nos o porque desta "ocupação"?

**Líder do MST** - Dr., Conheço a região há mais ou menos sete anos e, sei que as terras não estão sendo aproveitadas. Assim, eu e meu povo decidimos ocupá-las. Outro motivo é a injustiça que existe neste país, onde a terra é de poucos, onde a maioria não tem de onde tirar o seu sustento.

**Superintendente do INCRA** - Bom, mais isto não justifica a "invasão".

**Líder do MST** - Como que não? Nosso povo é injustiçado. Estamos desesperados pelo sustento de nossas famílias.

**Superintendente do INCRA** - Peço uma semana para dar-lhes uma resposta sobre o assunto. Conto com a cooperação de ambas as partes, para que este problema tenha um bom final para todos.

**Narrador** - O Superintendente do INCRA viaja à Brasília, para uma reunião com o Presidente Nacional do INCRA e com o Ministro Extraordinário de Política Fundiária, para conseguir verbas para uma provável desapropriação.

#### **Ambientação VIII: Reunião na Sede Estadual do INCRA**

1. A decisão do INCRA nacional é apresentada para as partes interessadas para iniciar o processo de mediação do conflito.

**Superintendente do INCRA** - Senhores, tenho uma boa notícia para ambos, estive com meus superiores em Brasília e conseguimos, junto com o nosso governador, uma verba para desapropriação das terras.

**Latifundiário** - As minhas terras não, só se for por cima de meu cadáver.

**Superintendente do INCRA** - Isto não será necessário, pois a desapropriação é em uma fazenda vizinha, que se encontra a venda.

**Narrador** - Após o aceite da proposta, a fazenda é desocupada para alívio do Latifundiário.

**Líder do MST** - É isso aí meu povo vamos para as nossas terras.

#### **Ambientação IX - Princípio de outra ocupação**

1. Ocupação de uma outra fazenda em Lages

**Narrador-** Meses depois, é ocupada outra fazenda na Cidade de Lages.

**Líder do MST** - Aí companheiros vamos derrubar a cerca e ocupar está fazenda, que tem bastante terra "prá nós prantá".

**Narrador:** E assim segue o ciclo dos "Sem Terra", ocupando e conquistando terras improdutivas.

Na Escola Tradicional ficou evidenciada a "ordem" e a "organização" do espaço como essências a priori determinantes do processo de relação dos indivíduos na sua relação com o espaço geográfico. Principalmente pela legitimação e manutenção dos padrões estabelecidos pelo sistema jurídico, político e ideológico, a propriedade privada é mantida fator de diferenciação social e ascensão na escala social.

### 2.5.1.3 - RPG 3 - A Escola Nova Geografia

**Enredo:** Os alunos que desenvolveram o RPG sobre a escola da Nova Geografia, fundamentaram-se num estudo exploratório relacionando o clima e doenças bronco-respiratórias ocorridas na Grande Florianópolis (asma, gripe, alergia, pneumonia, resfriado). A região da Grande Florianópolis normalmente é invadida por grandes incursões frontais principalmente no trimestre de junho, julho, agosto. Estas sucessivas invasões de frentes frias, alcançaram

extraordinária regularidade por algumas semanas. Cada passagem frontal traz consigo variações bruscas de temperatura, vento, umidade e pressão atmosférica. As variações afetam o ser humano, principalmente em relação as doenças bronco-respiratórias. A metodologia utilizada se sustentará em análises de correlação e regressão linear através dos dados climáticos obtidos no Departamento de Proteção ao Voo (DPV-FL) e, nos dados de doenças bronco-respiratórias obtidos nos Hospitais da Grande Florianópolis, tais como: total geral de internações ao mês, total geral de pacientes atendidos ao dia, quinze e trinta dias. Serão utilizadas variáveis climáticas entre os anos de 1995 à 2000. As variáveis serão as seguintes: Temperatura máxima mensal e diária; Temperatura mínima mensal e diária, Temperatura média mensal e diária, Precipitação mensal e diária, vento predominante mensal e diário. A estrutura do RPG, acontecerá em duas ambientações: o primeiro contará com três cenas e, a segunda ambientação na forma de um seminário de pesquisa. O fundamento da Nova Geografia é o neopositivismo lógico. Aqui os alunos procuraram utilizar os recursos da lógica e da metodologia científica como recurso para estruturar como esta escola utilizada os dados e transforma-os em informações geográficas. Para atingir os objetivos foram utilizados recursos gráficos, como gráficos, tabelas e quadros, realizados com dados coletados sobre as variáveis citadas anteriormente.

**Parte I - O Tratamento dos dados****Ambientação 1 : CLIMERH**

1. Meteorologistas verificando as condições atmosféricas.

**Meteorologista I:** Meteorologista II, vem dar uma olhadinha neste Metar, aqui mostra uma nova frente fria e com muito vento sul. Esta frente deve chegar aqui nas próximas horas.

**Meteorologista II:** É mesmo Meteorologista I, pelo jeito, ela está vindo com muita intensidade, vamos mandar um alerta para a Defesa Civil e, outro comunicado urgente para o Jornal National.

**Meteorologista II:** Meteorologista I, eu passo o alerta para a Defesa Civil e, você para o Jornal National, o que você acha?

**Meteorologista I:** Meteorologista II o problema é que eu preciso fazer um script antes, porque vai ser ao vivo, eu prefiro que você faça.

**Meteorologista II:** Tudo bem Meteorologista I.

**Ambientação 2 : Estúdio do canal de televisão - Tv da Hora**

1. Apresentação no Jornal National da previsão atmosférica.

**Apresentador:** Boa Tarde, estamos começando o Jornal National, com as seguintes manchetes: Uma entrada de frente fria promete muito vento forte. Uma nova frente fria está chegando. Por telefone o Meteorologista II do CLIMERH- EPAGRI passará a previsão do tempo.

**Meteorologista II:** Está chegando uma frente fria oriunda do Rio Grande do Sul, trazendo muito frio e ventos fortes. Está previsto também queda de granizo no meio oeste catarinense.

Pedimos para que os pescadores evitem saídas até que a frente fria acalme. Com relação a população em geral pedimos que usem roupas apropriadas.

### **Ambientação 3: Emergência do Hospital**

1. A frente fria começa a atingir a população com doenças bronco-respiratórias

**Médico:** Enfermeiro devemos nos preparar, a frente fria que chegou no Estado, com toda certeza aumentará os casos de doenças bronco-respiratórias.

**Enfermeiro:** Médico, o senhor tem toda razão, lembra da semana passada quando entrou uma frente fria "fraca", a quantidade de pacientes que atendemos?

**Médico:** É, Enfermeiro, a frente dessa vez foi muito forte e o número de pacientes vai aumentar.

**Enfermeiro:** É, Doutor, nosso primeiro paciente acaba de chegar, opa mais um. Nossa, já é o terceiro paciente e, pelo jeito, todos com problemas respiratórios. É, doutor, a frente fria pegou essa gente de jeito mesmo.

**Médico:** Enfermeiro, não esqueça de enviar ao CLIMERH o número de pessoas que foram atendidas na emergência devido a entrada da frente fria.

**Ambientação 4:** Telefonema entre Meteorologista II e o Enfermeiro

**Meteorologista I:** Meteorologista II o telefone é para você, é do Hospital.

**Meteorologista II:** Alô, com quem estou falando?

**Enfermeiro:** Com o enfermeiro.

**Meteorologista II:** Tudo bem Enfermeiro, então como foi o atendimento na emergência após a frente fria?

**Enfermeiro:** Nós atendemos 142 pacientes somente com doenças bronco-respiratórias.

**Meteorologista II:** Nossa! quantos? 142 atendimentos, a nossa pesquisadora de Geografia Médica irá gostar desses dados.

**Enfermeiro:** Pois é, ela anda "caçando" doentes pulmonares. Então, assim que sair os dados completos, passamos um fax, um abraço e até mais.

**Meteorologista II:** Meteorologista I o atendimento no Hospital somente de doenças bronco-respiratórias chegou a 142 casos.

**Meteorologista I:** Devemos passar estes dados para a pesquisadora de Geografia Médica, como ela está em saída de campo em outro hospital, devemos passar estes números para o apresentador do Jornal National.

**Ambientação 5:** Estúdio do Jornal National

**Apresentador do Jornal National:** Boa tarde, aqui é o apresentador do Jornal National. O número de doentes pulmonares durante a passagem da frente fria teve um aumento considerável, a

Meteorologista II do CLIMERH-EPAGRI nos dará melhores explicações.

**Meteorologista II:** Boa tarde ouvintes do Jornal National, durante a passagem da frente fria, o número de casos de doenças bronco-respiratórias teve um aumento considerável, continuamos pedindo para que a população de um modo geral, tome cuidados especiais durante as entradas de frentes frias, pois as resistências tendem a ficar mais sensíveis, contribuindo assim para que as doenças se propaguem com mais intensidade.

**Apresentador do Jornal National:** Ficamos por aqui, boa tarde a todos.

## Parte 2 - Seminário de Pesquisa

### Ambientação II: Seminário de Pesquisa.

Esta atividade foi realizada após o desenvolvimento do RPG. A idéia da equipe era deixar claro através do seminário de pesquisa, a sustentação teórica-metodológica da Escola Nova Geografia e, dos dados e informações que subsidiaram o objeto de pesquisa do RPG - a relação clima-doenças bronco-respiratórias. A idéia geral era realizar a compreensão do fenômeno através das verificações estatísticas e matemáticas, instrumentos analíticos próprios desta Escola.

Como a maior parte dos dados era de um projeto de pesquisa inicial de uma das alunas do RPG, os mesmos não foram disponibili-

zados, para serem divulgados. Entretanto, foi apresentado um conjunto de transparências com informações estruturadas em gráficos, tabelas e figuras, correspondendo ao fenômeno analisado. As principais idéias levantadas no seminário foram:

- Manley (1966) foi quem propôs a primeira denominação da Nova Geografia, ao considerar o conjunto de idéias e de abordagens que começaram a se difundir e ganhar desenvolvimento durante a década de cinquenta. Durante a Segunda Guerra Mundial, houve uma transformação profunda nos setores científico, tecnológico, social e econômico, abrangendo aspectos filosóficos e metodológicos. A Nova Geografia procura incentivar e buscar maior enquadramento da geografia no contexto científico global, a partir do Neopositivismo Lógico. Nessa perspectiva a Nova Geografia adota como procedimentos para se produzir conhecimento, os seguintes pressupostos:

- Rigor na aplicação da metodologia científica. A Nova Geografia é fundamentada no positivismo lógico. A metodologia científica passa a representar o conjunto dos procedimentos aplicáveis à execução da pesquisa científica;
- Desenvolvimento de teorias: Pela falta de teorias na Geografia, a metodologia científica na Nova Geografia, procurou estimular o desenvolvimento de teorias relacionadas com fenômenos espaciais. Deve-se notar a grande

facilidade com que os geógrafos passaram a usar e utilizar teorias disponíveis em outras ciências, como teorias econômicas relacionadas com a distribuição e hierarquia de eventos;

- O uso de técnicas estatísticas e matemáticas: O uso de técnicas estatísticas e matemáticas para analisar os dados coletados e as distribuições espaciais dos fenômenos foi uma das características da Nova Geografia. O conhecimento de diversas metodologias de análise é básico para a Nova Geografia. Entretanto, usar técnicas estatísticas, por mais sofisticadas que sejam, não é fazer Geografia. Em função do uso sistemático de técnicas estatísticas e matemáticas, esta Escola da Geografia, passou a ser chamada de Quantitativa;
- A abordagem sistêmica: A preocupação em focalizar as questões geográficas sob a perspectiva sistêmica dinamizou o desenvolvimento da Nova Geografia, através da teoria dos sistemas;
- O uso de modelos: A construção de modelos pode ser considerada como estruturação sequencial de idéias relacionadas com os desdobramentos da análise de sistemas, a fim de torná-la compreensível e expressar as relações entre os seus diversos componentes. Para o geógrafo, o modelo é um instrumento de trabalho que deve

ser utilizado na análise dos sistemas das organizações espaciais.

Com relação a Escola da Nova Geografia. Podemos constatar que:

- Para muitos alunos, a Escola da Nova Geografia, fundamentada no Neopositivismo Lógico é a única Escola que faz ciência, por utilizar a metodologia científica;
- Mais uma vez, a metodologia científica é confundida como método científico na citação de Manley;
- Utilizar teorias de outras ciências para explicar fenômenos geográficos, por falta de teoria, no mínimo é um descalabro. Não é a metodologia científica que produz o conhecimento científico e sim o método científico;
- Reduzir a compreensão dos fenômenos aos resultados matemáticos, não é científico. O conjunto de ocorrências objetivas que definem o fenômeno, são passíveis de serem analisados através de regularidades estatísticas, porém não devem ser reduzidos à elas;
- Com relação a Teoria Geral dos Sistemas, podemos dizer que ela não é uma teoria, é um modelo lógico de representação da realidade. Pois a teoria é indicativa de um fenômeno objetivo que deve estar sujeito a um conjunto de verificações e ocorrências objetivas;
- Os modelos só serão válidos para se analisar o espaço geográfico, se forem resultado do conjunto de ocorrências

objetivas que definem um fenômeno geográfico. Modelos lógicos não são expressão de fenômenos objetivos.

#### 2.5.1.4 - RPG 4 - A Escola Idealista

**Enredo:** O objetivo desta Escola é discutir o Progresso na Praia do Sonho, no Município de Palhoça, Estado de Santa Catarina, através da ação de vários interlocutores. A Praia do sonho é uma área rica em crustáceos, peixes e moluscos. Os problemas sociais começam a aparecer com a chegada do progresso, as influências da urbanização e a especulação imobiliária. O principal meio de subsistência, ainda é a pesca. Através das idéias que colhemos dos representantes desta comunidade, poderemos chegar a um diagnóstico da questão colocada em discussão. Na pesquisa, ficou evidenciado que o progresso está realmente alterando a rotina, os hábitos dos habitantes da Praia do Sonho e seu entorno. Os alunos constataram também que este progresso altera não somente o cotidiano das pessoas desta localidade e, sim de todos aqueles que de alguma forma interagem naquele espaço. Na Geografia idealista é a partir das idéias das pessoas sobre o espaço, que surgem suas ações sobre este. E, quando estas idéias são diferentes surgem os conflitos. A Geografia Idealista representa uma tendência para valori

zar a compreensão das ações envolvidas nos fenômenos, procurando focalizar o seu aspecto interior, que é o pensamento subjacente às atividades humanas. Baseado em obras clássicas do idealismo na Geografia, o idealismo é aplicado da seguinte forma: uma ação compreende dois aspectos: o exterior e o interior. O EXTERIOR, compreende todos os aspectos de uma ação passíveis de uma descrição em função de corpos e de seus movimentos. O INTERIOR, é pensamento subjacente aos seus aspectos observáveis (a sua parte exterior). Essa perspectiva foi acatada por Leonard Guelke, que vem aplicando-a na Geografia. Em 1974, apresentou as características básicas da geografia idealista e, posteriormente, mostrou sua potencialidade de aplicação na geografia histórica e regional. O Idealismo é uma alternativa ao positivismo, tomando plena consideração da dimensão do pensamento no comportamento humano. O idealista considera a apreensão das ações humanas a partir do pensamento subjacente a elas. O idealista tenta explicar padrões de paisagens, repensando os pensamentos das pessoas que os criaram. O objetivo do geógrafo idealista é compreender o desenvolvimento da paisagem cultural da Terra, ao revelar o pensamento que jaz atrás dele. Como as atividades humanas inscritas na superfície terrestre são oriundas das decisões tomadas pelos indivíduos ou grupos sociais, deve-se descobrir o que eles acreditavam e, não porque acreditavam. Toda ambientação acontece num bar na

comunidade da Praia do Sonho, onde os interlocutores se encontram.

**Ambientação I :** No Bar da comunidade da Praia do Sonho

1. Várias pessoas estão no Bar da comunidade da Praia do Sonho, quando, de repente surge uma candidata à vereadora pela referida Praia, lançando sua candidatura à Câmara Municipal.

**Vereadora:** Bom dia meus amigos. Estou aqui para pedir-lhes o seu voto para minha candidatura à Câmara Municipal de Palhoça, representando os interesses da Praia do Sonho.

**Nativo:** Cara candidata, nosso maior problema é o turismo que vem alterando nossas vidas, nosso ambiente e nossas atividades pesqueiras.

**Dono do Bar:** Para mim, o maior problema é o acesso para a Praia do Sonho, que dificulta a chegada de turistas, inclusive para o meu bar.

**Turista de alto poder aquisitivo:** Como turista eu pretendia encontrar aqui na Praia do Sonho uma infra-estrutura adequada às minhas necessidades. Fiquei decepcionado com este local.

**Professora da Rede Municipal de Ensino:** O maior problema, para mim, é a mudança rápida dos hábitos dos moradores locais, resultante da intervenção promovida pelo progresso e pelo turismo, alterando todas as nossas tradições.

**Pescador:** Depois que começaram a vir um monte de turistas, com barcos, já não consigo mais pegar os meus peixinhos, que dão sustento para minha família e de onde tiro uns trocados.

**Agente Florestal:** O que eu posso observar é que as florestas estão acabando rapidamente e, por falta de condições, não consigo fazer nada mais adequado para impedir este problema.

**Vereadora:** Pois é, se todos vocês votarem em mim, eu prometo que vou tentar resolver todos estes problemas, com projetos especiais que enviarei à Câmara Municipal de Palhoça.

**Pescador:** Muitas pessoas estão deixando a Praia do Sonho, por falta de oportunidades de trabalho e do desaparecimento da pesca. Muitos estão indo para outras praias e cidades.

**Agente Florestal:** Acredito que somente uma medida séria envolvendo todos os segmentos do setor público pode viabilizar uma ação para a solução dos problemas e resguardar as matas nativas, ainda existentes nesta região.

**Turista de alto poder aquisitivo:** Para mim, uma rede de hotéis com marinas, diversões e lazeres variados, constituem um grande projeto, que resolveria todos os problemas desta localidade, pois geraria emprego e renda para todos os moradores.

**Professôra da Rede Pública Municipal:** Acredito que um bom programa de educação ambiental, resolveria todos os nossos problemas e conscientizaria as pessoas a conciliar o progresso e seus desdobramentos com o desenvolvimento sustentável.

**Dono do Bar:** Acredito que todas estas ações deveriam ser implantadas, pois melhoraria em muito o movimento e a circulação de pessoas e renda, aqui na Praia do Sonho.

**Nativo:** Eu só quero continuar a pegar o meu peixinho. Até já me ofereceram para criar ostra e marisco em cativeiro. Achei legal, mas ainda não tenho recursos para estas atividades.

**Narrador:** A conversa continua sem que se chegue a um consenso, pois cada um tem uma resposta distinta para o mesmo problema em questão: os impactos do progresso na Praia do Sonho.

#### 2.5.1.5 - RPG 5 - A Escola Humanista

No texto que condensa os resultados do RPG da Escola Humanista, a equipe de alunos que desenvolveu o mesmo, interpretou esta Escola, considerando os seus conceitos fundadores, ou seja, "espaço" e "lugar". Toda ambientação partiu da exploração dos recursos naturais e da destruição ambiental em favor do progresso da humanidade - o desmatamento da Amazônia. O progresso estaria ligado com o desmatamento e a extração de madeira em áreas indígenas da Amazônia. Os fundamentos da Escola Humanista estão sustentados na fenomenologia existencial. Para os autores que trabalharam a fenomenologia na Geografia como Tuan, a Fenomenologia é traduzida como ciência da experiência. A Geografia Humanística valoriza a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e a maneira de sentir

das pessoas em relação aos seus lugares (a preocupação com o planeta Terra). Os geógrafos dessa escola argumentam que sua abordagem merece o rótulo de "Humanística" pois estudam os aspectos do homem mais distintamente humanos : significações, valores, metas e propósitos.

Os conceitos de espaço e lugar assumem características diferentes. O lugar seria onde o indivíduo se encontra ambientado, integrado, ele faz parte do seu mundo, seu sentimento e afeições. O lugar está ligado à segurança.

A noção de espaço envolve um complexo de idéias, a percepção visual, o tato, o movimento e o pensamento se combinam para dar o sentido característico de espaço, possibilitando a capacidade para reconhecer e estruturar a disposição dos objetos. O espaço está relacionado à liberdade.

A ambientação realizada teve um caráter atual, ao utilizar um seminário onde os debatedores travariam discussões a respeito do desmatamento na Amazônia, conforme veremos a seguir:

- **Enredo:** A ONG "Oikos" promove um seminário para discussão do desmatamento na Amazônia e da exploração de madeira, de modo irregular, em áreas indígenas. Para este seminário foram convidados: A ONG "Oikos", FUNAI, IBAMA, empresas madeireiras, representante da ONU, indígenas, Partido Verde.

### Ambientação I: Seminário de Pesquisa

Esta equipe desenvolveu sua ambientação de forma distinta, porém efetiva, em relação aos outros RPG's das outras Escolas. A estrutura de apresentação seguiu o seguinte algoritmo:

- Cada um dos integrantes qualificou-se com base no script do RPG correspondente a sua Escola, que está no anexo V;
- A ONG "Oikos" promotora do evento organizou juntamente com os outros membros do RPG, perguntas dirigidas para alguns dos integrantes, com o objetivo de questionar seus posicionamentos, em face do problema do desmatamento da Amazônia e da extração de madeiras em áreas indígenas;
- Toda dinâmica visou confrontar a qualificação de cada um dos membros, com as perguntas que eram feitas pelos participantes do RPG (alunos que estavam assistindo a apresentação).

A dinâmica ficou interessante, pois dentre as equipes, esta conseguiu a participação efetiva da audiência, não só os escolhidos para fazerem as perguntas, como instigou os outros a intervirem e questionar pontos levantados no seminário simulado. Aqui o humanismo ficou travestido de direitos humanos, de acesso e posse a um determinado lugar. Por outro lado, o humanismo também assumiu uma postura lúdica com relação aos lugares ocupados pelos grupos indígenas, através dos seus aspectos culturais.

### 2.5.1.6 - RPG 6 - A Escola Radical

**Enredo:** O objetivo desta Escola é discutir a retirada dos camelôs ilegais das ruas de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, através da ação de vários interlocutores. Na cidade de Florianópolis, algumas das principais ruas são ocupadas pelos camelôs ilegais. A prefeitura, juntamente com outros órgãos municipais e parte da comunidade florianopolitana, busca uma maneira de retirá-los do centro da cidade e de evitar, uma desvalorização do espaço urbano central. Focalizaremos nossa atenção para a rua Francisco Tolentino, onde a proprietária de uma loja e a dona de um bloco no camelódromo central, estão atendendo suas clientes:

**Ambientação I:** Na loja do camelô legalizada.

**Camelô Legalizada:** - Pronto, moça!

**Cliente de Camelô Legalizada:** - Quanto custa este relógio?

**Camelô Legalizada:** - Baratinho... só três reais.

**Ambientação II:** Na loja do Logista

**Logista:** - Gostaria de ver algo?

**Repórter:** Você tem o Cd dos Titãs - acústico? Quanto custa?

**Logista:** Tenho. Custa dezenove reais e noventa centavos.

**Ambientação III: Chegada do Camelô Ilegal**

1. Nisso chega a camelô ilegal, instalando-se na rua e, começa a berrar:

**Camelô Ilegal:** - Relógio despertador, só paga um real. Qualquer Cd só paga cinco reais.

**Narradora:** Ao ouvirem o preço anunciado pela ambulante, a cliente do camelô legalizada e do logista desistem da compra. A cliente do camelô legalizada vai na direção do camelô ilegal, o repórter passa a observar a situação. O logista e a camelô legalizada, revoltadas e furiosas, vão rapidamente em direção ao camelô ilegal:

**Logista:** - Mas o que é isso?

**Camelô legalizada:** - Tá querendo acabar com meu negócio? Com que direito você vem tirar meus clientes?

**Logista:** - Aqui na porta da minha loja é que você não fica!

**Camelô legalizada:** - Vê se arranja um emprego e pára de atrapa-lhar os outros.

**Camelô Ilegal:** - Mas eu sou obrigada a fazer isso! Eu trabalhava na lavoura, no interior do estado e descontente com a vida no campo - devido a exploração e a falta de incentivo do governo - resolvi tentar a vida na cidade. Tenho quatro filhos pequenos e queria, depois de estruturada na cidade, buscá-los para morar comigo. Chegando aqui, não consegui emprego, pois sou semi-analfabeta. Conheci, então, pessoas que vendiam mercadorias pelas

ruas e comecei a ir a cada duas semanas ao Paraguai e vender nas ruas do centro também.

**Logista:** — Desculpe-me, mas mesmo assim, fica complicado. Nós também temos família para sustentar. E se você não legalizar sua situação, fica uma concorrência desleal.

**Camelô Ilegal:** — Se eu for legalizar, comprando um bloco no camelódromo e pagando tantos impostos e tarifas sobre a mercadoria, não terei dinheiro para sustentar meus filhos no campo e nem a mim mesma!

**Camelô Legalizada:** — Ah, querida! Eu consegui legalizar e pago "tudo" certinho até hoje; e também tenho família para ajudar. É só economizar mais.

**Narrador:** Nisso a conversa foi interrompida pela aproximação da fiscal da SUSP (Secretária de Urbanização e Serviços Públicos). A camelô ilegal tentou fugir, mas não deu tempo. A policial ajudou a impedir a fuga e acalmou os ânimos. O fiscal apreendeu a mercadoria.

**Ambientação III:** Chegada do Fiscal do SUSP.

**Fiscal da SUSP:** — Suas mercadorias estão sendo apreendidas por serem contrabandeadas e vendidas em locais impróprios.

**Camelô Ilegal:** — Mas não faça isso comigo não, por favor! Eu não sabia que tinha que ter autorização pra vender umas coisinhas pra ajudar em casa. Eu prometo que não volto a vendê-las, eu nem as paguei ainda.

**Fiscal do SUSP:** - Não se faça de inocente! Eu não quero nem saber, qualquer um sabe que a venda de contrabandos é ilegal, ainda mais na rua.

**Camelô Ilegal:** - Mas eu preciso disso pra sustentar minha família.

**Fiscal do SUSP:** - Sinto muito, mas estou cumprindo ordens.

**Camelô Ilegal:** - O que você vai fazer com as minhas mercadorias? Eu posso pagar uma multa e pegá-la de volta?

**Fiscal do SUSP:** - Não tem conversa. Você não pode reavê-las, a SUSP irá doa-las à AFLOV( Associação Florianopolitana de Voluntários).

**Narrador:** A camelô ilegal tentou reaver suas mercadorias, mas foi inútil, não conseguiu e sem elas foi embora, inconsolável. No dia seguinte, a camelô ilegal retorna com outras mercadorias para a mesma rua.

**Repórter:** - Aumenta o número de camelôs que ocupam as ruas do centro de Florianópolis, principalmente a Conselheiro Mafra, Francisco Tolentino e a Praça da Alfândega. Lojistas e população em geral esperam que a prefeitura tome alguma providência nos próximos dias. Procuramos a prefeita, mas esta preferiu não se manifestar, e afirmou que providências serão tomadas em breve.

**Narrador:** A prefeita liga para o IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis).

**Diretora do IPUF:** - Alô?... Sim, prefeita, eu assisti o noticiário... pode deixar, apresentaremos um projeto de um novo

camelódromo o mais rápido possível ... claro, faremos o mais longe do centro possível ... é, na baía sul, realmente há bastante espaço desocupado ... É? Faltam fiscais na rua? Não é possível, deve ser um engano. Mesmo assim, vai ser difícil convencer essa gente a se mudar para lá, mas vou ver o que posso fazer. Tenha um bom dia, prefeita.

**Narrador:** A diretora do IPUF, depois de concluir o projeto e entregá-lo à prefeitura, foi falar com o diretor da SUSP, no cargo graças a sua indicação:

**Diretora do IPUF:** - Bom dia. O senhor já sabe que a prefeita anda irritadíssima com a ocupação dos camelôs nas ruas do centro da cidade. A desorganização causada pela ocupação dos camelôs reflete problemas na valorização do espaço urbano, conseqüentemente, desvalorizando Florianópolis turisticamente e isso cria um efeito dominó! Desvalorizando imóveis, diminuindo o lucro dos lojistas, cadeias de hotéis e restaurantes, ... enfim, a todos que dependem do turismo para viver. Vocês são responsáveis pela retirada dos camelôs do centro da cidade, mas não estão cumprindo seu papel muito bem. Eu quero que você tome uma posição mais drástica, fechando o cerco em cima dos ilegais. Nós fizemos um projeto, a pedido da prefeita, para que eles tenham um lugar fixo e, posteriormente, legalizar sua situação, mas eles só vão aceitar se sentirem-se ameaçados.

**Diretor do SUSP:** Nestes últimos dias eu ando absorvido em outros projetos, como a minha ida para a Assembléia Legislativa. Você

sabe, não nasci para ser funcionário público para o resto da vida. Este cargo é só um trampolim.

**Diretora do IPUF:** — Trate de botar a sua cabeça no lugar e deixe de sonhar. Resolva primeiro a questão dos camelôs. Não esqueça que se você está neste cargo, foi porque eu te indiquei.

**Diretor do SUSP:** — Tudo bem, falarei com o chefe dos fiscais e colocarei mais fiscais no rastro desses camelôs, pode ficar descansada.

**Diretora do IPUF:** — Eu acho bom. Passar bem!

**Narrador:** Após a diretora do IPUF retirar-se, o diretor da SUSP envia uma fiscal para tentar convencer a camelô ilegal, representante dos camelôs de Florianópolis, a aceitar a locomoção.

**Fiscal do SUSP:** — Todas suas mercadorias estão sendo apreendidas.

**Camelô Ilegal:** Ah, não é possível! Dois dias consecutivos ! Estou cansada dessa perseguição! Será que não tem um jeito de se viver em paz?

**Fiscal do SUSP:** — Falando nisso, venho lhe propor, em nome da Prefeitura de Florianópolis, uma maneira de você e seus companheiros pararem de ser perseguidos. O local que vocês trabalham não é viável, não foi planejado, dificulta a circulação de pedestres e, além disso, vocês não tem nenhuma licença para trabalharem na rua e assim, vivem perdendo suas mercadorias. Estamos propondo, então, que vocês legalizem sua situação perante a prefeitura, acertando toda a documentação mais tarde. E também

desloquem-se para uma área que o IPUF planejou para vocês, ou seja, para um camelódromo, ficando em blocos organizados.

**Camelô Ilegal:** – Até que seria bom, mas não é possível não ... eu e os outros que trabalham aqui pelas ruas, não temos condições de pagar tantas coisas. Já vivemos apertados, vendendo para conseguir comer, se tentarmos legalizar vamos morrer de fome de vez. Além disso, se sairmos do centro da cidade, não teremos quem compre nossas mercadorias. Sinto muito, mas daqui a gente não sai!

**Fiscal do SUSP:** – Vocês vão arrepender-se caso não aceitem nossa proposta. Vocês preferem perder todas as mercadorias e viver perseguidos do que ganhar um pouco menos?

**Camelô Ilegal:** – Não sei, mas acho que se aceitarmos vamos ganhar muito pouco e será insuficiente para nos mantermos.

**Fiscal do Susp:** – Fale com os outros e caso mudem de idéia, procure-nos na SUSP.

**Narrador:** A partir dali os fiscais da SUSP começaram a fazer operações "pente fino", apreendendo diariamente a mercadoria da maioria dos camelôs. Cansada de ter prejuízo, a camelô ilegal, representando os camelôs de Florianópolis, vai até a SUSP:

**Camelô Ilegal:** – Tudo bem, vocês venceram! Nós aceitamos sair das ruas e legalizar nossa situação, mas com uma condição: vocês terão que facilitar o pagamento para gente, pois não temos condições de pagar de outra forma.

**Diretor do SUSP:** - Que boa notícia! ... Não se preocupe, tudo será financiado, inicialmente vocês só pagarão pelo bloco que ficarão. A área será cedida pela prefeitura e vocês só começarão a pagar impostos após o alvará ficar pronto.

**Narrador:** O projeto foi executado e os camelôs saíram das ruas, melhorando sua situação perante a Prefeitura, apesar de não estarem pagando impostos ainda. Tudo parecia estar em paz, mas a história não termina assim não.

**Diretor do SUSP:** - Bem, futura camelô, nossa empresa está se modernizando, estamos melhorando a qualidade de nossos produtos. E agora com a nova tecnologia, conseguiremos agilizar a produção, mas infelizmente, não precisaremos mais de seus serviços. Sinto muito.

**Futura camelô:** - Como assim? Como é que eu vou viver agora? Não tem um jeito de permanecer na empresa? Eu posso trabalhar em qualquer serviço, até na limpeza, eu não me incomodo!

**Diretor do SUSP:** - Lamento, mas a crise está feia e temos que cortar os gastos o máximo possível. Temos muitas dívidas e não podemos contratar mais ninguém, você sabe que ter uma empresa nessa região custa muito caro para manter.

**Narrador:** Talice tentou encontrar outro emprego, mas parece que a crise afetou todas empresas. Não conseguindo, investiu toda sua economia e seguro desemprego na compra de mercadorias contrabandeadas do Paraguai para revender nas ruas de Florianópolis, fazendo parte do mercado informal, sonegando impostos e temendo

perder sua única fonte de renda a qualquer momento. No entanto, se hoje legalizarmos todos os camelôs ilegais, podemos apostar que amanhã haverá outros, desvalorizando novamente as áreas por eles ocupadas e criando novos conflitos. Porque mais que um problema espacial, a ocupação das ruas de Florianópolis por camelôs ilegais é um problema social.

Para os alunos a Escola Radical surgiu nos anos 70 nos Estados Unidos, preocupada em ser crítica e atuante. É conhecida como Geografia Marxista, Crítica e/ou de relevância social. No entanto, a denominação **Radical** é mais abrangente e significativa, designando tudo o que seja de tendência esquerdista e a postura contestatória de seus praticantes.

A leitura e análise das obras de Marx e Engels foram aspectos destacados no movimento da Geografia Radical, a fim de procurar focalizações para a análise marxista do espaço.

A Geografia Radical procura analisar em primeiro os processos sociais, e não os espaciais, ao inverso do que se costumava praticar na Geografia Teorético-Quantitativa. Nessa focalização, encontra-se implícito o esforço na tentativa de integrar os processos sociais e os espaciais no estudo da realidade. A *Geografia Radical* interessa-se pela análise dos **modos de produção** e das formações sócio-econômicas. Isto ocorre porque o marxismo considera como fundamental os modos de

produção, enquanto as formações sócio-econômicas espaciais (ou formações econômicas e sociais) são as resultantes.

Ao se analisar esta escola, a partir do problema social dos camelôs, os alunos identificaram o espaço urbano como um campo de valorização econômica, onde o espaço possui um valor que é apropriado de forma diferente pelos diferentes agentes promotores da produção do espaço urbano, na linguagem dos geógrafos marxistas. Aqui, novamente, a essência a priori de compreensão de todo o processo de relação é a matéria.

#### 2.5.1.7 - RPG 7 - A Escola Temporo-Espacial

**Enredo:** O objetivo desta Escola é discutir a introdução de máquinas agrícolas com tecnologias avançadas, numa comunidade agrícola com práticas de produção tradicionais. Como a Escola temporo-espacial se utiliza da noção de ritmos de vida gerados a partir dos processos espaciais, a introdução das novas tecnologias nas máquinas agrícolas, alterarão a dinâmica social, produtiva e de geração de emprego e renda diferenciada entre as diferentes propriedades rurais que adotarem ou não os novos ativos tecnológicos. A ambientação é desenvolvida numa comunidade agrícola tradicional, no interior do Estado de São Paulo, onde dois fazendeiros de café disputam o mercado consumidor.

**Ambientação I: Visita ao Fazendeiro Rogério**

1. A compra de uma nova máquina altera as relações sociais de produção.

**Narrador:** Um representante da Fenagre( empresa multinacional que produz uma colheitadeira mecânica para o cultivo de café), visita o fazendeiro Rogério.

**Representante da FENAGRE:** Oi tudo bom, venho aqui lhe oferecer uma colheitadeira que vai dobrar sua produção.

**Fazendeiro:** - Quanto custa essa máquina?

**Representante da FENAGRE** - R\$ 30.000,00

**Fazendeiro I:** Negócio fechado, quando você irá me mandar essa máquina?

**Representante da FENAGRE** - Na próxima semana.

**Narrador:** O fazendeiro que acabava de fazer a implantação de uma tecnologia avançada em suas terras, chama seu funcionário Capinei .

**Fazendeiro I:** Capinei, venha cá que eu quero ter uma conversa com você. Não preciso mais de seus serviços, pois comprei uma máquina que fará o seu trabalho.

**Narrador:** Capinei fica sem o emprego e tem que ir embora.

**Ambientação II: Capinei procura o fazendeiro Clemente.**

1. Capinei procura seu Clemente ( dono de uma fazenda vizinha a do Fazendeiro Rogério), que ainda usa o método de produção tradicional, ou seja, "manual".

**Capineiro:** Seu Clemente, meu patrão implantou uma nova máquina na fazenda, daí resultou que muitos empregados foram mandados embora.

**Fazendeiro II** - Está bem eu o contrato para trabalhar na minha fazenda.

**Narrador:** No final da primeira safra de café ( depois da mecanização), o Fazendeiro I produz o dobro da produção do Fazendeiro II, podendo vender por um preço mais acessível e, assim, dominando o mercado. O Fazendeiro II é forçado a tomar uma atitude para não ir a falência. O Fazendeiro II procura o representante da multinacional que forneceu a colheitadeira.

**Ambientação III:** O Fazendeiro II compra a colheitadeira.

1. O Fazendeiro II vai em busca do representante da empresa multinacional para comprar uma colheitadeira.

**Fazendeiro II:** Oi tubo bem, vim comprar uma colheitadeira para a minha fazenda, quanto custa?

**Representante da FENAGRE:** R\$ 35.000,00

**Fazendeiro II:** Você facilita o pagamento?

**Representante da FENAGRE:** Sim, eu facilito, você pode pagar uma entrada de R\$ 15.000,00 R\$ e, mais duas de R\$ 10.000,00.

**Fazendeiro II:** Negócio fechado, quando você irá me trazer a máquina?

**Representante da FENAGRE:** Na semana que vem.

**Ambientação IV:** O Fazendeiro II volta para a sua fazenda e chama Capinei para uma conversa.

1. O Fazendeiro II expõe para seu funcionário as novas condições, a partir da compra da colheitadeira.

**Narrador:** O Fazendeiro II informa a Capinei que não necessita mais de seus serviços, pois comprou uma máquina que fará seu serviço.

**CAPINEI:** Isso já me aconteceu uma vez. Eu preciso deste emprego para sustentar minha família.

**Fazendeiro II:** Eu não posso fazer nada por você.

**CAPINEI:** Isto não está certo.

**Narrador:** Com a implantação de métodos avançados de produção, através da introdução de novas tecnologias, em comunidades de agricultura tradicional observamos o crescimento da produção e uma diminuição no número de postos de serviços e, conseqüentemente, aumentando o número de desempregados.

Na Escola tempo-Espacial ficou evidenciado as transformações ocorridas em pequenas comunidades rurais, com a introdução de novas tecnolgoias de tratamento da terra. Entretanto, a dimensão temporal apresentou dificuldades de ser internalizada na organização do espaço do trabalho desenvolvido nas fazendas. Esta Escola está fundamentada nas

idéia de "ondas de Inovação" desenvolvida por Hagerstrand, um pesquisador suíço. Como o modelo das "ondas de inovação" é considerado lógico, sua aplicabilidade dar-se-á somente para fenômenos onde tal situação ocorra. Neste modelo de análise, a essência a priori, é a variável temporal, que regula toda a compreensão dos fenômenos geográficos, e não a verificação do conjunto de ocorrências objetivas que definem a introdução de tecnologias de inovação em pequenas comunidades agrícolas tradicionais.

#### 2.5.2 - A Ementa das Disciplinas

Considerando o conjunto de ocorrências objetivas que demarcaram nosso fenômeno em três níveis, no item 1.1, nossa proposta de intervenção na ementa das disciplinas antes de viabilizar-se tecnicamente, deve pautar-se nos seguintes requisitos:

- As duas disciplinas devem ser extintas, dando lugar a uma mesma disciplina subdividida em duas fases, considerando o volume de conteúdos a serem tratados;
- A nova disciplina que será subdividida em duas fases não deve expressar a separação, entre objeto, método e teoria, etapas fundamentais para a produção do conhecimento científico em Geografia, como vem acontecendo até o presente momento;

- Pelo nível de exigência das duas disciplinas, as mesmas não devem permanecer na primeira e segunda fases respectivamente, mas na quarta e quinta fases do curso de graduação em Geografia. Esta mudança se deve a duas razões:
  - Primeiro porque nestas fases, quarta e quinta, parte do que é o conhecimento geográfico, desenvolvido nas Universidades com bases empíricas/metafísicas já foi fornecido aos alunos através do processo de ensino-aprendizagem;
  - Para os alunos fica mais fácil estabelecer mediações com os diferentes tipos de conhecimento, dentre os quais, o científico, se os mesmos já tiveram através da relação de ensino-aprendizagem em outras disciplinas os fundamentos empíricos/metafísicos das disciplinas que analisam o espaço geográfico;
  - As duas disciplinas deverão ter o mesmo nome e subdivididas em I e II;
  - O nome das duas disciplinas além de ser o mesmo, deverá aglutinar o conteúdo nas disciplinas TMG e IPG;
  - O nome das duas disciplinas deverá ser: Epistemologia da Geografia I e II;

A ementa da disciplina proposta para a disciplina Epistemologia da Geografia I - GCN 5100, deverá privilegiar os seguintes objetivos e estrutura:

• Objetivos da Disciplina:

- Induzir os alunos a pensarem sobre a prática acadêmica da pesquisa científica em Geografia;
- Identificar as representações que os alunos possuem formalizadas a respeito dos conceitos e dos ícones trabalhados, das sete escolas do Pensamento Geográfico, a partir da Modelagem Cognitiva e do RPG;
- Caracterizar a partir de leitura dirigida, que o princípio da ação é a Liberdade. E, que para termos liberdade de agir, temos que "estar em situação", em relação aos conceitos, aos significados e as posturas científicas e ideológicas, estabelecendo mediações para formalizar nossa perspectiva individual enquanto projeto de mudança social;
- Mostrar para os alunos que todos os significados, além de serem sociais e históricos, já estão dados e formalizados nas suas práticas cotidianas de uma forma ou de outra, através das representações sociais;
- Mostrar aos alunos que o conhecimento é uma estruturação semântica com determinados direcionamentos. Estes originam-se das perspectivas analíticas que induzem uma coordenação dos significados dados aos conceitos para se obter explicações. Nessa perspectiva, todo o conhecimento da disciplina já está dado nas mais diversas formas de representação que os alunos fazem das sete Escolas Geográficas. O que nos resta é simplesmente dar uma direção ao que já sabem, mostrando as diversas perspectivas analíticas, existentes para se fazer Geografia.
- Desenvolvimento de representação social através da Análise de Conjuntura, de cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico.

QUADRO I - ESTRUTURA DA DISCIPLINA - GCN5100- EPISTEMOLOGIA I

Aulas	ASSUNTOS	ATIVIDADES
2	Apresentação do Programa da Disciplina	Apresentação da disciplina e formação das 7 equipes de trabalho
2	Os Tipos de Conhecimento	Aula expositiva

4	Tipo I - Metafísica	Aula Expositiva
4	Tipo II - Empirismo	Aula Expositiva
4	Tipo III - Ciência	Aula Expositiva
2	PROVA I	Conteúdo até Tipo III-Ciência
4	Escola Clássica	Constituição das matrizes fundamentais de compreensão da referida Escola: Mitologia, Teologia e Cosmogonia
4	Escola Tradicional	Constituição das matrizes fundamentais de compreensão da referida Escola: Positivismo
2	Prova Escola Clássica e Tradicional	Conteúdo até Escola Tradicional
4	Escola Nova Geografia	Constituição das matrizes fundamentais de compreensão da referida Escola: Neopositivismo Lógico
4	Escola Idealista	Constituição das matrizes fundamentais de compreensão da referida Escola: Idealismo
2	Prova Escola Nova Geografia e Idealista	Conteúdo até Escola Idealista
4	Escola Humanística	Constituição das matrizes fundamentais de compreensão da referida Escola: Fenomenologia
4	Escola Radical	Constituição das matrizes fundamentais de compreensão da referida Escola: Materialismo Histórico e Dialético
4	Escola Temporo-Espacial	Constituição das matri

		zes fundamentais de compreensão da referida Escola. Redes e Sistemas
2	Prova da Escola Humanística, Radical e Temporo-Espacial	Conteúdo até Escola Temporo - Espacial
6	Estruturação do RPG de cada uma das 7 Escolas do Pensamento Geográfico	Estruturação do Enredo e Script dos RPG's
14	Apresentação dos RPG's	Seminários de RPG's
2	Prova Final sobre os RPG's	Conteúdo: RPG's das 7 Escolas do Pensamento Geográfico

A ementa da disciplina proposta para a disciplina Epistemologia da Geografia II - GCN 5200, deverá privilegiar os seguintes objetivos e estrutura:

• **Objetivos da Disciplina:**

- Induzir os alunos a pensarem sobre a prática acadêmica da pesquisa científica em Geografia;
- Identificar as representações que os alunos possuem formalizadas a respeito de método, metodologia e das variáveis ligadas a produção do conhecimento científico;
- Caracterizar a partir de leitura dirigida, os equívocos de interpretação ao se produzir conhecimento científico em Geografia.
- Esclarecer aos alunos que a produção do conhecimento tem implicações, a partir do tipo de conhecimento selecionado para sua verificação e explicação, entretanto, somente o conhecimento científico dá contas da realidade objetiva;
- Caracterizar para os alunos que o conhecimento é uma estruturação semântica com determinados direcionamentos. Estes originam-se das perspectivas analíticas que induzem uma

coordenação dos significados dados aos conceitos para se obter explicações. Nessa perspectiva, todo o conhecimento da disciplina já está dado nas mais diversas tipos de conhecimento, em que os mesmos foram organizados em termos de Personalidade. O que nos resta é simplesmente dar uma direção ao que já sabem, mostrando que dentre as diversas perspectivas analíticas, existentes para se fazer Geografia, somente a científica é que validade a compreensão do espaço;

- Desenvolvimento de um Projeto de Pesquisa, circunscrito a verificação do conjunto de ocorrências objetivas que definem um fenômeno Geográfico.

QUADRO II - ESTRUTURA DA DISCIPLINA - GCN5200- EPISTEMOLOGIA II

Aulas	ASSUNTOS	ATIVIDADES
2	Apresentação do Programa da Disciplina	Apresentação da disciplina e formação das 7 equipes de trabalho
4	Os Tipos de Conhecimento	Aula Expositiva
4	O Objeto de Investigação: O Espaço	Aula Expositiva
4	O Método Científico e a Compreensão do Espaço	Aula Expositiva
4	As Teorias explicativas sobre o Espaço	Aula Expositiva
4	As Metodologias de verificação do conjunto de ocorrências objetivas sobre o espaço.	Aula Expositiva
2	Prova I	Conteúdo até aula anterior
4	Estruturação do Fenômeno sobre verificação	Pesquisa de Campo
4	Estruturação do Método Científico sobre o fenômeno de investigação	Pesquisa em sala de aula
4	Verificação da Existência da Teoria Explicativa sobre o fenômeno de investigação	Pesquisa em sala de aula
4	Identificação das Metodologias de constatação do Fenômeno	Pesquisa em sala de aula
4	Estruturação do Relatório Final	Pesquisa em sala de aula
	Prova II	Conteúdo até a Aula

2		Anterior
14	Apresentação dos Relatórios Finais	Apresentação dos Resultados de Pesquisa em sala de aula
2	Prova III	Conteúdo dos Relatórios

A partir da definição da estrutura das duas disciplinas será proposto para o Departamento de Geociências a mudança da ementa das disciplinas relacionadas anteriormente, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem dos alunos do curso de graduação em Geografia.

## **Capítulo III - O Processo de Avaliação do Fenômeno**

### **3.1 - Avaliação da Demarcação do Fenômeno Analisado**

Considerando os resultados apresentados, acreditamos que a demarcação do fenômeno analisado foi além das possibilidades objetivas de intervenção. Isto se deu, em função do grande número de ocorrências encontradas que delimitaram e definiram nosso fenômeno de investigação. A divisão em três níveis da demarcação do fenômeno analisado deu-se a partir de graus de similaridade, que culminaram com a estruturação gnosiológica epistemológica das disciplinas sobre intervenção; a postura dos alunos frente ao processo de produção do conhecimento científico e, a estruturação do Departamento de Geociências, onde as referidas disciplinas são ministradas. Estamos de acordo, ao concluir que o conjunto de ocorrências verificadas que interferem no fenômeno analisado, não foi exaustivamente trabalhado, pois implicaria em mais tempo e desenvolvimento de novas pesquisas, Esta tarefa deixamos para quem quiser continuar esta pesquisa.

### **3.2 - A Avaliação das Variáveis do Problema**

A identificação das variáveis do problema foram as seguintes: fenômenos geográficos, diferentes tipos de conhecimento e conceitos e significados atribuídos pelos alunos aos conceitos pertinentes a cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico.

Com relação aos fenômenos geográficos, acreditamos ter atingido nossos objetivos ao vislumbrar para os alunos através do RPG os fundamentos de cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico, tais como: Mitologia, Teologia, Cosmologia, Positivismo, Neopositivismo Lógico, Idealismo, Materialismo, Fenomenologismos e, Redes e Sistemas. Assim, procuramos caracterizar que as Escolas do Pensamento Geográfico trabalham com doutrinas e razões e, não com teorias resultantes do conjunto de ocorrências objetivas definidoras de um fenômeno. Logo, o conhecimento geográfico sustentado em doutrinas e razões não pode ser considerado fundamento científico.

Quando tratamos dos diferentes tipos de conhecimento, estávamos querendo ressaltar a multiplicidade de formas de produção do conhecimento existente. Entretanto, para se fazer ciência, torna-se necessário utilizar o método científico e suas orientações. Deixamos claro que a metafísica e o empirismo fazem parte da estrutura de produção do conhecimento de cada pessoa. Cada uma destas racionalidades tem suas perguntas e respostas para os mesmos fenômenos analisados. Entretanto, somente o conhecimento científico é válido para se produzir ciência, pois o método assim o exige.

A modelagem cognitiva pretendeu levantar os significados atribuídos pelos alunos a um grupo de conceitos ligados a cada uma das sete Escolas do Pensamento Geográfico. Neste primeiro momento, como já ressaltamos anteriormente, não foi possível estabelecer uma correlação entre os estados e as ações que

organizaram a personalidade de cada um dos alunos do curso de graduação em Geografia da UFSC. Tal situação não aconteceu quando os mesmos atribuíram os significados aos conceitos, quando preencheram o quadro I fundamentado no empirismo/metafísica e, no quadro II fundamentado supostamente em critérios científicos.

### 3.3 - Avaliação da Teoria da Personalidade em Sartre

A Teoria da Personalidade de Sartre é um instrumento de grande importância, não só para esta pesquisa, como para outras pesquisas que envolvem problemas relacionais e de aprendizagem.

Anteriormente havíamos feito testes com os mesmos alunos, utilizando os recursos da Teoria da Percepção. Entretanto, verificamos que os resultados eram completamente insatisfatórios, pois querer retrabalhar conhecimento a partir da percepção se constituía em um erro crasso.

A teoria proporcionou a identificação da impossibilidade de realização de dois atos cognitivos simultaneamente, ou seja, é impossível refletir sem ter percebido algo. Para que possamos estabelecer um processo de ensino-aprendizagem é preciso dar aos alunos a possibilidade de, em estado de liberdade, construir sua própria reflexão, a partir dos elementos que lhes foram passados. Nesta perspectiva, as avaliações sobre os conteúdos, não devem ter um caráter formalizado e padronizado em termos de respostas, mais sim coerentes e objetivas com as demandas do

método científico e de suas respectivas formas de produção do conhecimento.

### 3.4 - Avaliação das Hipóteses de Investigação/Intervenção

#### 3.4.1 - Avaliação das Hipóteses de Investigação

Nossa proposta de pesquisa estava fundamentada em duas hipóteses de investigação:

- As dificuldades de demarcação dos fenômenos geográficos, considerando os diferentes tipos de conhecimento: metafísico, empírico e científico, não seriam um dos grandes impedimentos para se estabelecer uma Geografia científica, a partir do conceito Espaço?
- A verificação do conjunto de ocorrências objetivas (significados) atribuídos pelos alunos ao conjunto dos conceitos estruturadores de cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico, não seriam superadas se os equívocos gnosiológicos e epistemológicos que sustentam as respectivas escolas fossem esclarecidos cientificamente?

Tínhamos na investigação, a idéia de trabalharmos a partir dos conceitos e significados, uma explicitação dos fundamentos equivocados que constituíam a compreensão dos alunos com relação aos conceitos, de cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico.

Entretanto, verificamos que conseguimos identificar os significados atribuídos aos conceitos, porém, não conseguimos identificar que tipo de conhecimento fundamenta os significados atribuídos. Como já ressaltamos anteriormente, esta foi uma das dificuldades encontradas e que precisaria de mais pesquisa, junto com o grupo de alunos objeto de investigação. A grande contribuição para os alunos seria identificar, dentre os três tipos de conhecimento que foram trabalhados na sala de aula, os que fundamentam suas compreensões e significados a respeito do que consideram como científico e real.

Da mesma forma, não poderíamos esperar mais do que isso, pois o estágio que estávamos trabalhando era a percepção e, na percepção não é possível a reflexão. Também, a estrutura das disciplinas e suas respectivas ementas não favorecem este tipo de compreensão por parte dos alunos.

#### **3.4.2 - Avaliação das Hipóteses de Intervenção**

As nossas hipóteses de trabalho para intervenção estão orientadas em duas direções:

- A primeira estará orientada para amudança da personalidade dos alunos com relação a identificação dos diferentes tipos de conhecimento e sua interrelação com as Escolas do Pensamento Geográfico e, a integração com a análise atual de fenômenos geográficos. Para atingir

nossos objetivos, acreditamos que se o fizermos através de aulas expositivas uma discussão de orientação epistemológica, seguida de RPG, estaremos mudando a personalidade dos alunos;

- A segunda hipótese está dirigida para a reestruturação da ementa das duas disciplinas. Acreditamos que a estrutura das duas disciplinas que formam um bloco teórico-metodológico, da forma como estão estruturadas não oferecem condições para a execução da proposta de ensino-aprendizagem defendida nesta pesquisa, nem em termos dos desdobramentos da relação ensino-aprendizagem.

Com relação a duas hipóteses de intervenção, chegamos a conclusão que:

- Após a realização de avaliações escritas de forma livre, os resultados da compreensão da fundamentação das Escolas havia sido incorporado minimamente, considerando toda a experiência dos alunos ao desenvolverem o RPG de cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico;
- Não houve um entendimento adequado entre os fundamentos de cada Escola e a representação de cada RPG. Mesmo os alunos desenvolvendo o RPG, com orientação em sala de aula, verificamos que houve uma grande dificuldade de elaboração dos mesmos, não em função

de sua estrutura interna, mais em relação a compreensão da atividade que estavam realizando e dos objetivos que deveriam ser atingidos;

- Esta situação demonstrou-nos a dificuldade de desenvolvimento de conteúdos de natureza teórica-metodológica para alunos de primeira e segundas fases, respectivamente, em curso de graduação de uma maneira geral;
- Verificamos que o nível de exigência feito pelos alunos, conforme suas declarações verbais, não conseguiu fazer com que refletissem, mesmo porque as condições de ensino-aprendizagem, não proporcionam a reflexão sobre os conteúdos. Toda possibilidade de compreensão do conhecimento se reduz ao nível da percepção auditiva e visual.

### **3.5 - Avaliação das Metodologias**

#### **3.5.1 - Avaliação da Metodologia de Modelagem Cognitiva**

A Modelagem Cognitiva em si foi importante para mapear os significados atribuídos aos conceitos organizados para serem trabalhados em sala de aula. Entretanto, não foi possível ir além da verificação do conjunto de significados que os alunos atribuíram para cada conceito. Como estávamos querendo interver

na organização da personalidade dos alunos de graduação criando uma ação pró-ativa com vias a melhoria da relação ensino-aprendizagem, sentimos que a modelagem cognitiva realiza uma parte da tarefa. Assim, faltou estabelecer uma conexão com os fundamentos dos significados atribuídos aos conceitos, para que a intervenção fosse efetiva. Conforme citamos no texto, não tínhamos como objetivo explicar através dos conceitos e significados, mas demonstrar a complexidade de se trabalhar com conceitos, quando os tipos de conhecimentos que os fundamentam são diversos e, quase sempre não científicos.

### 3.5.2 - Avaliação da Metodologia de RPG

Com relação ao RPG, a experiência foi válida e houve grande motivação dos alunos para desenvolver o mesmo. Entretanto, o grande problema encontrado foi relativo ao tempo reduzido para busca de informações e organização do enredo do RPG, de acordo com os fundamentos de cada Escola do Pensamento Geográfico. Pelas experiências nos dois últimos anos, ou seja, em 1998 e 1999, o RPG ofereceu maiores resultados do que a modelagem cognitiva, para a consecução dos objetivos esperados. Isto ocorreu devido ao fato de que no RPG existe uma participação interativa entre o aluno com o seu personagem, dentro de uma determinada época onde as racionalidades fundadoras eram distintas das atuais.

Outre fator relevante do RPG foi a transposição de cada aluno para cada época. Para muitos houve dificuldade de estabelecer distinções entre o período em que estavam representando e o momento atual, principalmente com relação a linguagem e elementos de organização do seu cotidiano.

A caracterização e a pantomina de alguns alunos foi fundamental para situá-los em contextos históricos distintos. Mesmo tendo a dificuldade de refletir naquele momento sobre suas experiências relativas, a cada uma das Escolas do Pensamento Geográfico, o RPG constituiu-se numa grande metodologia de intervenção em sala de aula, para assuntos que exigem carga de leitura com conteúdos, considerados por alguns como enfadonhos.

### **3.6 - Avaliação Crítica dos Resultados da Investigação/Intervenção.**

#### **3.6.1 - Avaliação Crítica dos Resultados da Investigação.**

A investigação conduziu-nos para um universo de conceitos, onde havia necessidade de sistematização através de indicadores que aglutinassem os principais polos de discussão das disciplinas.

Num primeiro momento, ficamos perplexos com a quantidade de significados atribuídos aos conceitos e a dificuldade em estabelecer graus de similaridade entre os mesmos. Assim,

procuramos deixar evidentes os significados similares correspondentes a cada um dos conceitos sugeridos.

Em linhas gerais, a investigação somente mostrou-nos a multiplicidade de conceitos inerentes a cada um dos conceitos geográficos, sem tampouco retrabalhar a sustentação dos mesmos, atividade esta que seria desenvolvida na etapa de intervenção.

### 3.6.2 - Avaliação Crítica dos Resultados da Intervenção.

Com relação a crítica dos resultados da intervenção, acreditamos que precisamos descrever com os alunos: as suas experiências, localizá-las em suas ações e sentimentos em relação a cada uma das escolas do Pensamento Geográfico, como parte do processo de formação de sua personalidade; localizar as experiências dos alunos em relação ao seu presente, seu passado e seu futuro; e, desenvolver com eles uma reflexão crítica sobre seu movimento no mundo, tirando-a da cumplicidade, em relação a cada uma das fundamentações das Escolas do Pensamento Geográfico. Este deve ser o objetivo de uma Geografia científica.

O caminho para uma Geografia científica deverá estabelecer uma ligação entre as implicações da ontologia do espaço com o cotidiano de cada aluno. Assim, tornar-se-á possível uma intervenção científica na Geografia e no seu respectivo processo de ensino aprendizagem.

Concomitantemente, deverá ser realizado um aprofundamento delimitando o fenômeno geográfico, a sua teoria explicativa, bem como as metodologias derivadas para cada caso. O caminho para realizar este empreendimento deverá estar centrado nas seguintes orientações:

- **Revisão das Formas de Produção do Conhecimento:**

A forma como os homens compreendem os diversos fenômenos geográficos e suas relações com o mundo, contribuem para a sua ação sobre o espaço, segundo as diferentes formas de produção do conhecimento vistos anteriormente. Estes problemas fazem-nos repensar que a crítica das formas de representação do conhecimento, com fundamentação metafísica, podem contribuir para o avanço da modelagem cognitiva em inteligência aplicada, se analisadas não só de uma perspectiva gnosiológica (conhecimento), mas também epistemológica (científica).

As diferentes lógicas de representação da realidade são produzidas pelos homens, através dos diferentes canais da consciência (percepção, emoção, imaginação e reflexão) associados aos sentidos (audição, tato, gustação, visão e olfato) e as possibilidades efetivas de "transcendentalidade". Estas lógicas de representação da realidade são derivadas dos diversos problemas existentes na relação com os fenômenos do mundo, em diferentes épocas, isto é, através da interação entre as

significações passadas e o conhecimento presente que tinham para formalizar suas racionalidades.

Partindo-se destas estruturas elementares, ordenou-se a representação do conhecimento em suas diversas perspectivas, ou seja, interesses e necessidade sócio - econômicas e político - culturais.

- A distinção entre a representação do conhecimento a partir da realidade" e a "representação a partir de crenças":

A ausência de uma discussão mais séria sobre o objeto da Geografia, o espaço, tem mantido as questões citadas anteriormente, como pressupostos factíveis e irrefutáveis, enquanto fundamentos objetivos.

A representação do conhecimento como é realizada hoje, sustenta-se no espaço, no conhecimento produzido a partir das formas de ocorrência dos fenômenos e das suas implicações derivadas. A representação do conhecimento é realizada através de uma descrição rigorosa dos fenômenos.

Nesta perspectiva, o modelo cognitivo se estabelece em termos de probabilidades, operando somente através de ocorrências e variáveis que se implicam, na perspectiva da lógica formal. Esta condição pode ser observada num exemplo: um eclipse só ocorre em determinadas posições dos astros, ou em tais condições atmosféricas ocorrerá chuva.

Esta forma de representação do conhecimento materializa-se na expressão: SE  $\Rightarrow$  ENTÃO. Fora das condições ou das ocorrências implicadas, o fenômeno não ocorre. Outrossim, se tivermos este conhecimento é possível estabelecer previsões, e em muitos casos, realizar intervenções, como por exemplo: evacuar uma área costeira em face de um maremoto iminente.

Através das probabilidades, consta tando determinadas ocorrências relativas a determinados fenômenos, é provável verificar quando as mesmas condições/fenômenos deverão se repetir. A representação do conhecimento ao ser relativa aos fenômenos/objetos é contrária a afirmação de que: a representação do conhecimento é estabelecida sobre comprovação, ou basta uma comprovação para provar que a representação do conhecimento realizada é científica. Nem toda representação do conhecimento é científica, se considera mos numa perspectiva positivista, os diferentes canais da consciência.

Entretanto, acreditamos que todos os canais da consciência podem ser analisados cientificamente através de suas diferentes formas de representação de conhecimentos, numa perspectiva descritiva, constatando inclusive sua transcendentalidade.

A representação do conhecimento para ter validade científica, tem perpassado por vários dualismos metafísicos. Na perspectiva da subjetividade, a representação do conhecimento depende da autoridade moral de quem testemunha e, controla as instâncias dos dados e informações.

Na perspectiva da objetividade, a representação do conhecimento dilui-se nos significados sociais e históricos atribuídos aos fenômenos delimitados pelas possibilidades de comprovação de hipóteses, conforme aparecem nas Escolas do Pensamento Geográfico. A representação do conhecimento independe da autoridade moral do cientista. Ao contrário, esta depende exclusivamente da realidade dos objetos, do concreto, dos fatos, do espaço.

Estas diferentes formas de representação do conhecimento ainda ocorrem no meio científico, ou seja, as formas de representação do conhecimento numa perspectiva metafísica e as formas de representação do conhecimento numa perspectiva científica. Num sentido geral, as formas de representação do conhecimento com fundamentação científica, resgatam a potencialidade política da diferença, da liberdade de verificação e do nascimento dos pluralismos e individualidades, pois os critérios de verificação são passíveis de teste.

Já, as formas de representação do conhecimento com fundamentação metafísica dirigem os significados com finalidades de controle, pois os pressupostos de verificação estão sustentados na autoridade moral de quem detém o conhecimento e o testemunha.

- **A Metafísica como Decorrência/Recorrência da Representação do Conhecimento.**

A Ciência rompeu com a Metafísica no que concerne as formas de representação do conhecimento que estas racionalidades detém, o mesmo não aconteceu com a Geografia, onde fundamentações não científicas continuam sendo estudadas como conhecimento científico. Metafísica significa "além de", "além da realidade", sempre procurando explicar o que não é.

A Metafísica abandona os objetos e a realidade pela "idéia" e sua explicação. Suas principais categorias são a "substância última" e os "dualismos":

- **A "Substância Última".**

Para a Metafísica, a realidade não importa. A explicação da representação do conhecimento está oculta. O que está sendo representado, constatado trata-se apenas da "aparência". O que sustenta a representação do conhecimento é a "substância última".

A "substância última" é uma razão, uma lógica, um predicado, a partir do qual tudo deriva e toda a explicação a ele retorna, ou seja, o eterno retorno, como por exemplo a mitologia, a teologia, a cosmogonia, o positivismo, o idealismo metafísico, o materialismo, as redes e sistemas e os fenomenologismos. Neste sentido, uma nova forma de representação do conhecimento sem fundamentação metafísica teria que necessariamente abandonar sua sustentação numa "substância última".

• Os "Dualismos"

Outra variável que fundamenta a Metafísica é o "dualismo", ou seja, a divisão em dois de qualquer forma de representação do conhecimento:

- "SER" - o que sustenta a realidade da representação do conhecimento e,
- "APARECER" - a representação do conhecimento.

Através dos dualismos, qualquer forma de representação do conhecimento na Geografia é subdividida, como por exemplo: físico/humano, sociedade/natureza, ideográfico/nomotético. Na Metafísica, a representação do conhecimento já está construída, só que não foi produzida pelos homens e nem parte da realidade. É a "razão" existente a priori que modela as formas possíveis de representação do conhecimento sobre o espaço. Assim, todas as representações do conhecimento e implicações lógicas na Geografia partem dela. O método de trabalho da Metafísica é traduzir ocorrências por manifestações. Nestes casos, a representação do conhecimento é manifestação de algo oculto, que dirige a realidade.

A ciência se sustenta nos objetos, na descrição rigorosa das diversas ocorrências verificadas. No método científico, o conhecimento é segundo, não existindo a priori. Entretanto, o conhecimento foi produzido pelos homens a partir da realidade. O método científico permite partir dos objetos.

Cientificamente não é possível partir de suposições, de uma mente, do inconsciente ou do mundo das idéias. A proposta fundamental do método científico constitui-se a partir dos objetos. Pretendemos um método que constate a realidade, e seja anterior a qualquer formulação.

Por isso o método científico é descritivo, pois preocupa-se como os fenômenos geográficos ocorrem, e não com as suas causas ou explicações. Podemos verificar esta diferença entre estas duas racionalidades, a partir da diferença entre ocorrência e manifestação. A ocorrência seriam os fatos e os acontecimentos relativos aos fenômenos analisados. A manifestação seriam as explicações que são feitas com base nas ocorrências de acordo com as convicções e crenças pessoais.

Estas duas formas de racionalidade são irreduzíveis entre si. O cientista, ao utilizar os recursos da realidade dos objetos, não depende da liberdade de quem a faz. A produção científica é legitimada a partir dos objetos de investigação e não de acordos entre cientistas ou comunidades de pensamento. Nestes casos não devemos testar hipóteses a priori, deveremos ir ao concreto e descrevê-lo. Aqui reside um dos maiores problemas na representação do conhecimento.

A maior parte dos modelos cognitivos são apriorísticos, dependem de hipóteses e de estruturas formais de representação com fundamentação na lógica formal, dentre os quais: lógica difusa, algoritmos genéticos, redes Neurais e sistemas híbridos, tem tentado com certas limitações, representar estruturas

cognitivas através dos referidos sistemas lógicos, mesmo assim, não fogem deste esquema apriorístico.

Uma representação descritiva do conhecimento permite estabelecer o monismo do fenômeno. Diante então, permite constata-lo como uma coisa só, sem que seja preciso recorrer ao que é inviável e irreal: a algo que não é ele. A essência, a algo oculto, ou a dualidade do fenômeno (aparência-essência, mente corpo, interior-exterior).

Quando representamos um objeto, sempre o alcançamos mediante uma perspectiva. Quando falamos perspectiva, estamos nos referindo a uma projeção do objeto pesquisado, captada pela percepção numa relação de localização espacial entre nós e o objeto .

A perspectiva de um objeto geográfico tem que haver com as suas condições materiais. Desta perspectiva alcançamos uma das verdades sobre o objeto. Nunca alcançamos num mesmo tempo todos os perfis. Para se conhecer o objeto é preciso descrever e representar. Na medida em que considerarmos a representação do conhecimento como indicativo da realidade objetiva e indicativa de si própria, rompe-se com os dualismos.

Assim a ciência é possível pois o que sustenta a representação do conhecimento na Geografia é o espaço. Com recurso aos objetos de pesquisa poderemos ter formas de resolver os problemas da realidade e representá-los adequadamente. O homem é o sujeito do conhecimento e não o seu objeto e criação.

- **A Representação do Conhecimento como Explicação da Relação Causa  $\Rightarrow$  Efeito.**

A representação do conhecimento e seus resultados não devem ser vistos sob a ótica da relação causa e efeito. A causa vai remeter a uma crença e a uma explicação. As representações do conhecimento, com fundamentação metafísica, constroem uma explicação para os fatos da realidade, através dos modelos cognitivos.

Na medida em que se busca responder "o porquê?", distancia-se da realidade, e as respostas caem novamente nas convicções e acordos das referidas comunidades de linguagem e pensamento. A ciência não responde "o porquê?", constata as ocorrências. Assim, um fenômeno só pode ocorrer mediante a ocorrência de certas variáveis, como por exemplo: que fatos devem ocorrer (conjunto de variáveis) para chover (condições necessárias para ocorrer a chuva). Verifica-se assim, a existência de duas questões que remetem para duas racionalidades irreduzíveis:

**porquê?** - que remete a explicação para uma substância última, e as respostas vão para o infinito, e o efeito cai numa manifestação. Por exemplo, a chuva é manifestação dos Deuses;

**como** - que remete ao científico, pois nos leva aos componentes do fenômeno, através de constatações da realidade e de variáveis implicadas.

A ciência parte do fenômeno como está ocorrendo e é assim que obtemos a compreensão do que ocorre, diferente da explicação. Nesta perspectiva, a lógica que fundamenta a representação do conhecimento ainda procura explicações para as situações representadas cognitivamente, quando deveria buscar a compreensão de como se dá a organização do conhecimento que está sendo representado, para numa segunda etapa realizar as devidas simulações.

• **A Ciência como Razão que Comanda a Representação do Conhecimento**

Outro equívoco cometido quando não se tem postura científica, correponde a confundir ciência com lógica de representação do conhecimento. O resultado é o que não for cientificamente justificado não terá valor. Novamente caímos na metafísica, ou seja, a justificativa não encontra sustentação na realidade, mas em si mesma, a lógica pela lógica.

Jamais se parte da realidade para representar o conhecimento e, da idéias que fundamentam uma explicação para a representação do conhecimento, e da resolução no plano da lógica e da razão. Trata-se da pura expressão do positivismo lógico na representação do conhecimento. O método cartesiano admite a possibilidade da ciência, mas os dados desta só terão validade se confirmados pela razão.

Assim, toda constatação científica, bem como, suas respectivas representações serão sustentadas pela razão. Por exemplo, a casa que estou vendo só terá existência de fato, se for logicamente comprovada, pois até que provem em contrário, poderá ser uma ilusão.

Não sendo mais o homem que produz a racionalidade, estes é que são conduzidos pela razão. Feitas essas considerações, surge outra questão:

- **Como garantir que a Geografia seja Científica**

Muitas formas de representação do conhecimento estão sustentadas na lógica, numa razão, poder, substância última, ou dualismo e não na realidade.

Para começar, a geografia nem deveria trabalhar suas escolas, como fundamentação científica, pois as mesmas não o são. Caberias constituir a verificação do conjunto de ocorrências objetivas que definem o que é o espaço geográfico, distintamente das outras áreas de conhecimento do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Não basta uma representação do conhecimento ser estruturada, se não for resultante da realidade. O problema da representação do conhecimento tem que ser resolvido, como se procede na ciência: pela descrição dos fenômenos geográficos a partir dos objetos de investigação.

Quando estruturamos as diferentes formas de representação através do objeto e não do sujeito, não pudemos mudar as formas de representação, como bem entendermos. A representação do conhecimento objetivo vai depender da realidade dos conhecimentos representados.

Ao descrevermos a representação do conhecimento, constatamos que ele é segundo ontologicamente. Isto quer dizer que sua condição de ocorrência é primeiro haver um sujeito que o produza - alguém que conheça. Para representarmos diferentes tipos de conhecimento como resultado de nossas experiências cognitivas é necessário que primeiro exista alguém no tempo e espaço determinado; que o conhecimento é sempre conhecimento de algum fenômeno e não de si próprio.

Nesse sentido recorrer-se a algo que não é o conhecimento geográfico, recorre-se às coisas. Uma coisa é o objeto e outra é o conhecimento. Um não se transforma no outro. Para a metafísica primeiro viria a primazia do conhecimento que sustenta as suas diferentes representações, do qual tudo deriva e a ela tudo retorna. Nesse caso, o objeto se diluiria nas suas respectivas representações de conhecimento. Descrevendo o que ocorre, constatamos que o fenômeno é irreduzível a representação que se tem dele, assim, permanece como absoluto de objetividade. O conhecimento implica este par indissolúvel: o sujeito (quem produz o conhecimento) e o objeto (do qual se fazem as devidas representações).

O sujeito e o objeto são dois pares indissolúveis absolutos em relação, e irreduzíveis a representação que se faz deles.

A metafísica ao considerar apenas o sujeito como absoluto, caiu na subjetividade, pois tentou fundamentar a representação do conhecimento num "EU PURO" ou em si própria. A subjetividade, só existe enquanto relação com o mundo. A subjetividade é um momento da objetividade, pois mesmo não existindo sujeito, a realidade material está presente.

A representação do conhecimento independe do sujeito. Sua organização e sentido, só acontecem quando existe alguém em relação com o mundo. Não transportamos o mundo para as nossas mentes, são os homens que se objetivam. Objetivar-se é marcar seu espaço no mundo politicamente, através das escolhas realizadas e de seus interesses. A representação do conhecimento só se dá nos meios coletivos, pois os significados são sociais e históricos. Neste contexto é que se organiza a personalidade.

O problema da representação do conhecimento fica resolvido no momento em que encontramos o absoluto de objetividade. O absoluto de objetividade tem na subjetividade sua estrutura constitutiva e sua condição de ser. Não podemos querer resolver o problema da representação do conhecimento com recursos a subjetividade, porque se caminharmos nesta direção, seremos remetidos ao objeto. Seguindo o sujeito e não o objeto, como fazem os metafísicos, caímos no "idealismo": a idéia que o sujeito tem do mundo, assim não temos segurança de nenhuma representação do conhecimento, cada qual pode produzir um tipo

diferente de representação do conhecimento, de acordo com a sua visão de mundo.

Nessa perspectiva, as questões sempre podem ser retomadas pois nunca são finalmente explicativas. A metafísica coloca a representação do conhecimento sempre em suspenso ou em dúvida, até que se encontre a representação do conhecimento absoluta.

Assim, surgem várias formas de representação dos conhecimentos dos mesmos objetos, linhas de pesquisa e gostos pessoais. Se a representação do conhecimento do mundo fosse a representação que cada um tem na cabeça, não haveriam problemas e conflitos a resolver.

Com isto teria-se apenas que resolver os problemas referentes as diferentes formas de representação do mundo e cada qual arrumava seu mundo e suas relações. Mas, infelizmente, não é o que ocorre. Há um mundo só e cada um representando o mesmo mundo de formas diferentes. Os confrontos de representação de conhecimento existem e podem ser transformados em problemas de determinada pessoa - " num problema mental". Para os metafísicos a representação do conhecimento está sempre em suspenso, esperando a revelação de uma representação do conhecimento absoluto, apostando sempre na dúvida.

Nestas condições, gera-se uma insegurança coletiva através de uma razão dominante que define as formas de representação, seus conteúdos e significados, gerando mecanismos de controle espacial e social. Se estivessem claras as situações de representação do conhecimento, estariam definidas as atitudes e

as escolhas a serem realizadas e, a organização teria outras formas de materialização.

Como não temos certeza absoluta, não teremos uma representação do conhecimento confiável, para simular determinado tipo de realidade. Nesse contexto surge o "voluntarismo", ou seja, o descompromisso com qualquer possibilidade efetiva de mudança nas formas de representação do conhecimento. A representação do conhecimento objetiva é produzida a partir de um perfil do objeto. Outrossim, as representações do conhecimentos não se complementam para garantir a verdade de uma perspectiva observada. Cada representação do conhecimento realizada de uma perspectiva é válida.

Uma verdade não se sustenta na outra, nem se dilui em uma só. É claro que temos objetos mais exaustivamente trabalhados, pois temos mais constatações objetivas e conhecimento objetivo a respeito de determinados objetos.

#### **- A Mudança da Realidade**

Outro argumento metafísico afirma que não há como estabelecer representações do conhecimento de modo efetivo, pois a realidade está em constante mudança, ou como dizem alguns geógrafos, o espaço está em constante mudança, como Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Ruy Moreira.

Em contrapartida, temos a dizer que a representação científica do conhecimento é a representação das suas

materialidades. Isto quer dizer que as representações do conhecimento de determinado objeto podem mudar, enquanto as condições de sua ocorrência estiverem presentes. Caso algumas das condições de ocorrência se alterarem, a representação do conhecimento muda, e, concomitante, o respectivo objeto de investigação.

Uma representação do conhecimento não deixa de ser científica por ser um equívoco, ela deixa de ser verdade em relação ao objeto no momento em que ele mudou.

A verdade objetiva possibilita o acompanhamento da mudança do objeto, exatamente por ser objetiva, por estar em relação com as condições materiais do objeto; e, implica esta constante averiguação do objeto, no momento em que o mesmo mudar, muda também a sua verdade.

É o fato do objeto ser algo diferente da representação do conhecimento que se faz dele, que é possível a verdade objetiva sobre o espaço geográfico.

Assim não caímos na metafísica, pois temos a certeza de não estar andando em círculos, fazendo o pensamento retornar a si mesmo. O conhecimento é relativo e possível através das relações com o espaço. O objeto é sempre o mesmo. Se o objeto mudar, então o conhecimento do mesmo deverá mudar.

Adotar todas as perspectivas para explicar o objeto é não ter perspectiva nenhuma, porque o objeto absoluto neste sentido não existe.

A referência de um objeto é sempre de uma perspectiva, de uma verdade relativa, objetiva a realidade do objeto. O que se pode ter é um conhecimento exaustivo do objeto, mas nunca um conhecimento total. Não precisamos por exemplo, do conhecimento do universo inteiro ou o conhecimento absoluto deste, para saber com segurança de que o sistema solar é uma parte dele.

Poderemos conhecer mais sobre o sistema solar, mas todos os conhecimentos que virão, as outras verdades objetivas a respeito dele não irão nunca revogar que o centro mecânico do sistema solar, por exemplo é o sol (enquanto o sistema solar for assim). E mesmo que chegue a um ponto em que não é possível conhecer mais, ainda assim, não se tem o conhecimento absoluto. Tem-se sim, um conhecimento objetivo exaustivo do objeto pesquisado.

A própria descrição/representação das coisas como acontecem, mostra que não precisamos recorrer ao infinito, porque é desnecessário e não corresponde a realidade. A metafísica utiliza a representação do conhecimento dos objetos para garantir a verdade que já existe a priori. O cientista só estabelece verdades a partir das possibilidades dos objetos. A ciência realiza uma crítica, estabelecendo uma compreensão científica a partir dos objetos.

espacial. Não há nada que controle as ações dos homens: razão, inconsciente, fator genético ou produto do meio. Das relações humanas, dos fatos e das representações impõem-se escolhas da qual não se pode omitir. Entretanto, não se pode confundir "liberdade" com "oportunidades de escolhas acertadas". O fato de não se ter tido escolhas é uma questão de possibilidade e isto trata-se de uma questão política. A liberdade é anterior a isso.

Ninguém está condenado a ser isto ou aquilo? As pessoas estão em constante processo de construção e elas se fazem, em muitos casos, através de suas representações. Embora muitas vezes não se tenha uma reflexão crítica a respeito do projeto político, não deixamos de provocar implicações sociais a partir da escolha de qualquer representação adotada.

É por isso que a questão decisiva da existência humana está ligada definitivamente a uma representação do futuro, a possibilidade de superar problemas, de construir seu futuro, e de realizar transformações. Entretanto, sempre que fazemos escolhas, fazemos com base em representações de um conhecimento, que em muitos casos, pode estar equivocado.

Assim, a representação do conhecimento que fundamentaria a liberdade, traz em si o problema da alienação. Na alienação as pessoas selecionam as escolhas e as representações dos outros contra a sua. Entretanto, a alienação não impossibilita a liberdade, apenas não se vive a sua liberdade. Este processo pode ser reversível. A desalienação é possível e é um primeiro

momento da possibilidade de escolhas, dentre muitas representações do conhecimento.

Para que isso se torne possível é necessário o posicionamento das pessoas diante dos fatos e, uma base de sustentação que possibilite a compreensão das representações e as mudanças desejáveis.

A luta que se trava é política. Ao sermos impedidos de existir livremente, é porque antes de mais nada somos livres, ou seja, seres livres impedidos de viver livremente por outros indivíduos ou razões. A liberdade não se dilui na verdade e nas representações.

O homem continua livre e tendo que realizar escolhas através das suas múltiplas representações e das que fazem para ele, podendo recusá-las ou não, e decidindo em que termos irá organizar suas representações e seu projeto político correspondente. Os resultados da ciência ou das representações dos conhecimentos deverão ser utilizados para determinados fins, ligados aos interesses dos projetos políticos pessoais.

A ciência não faria sentido algum, sem determinada política que o colocasse a serviço de determinado projeto. A Representação do conhecimento só tem sentido como instrumentalização: alterar a realidade em função do projeto que se escolha para viver a liberdade.

### - A Questão Política na Representação do Conhecimento

A ciência, como é compreendida atualmente, permite aos homens resolverem seus problemas, em prol da transformação da realidade. A ciência é um fenômeno histórico, assim como as diferentes representações do conhecimento historicamente datadas. Para muitos, ainda existe a crença de que os homens e suas representações de conhecimento são governadas por alguma ordem (inconsciente), do qual não podem mudar, podendo no máximo amenizar os conflitos sociais.

A ciência e as representações do conhecimento se justificam pela sua possibilidade de uso. Existe uma objetividade histórica, como também problemas verificados. A ciência e a representação dos conhecimentos tem uma função mediadora: elucidam como ocorrem os fenômenos e possibilitam uma compreensão e intervenção a serviço dos objetivos humanos, permitindo a compreensão da realidade que se quer transformar e construir.

As nossas ações estão contextualizadas numa perspectiva de escolhas que nos impele ao Projeto Político. Nessa perspectiva nenhuma verdade determina o homem, pois ele é LIBERDADE. Esta condição é anterior a qualquer lógica ou racionalidade. A liberdade ao não se diluir na verdade, faz com que o homem continue livre e, tendo que se posicionar frente as verdades, racionalidades e representações.

Das escolhas surgem as possibilidades de representação do Projeto Político de cada grupo que advoga por uma organização

## Bibliografia

**Escola Clássica - Cosmologias e Mitologias**

- ® DUHEM, Pierre. Le Systéme du Monde. Hermann. Paris. Volume 1 a 8  
Classificação: 113/119(091) D871s
- ® MOREIRA, Eidorfe. Geografias Mágicas. Belém, UFPA, 1985. 243p.  
Classificação: 91 (042.3) M838g

**Escola Tradicional - Sistematização e Descrição**

- ® Clássicos Jackson - Humboldt - Quadros da Natureza, V. 34 e 35  
Classificação: 001 H919q V.1 - 001 H919q V.2
- HARVEY, David. Explanation in Geography. Edward Arnold. 1969  
Classificação: 910.1 H341e
- ® RAISZ, Erwin. Cartografia General. Barcelona. Omega. 1959  
Classificação: 528.912 R159C
- ® ROUGERIE, Gabriel. Geografia da Paisagem. São Paulo. Difel. 1971  
Classificação: 91 R855g
- ® MORAES, Antônio Carlos Robert de. A Gênese da Geografia Moderna. São Paulo. Hucitec - Ed. USP, 1989.  
Classificação: 91 (091) M827g
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Princípios de Geografia Humana. 2. Ed. Lisboa, Cosmos, 1954, 390p.  
Classificação: 911.3 V648p
- DOLFUSS, Olivier. O Espaço Geográfico. 4.ed. São Paulo, Difel, 1982, 121p.  
Classificação: 911.3 D665e
- \_\_\_\_\_. A Análise Geográfica. São Paulo, Difel, 1973, 130p.  
Classificação: 910.1 D665a
- WOOLDRIDGE, S.W. Espírito e Propósitos da Geografia. Rio de Janeiro, Zahar, 1967, 189p.  
Classificação: 910.1 W913e
- DEMANGEON, Albert. Problemas da Geografia Humana. Barcelona. Omega. 1956.  
Classificação: 911.3 D371p
- CHISHOLM, Michel. Geografia Humana: evolução ou revolução? Rio de Janeiro, Interciência, 1979.  
Classificação: 911.3 C542g
- BROEK, John. Iniciação ao Estudo da Geografia. 4. Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. 155p.  
Classificação: 910.1 B865i
- HARTSHORNE, Richard. Propósitos e Natureza da Geografia. 2.ed. São paulo, Hucitec, USP, 1978.

Classificação: 910.1 H335p

MONBEIG, Pierre. Novos estudos de Geografia Humana Brasileira. São Paulo, Difel, 1957, 236p.

Classificação: 911.3 (810 M736n

MARTONNE, Emmanuel de. Traité de Géographie Phisique. 6eme ed, Paris, Armand Colin, 1950.

Classificação: 911.2 M387t

JOHNSTON, R.J. Geografia e Geógrafos. São Paulo Difel, 1986. 359p.

Classificação: 911.3(73) J73g

. GEORGE, Pierre. Os Métodos da Geografia \_São Paulo, DIFEL, 2.ed., 1986.

Classificação 910.1 G348m

### **Escola Nova Geografia - Quantitativa, Teorética e Sistêmica**

® GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira et alii. Quantificação em Geografia. São Paulo, DIFEL, 1981.

Classificação: 910.1 G358q

BERRY, Brian. Spatial Analysis: A reader in Statistical Geography. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1968, 512p. il.

Classificação: 911-3:330 B534s

® HAGGET, Peter. Geography: A Modern Synthesis. New York. Harper & Row, 1975

Classificação: 911.3 H144g

® CRISTOFOLETTI, Antônio. Análise de Sistemas em Geografia. São Paulo, Hucitec, USP, 1979, 106p.

Classificação: 910.1 C556a

CHORLEY, Richard. Modelos Físicos e de Informação em Geografia. São Paulo, 1972, 270p.

Classificação: 910.1 M689

### **Escola Humanística - Fenomenologia Existencial**

® TUAN, Yi FU. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo. Difel. 1983.

Classificação: 159.937.52 T883e

® GOLD, John R. An Introduction to Behavioural Geography. Oxford, 1980.

Classificação: 91 G618i

® LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. São Paulo. Martins Fontes. 1977.

Classificação: 711.4 (73) L987i

LYNCH, Kevin. De que Tiempo es este Lugar? Para una Nova Definicion del Ambiente. Barcelona. Gustavo Gili, 1971

Classificação: 72.01 L987d

® CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. São Paulo. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1983. Classificação: 711 C967p

### Escola Idealista - Idealismo como alternativa ao Positivismo

® GUELKE, Leonard. Uma Alternativa idealista na Geografia Humana. Boletim Geográfico, 35 (252): 36-49, 1977.  
Setor de Periódicos - BU

### Escola Radical - Materialismo Histórico e Dialético

RECLUS, Elisée. Geografia. São Paulo. Ática, 1985.

Classificação: 911.3 R299e

® LACOSTE, Yves. A Geografia serve em primeiro lugar para fazer a guerra. 4ed., Campinas, Papirus, 1997, 263p.

Classificação: 91 L144g

® MORAES, Antônio Carlos R. Geografia: Pequena História Crítica. São Paulo, Hucitec, 1987.

Classificação: 91 M287g

® \_\_\_\_\_ A Valorização do Espaço. 3. Ed. São Paulo, Hucitec, 1993.

Classificação: 910.1 M827g

MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. São Paulo, Brasiliense, 1981, 113p.

Classificação: 91 M838o

\_\_\_\_\_ Geografia: Teoria e Crítica. Petrópolis, Vozes, 1982.

Classificação: 91 G345

® HARVEY, David. A Justiça Social e a Cidade. São Paulo, HUCITEC, 1980.

Classificação: 711 H341j

® QUAINI, Massimo. Marxismo e Geografia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, 155pp.

Classificação: 330.85 Q1m

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 2.ed. São Paulo, Hucitec, 1980, 236p.

Classificação: 910.1 S237p

® CLAVAL, Paul. Espaço e Poder. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, 248 p.

### Escola da Geografia Brasileira - Geral

- ® CASTRO, Josué de. Geografia da Fome: O Dilema Brasileiro: pão ou aço. 1ed. São Paulo, Brasiliense, 1969. 334p.  
Classificação: 361.95 C355g
- TRAVASSOS, Mário. Projeção Continental do Brasil. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1938.  
Classificação: CEOR 918.1 T779p
- ® SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução à Geografia. Petrópolis, Vozes, 1987  
Classificação: 91 S679i
- ® CASTRO, Iná Elias de et aliii (Org.) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.  
Classificação: 91 G345
- LOPES, Raimundo. Antropogeografia. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1956.  
Classificação: 391/397 L864a  
Geografia Humana. IBGE. 1963, 337p.  
Classificação: 911.3 C331g

### Escola Temporo-Espacial - A Relação Espaço/Tempo em Redes/Sistemas

- ® DIAS, L.C. Redes: emergência e organização: In: CASTRO, Iná Elias et aliii. Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 1995, p.141-162.  
Classificação: 91 G345
- ® \_\_\_\_\_ Réseaux d'information et réseau urbain au Brésil. Paris, L'Harmattan, 1995, 172p. Classificação: 911.375 D541r
- ® HARVEY, David. A Condição pós-moderna. São Paulo, Loyola, 1992.  
Classificação: 7.036 "195" H341c
- ® VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real. Rio de Janeiro, Ed.34, 1993, 119p. Classificação: 007 V818e

SILVA, Pedro Bertolino et al. A Personalidade. Florianópolis, Edições NUCA, 1996.

**ANEXO I****PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO****GEOGRÁFICO**

**OBJETIVO:** Analisar a evolução da Geografia e do pensamento geográfico, visando conhecer o processo histórico de produção do conhecimento geográfico, em diferentes momentos históricos, bem como apontar a contribuição de diferentes geógrafos que ajudaram a constituir a ciência geográfica.

**EMENTA:** O processo de formação do conhecimento geográfico, a partir das sociedades clássicas antigas. A estruturação da ciência geográfica e o contexto histórico que embasaram sua institucionalização. Características gerais do pensamento de geógrafos que ajudaram a construir a ciência geográfica. O pensamento geográfico brasileiro e o papel da AGB. Tendências atuais do pensamento geográfico mundial e nacional.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:****I. A Construção da Ciência Geográfica**

1. A Geografia na Antiguidade e da Idade Média
2. A Geografia no Contexto da Sociedade Feudal
3. A Geografia no Contexto da Sociedade Moderna
4. As Contribuições dos Geógrafos para a Geografia

**II. O Movimento de Construção - Sociedade Contemporânea**

1. Superação dos antigos paradigmas e movimentos de renovação da Geografia
2. Tendências do Pensamento Geográfico Mundial
3. O debate Atual

**III. O Pensamento Geográfico Brasileiro**

1. O Papel das Faculdades/Universidades/IBGE/AGB
2. Novos Rumos da Geografia Brasileira
3. A Geografia de Santa Catarina: Evolução e Produção acadêmico-científica

## Anexo II

### PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA TEORIA E MÉTODOS DA GEOGRAFIA

**OBJETIVO:** Levar o aluno a conhecer as diversas orientações teórico-metodológicas ligadas às correntes filosóficas norteadoras do desenvolvimento da Geografia.

**EMENTA:** Fundamentos filosóficos da produção do conhecimento geográfico. A questão da objetividade e da ideologia na produção científica. Tendências atuais do fazer geográfico. Aspectos gerais das teorias e métodos aplicados pela Geografia.

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**

1. Os fundamentos filosóficos da ciência moderna
  - 1.1 - As principais correntes filosóficas da prática geográfica: positivismo, marxismo e fenomenologia.
  - 1.2 A questão da objetividade e da ideologia na produção científica: o conceito de método, desenvolvimento histórico do método, método indutivo, método dedutivo, método hipotético-dedutivo, método dialético.
  - 1.3 Fatos, leis, teorias e hipóteses: definições
  - 1.4 Teorias e Métodos da Geografia. As contribuições de Christaller, Perroux e outros; os diferentes espaços de conceituação, a noção de tempo nos estudos geográficos, as categorias de análise: estrutura, forma, função e processo.

## ANEXO III

## Conceitos e Significados - Empírico e Metafísico

CONCEITOS	SIGNIFICADOS
Lugar	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Localização de um ponto no espaço.</li> <li>2. Ponto de referência .</li> <li>3. Espaço físico.</li> <li>4. Local que podemos estar.</li> <li>5. Espaço ocupado.</li> <li>6. Sítio.</li> <li>7. Espaço próprio para determinado fim.</li> <li>8. Povoação</li> <li>9. Cargo,</li> <li>10. Função.</li> <li>11. Ordem.</li> <li>12. Posição.</li> <li>13. Situação.</li> <li>14. Classe.</li> <li>15. Ponto de observação.</li> <li>16. Trecho ou parte de um livro</li> <li>17. Destino.</li> <li>18. Logradouro</li> </ol>
Espaço	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Local onde existe matéria.</li> <li>2. Extensão indefinida.</li> <li>3. Lugar mais ou menos delimitado que contém alguma coisa.</li> <li>4. Distância entre dois pontos.</li> <li>5. Sítio ou lugar.</li> <li>6. Duração.</li> <li>7. Local fora da Terra.</li> <li>8. Tudo ao meu redor</li> <li>9. Área de atuação de uma ciência.</li> <li>10. Tudo o que pode ser ocupado ou explorado.</li> <li>11. Denotação de um ambiente qualquer.</li> </ol>
Território	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Divisão de um certo lugar.</li> <li>2. Extensão considerável de terra.</li> <li>3. Área de um país.</li> <li>4. Província.</li> <li>5. Cidade.</li> <li>6. Jurisdição.</li> <li>7. Extensão de um país.</li> <li>8. Espaço físico delimitado por razão política</li> </ol>
Paisagem	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. É o fenótipo de um lugar.</li> <li>2. Panorama.</li> <li>3. Aspectos naturais.</li> <li>4. Conjunto de características de determinado espaço observado.</li> <li>5. Visualização de uma parte da natureza.</li> <li>6. Uma imagem.</li> <li>7. Vista/visão de algum lugar.</li> <li>8. Àquilo que se contempla à distância.</li> <li>9. Definição de um local Lugar que é olhado.</li> <li>10. Natureza que se aprecia.</li> <li>11. Quadro agradável aos olhos.</li> </ol>
Topofilia	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estudo dos lugares.</li> <li>2. Amigo das alturas.</li> <li>3. Mania de grandeza;</li> <li>4. Gosto por um lugar</li> <li>5. Referente a geografia de algum lugar.</li> </ol>
Redes	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conjunto de matérias</li> <li>2. Entrelaçamento de fios,</li> <li>3. Conjunto dos meios de comunicação ou informação.</li> <li>4. Conjunto de estabelecimentos.</li> <li>5. Agências destinadas a prestar determinados serviços.</li> </ol>

	6. Cilada. 7. Equipamentos utilizados para capturar peixes. 8. Conexão entre vários terminais (informática). 9. Interligação de objetos, conhecimentos e idéias. 10. Sistema.
Consciente	1. Que sabe o que faz . 2. Que tem consciência . 3. Estado de ligação com a realidade, estar ciente, racional 4. É o que se tem idéia, o que se sabe . 5. Compromissado, saber . 6. Dono de si . 7. Que pensa . 8. Estado psíquico real . 9. reflexivo lúcido . 10. pessoa que está no seu estado normal . 11. Parte dominável do pensamento . 12. Pleno vigor cerebral. 13. Discernimento das coisas em posse das faculdades mentais.
Inconsciente	1. Sem a noção do assunto. 2. Que não sabe o que faz. 3. Falta de consciência. 4. Vivo, porém desacordado. 5. Fora de si. 6. Estágio de letárgico do pensamento. 7. O que fazemos por impulso 12. Pensamento controlado. 13. Tudo o que não pensa. 14. Não consciente.. 18. Estado psíquico mais profundo. 19. Pessoa que não está no seu estado normal. 20. Lado instintivo do cérebro. 21. Sem capacidade de raciocínio próprio.
Subconsciente	1. Abaixo da consciência. 2. Abaixo de si, dentro. 3. Onde registramos tudo em nossa mente, de onde vem os pensamentos. 4. Sentimentos inesperados. 5. O que não temos controle. 6. Depósito de informações. 7. Obscuro, vontade. 8. O dobro de pensar. 9. Estado psíquico intermediário entre consciente e inconsciente. 10. Coisas não definidas. 11. Consciência interior. 12. Auto controle interno. 13. Relativo ao cérebro. 14. Memória. 15. Parte do pensamento não controlada.. 16. Que viveu e não lembra.. 17. Parte da consciência humana não capaz de ser usada voluntariamente. 18. Capacidade de raciocínio involuntário. 19. Lembranças, sensações que não temos domínio.

• **Variáveis Relativas aos Níveis de Conceituação:** Marxismo, Positivismo, Fenomenologia, Existencialismo, Materialismo, Materialismo Histórico, Materialismo Dialético, Mitologia, Teologia, Escola;

Marxismo	1. Que destaca as leis favoráveis a sociedade. 2. Escola, doutrina criada por Karl Marx ; 3. Doutrina filósofos alemães que defendem o materialismo. 4. Teoria de Marx. 5. Comunismo.
Positivismo	1. Afirmação favorável dos argumentos 2. Escola, corrente positiva. 3. Doutrina de Comte. 4. Linha de pensamentos positivos.
Fenomenologia	1. qualquer modificação ocorrida nos corpos 2. Estudo dos fenômenos.

Existencialismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Referente a localização da matéria.</li> <li>2.Escoia da existência.</li> <li>3.Pensamento voltado a existência do homem.</li> <li>5.Existência de algo.</li> </ol>
Materialismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Obter a posse de alguma coisa</li> <li>2.Culto ao material</li> <li>3.Doutrina ideológica baseada na exclusividade da matéria.</li> <li>4.Concreto.</li> <li>5.Relativo à matéria.</li> </ol>
Materialismo Dialético	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que se opõe ao idealismo.</li> <li>2. Ter sempre a razão dos assuntos.</li> <li>3. Baseado em explicações concretas e recebida pelo diálogo.</li> <li>4. Culto ao material com determinada linguagem.</li> <li>5. Fala concreta.</li> </ol>
Materialismo Histórico	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Acumulo de riquezas através dos tempos.</li> <li>2. Ligado a materiais relacionado com a história.</li> <li>3. Culto ao material com fundamentação histórica.</li> <li>4. Formação concreta do acontecimento.</li> <li>5. Tendência a narração histórica.</li> </ol>
Mitologia	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estudo de mitos e crenças.</li> <li>2. Estudo dos Deuses.</li> <li>3. Algo não explicado pela ciência.</li> <li>4. História criada pelas pessoas da antiguidade para descrever fenômenos que não sabiam explicar.</li> <li>5. Tratado a cerca das origens, desenvolvimento e sua significação.</li> <li>6. Sem comprovação.</li> </ol>
Teologia	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tratado teológico.</li> <li>2. Estudo das teorias.</li> <li>3. Estudo de Deus.</li> <li>4. Estudo das religiões.</li> <li>5. Estudo da coisa divina.</li> <li>6. Estudo sobre tudo relacionado a Deus como centro do Mundo.</li> <li>7. Dogma.</li> </ol>
Escola	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ambiente de preparação</li> <li>2. Aprendizagem.</li> <li>3. Sistema ou doutrina de pessoas notáveis em qualquer ramo do saber.</li> <li>4. Estabelecimento onde se ministra aulas.</li> <li>5. Conjunto de pessoas seguidoras de uma teoria.</li> <li>6. Conjunto de alunos e professores.</li> <li>7. Conjunto de adeptos ou discípulos de um mestre em filosofia.</li> <li>8. Doutrina, seita, sistema.</li> </ol>

• Variáveis Relativas aos Conceitos Fundamentais:

Ordem	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Organização de alguma coisa.</li> <li>2. Disposição conveniente dos meios para se obterem os fins.</li> <li>3.</li> <li>4. Regra ou lei estabelecida.</li> <li>5. Regras impostas,</li> <li>6. Sequencia,</li> <li>7. Padrão.</li> </ol>
Organização	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Planejamento em ordem.</li> <li>2. Conformação.</li> <li>3. Estrutura.</li> <li>4. Modo pelo qual se organiza um sistema/organismo.</li> <li>5. Associação ou instituição de objetos definidos.</li> <li>6. constituição.</li> <li>7. A designação oficial de certos organismos.</li> <li>8. Ato de organizar,</li> <li>9. Complexo de empresas.</li> <li>10. Harmonização do ambiente.</li> <li>11. Deixar arrumado.</li> </ol>
Produção	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Criação de materiais.</li> <li>2. Ato ou efeito de produzir.</li> <li>3. Criar,</li> <li>4. Gerar.</li> <li>5. Realizar.</li> </ol>

	6.As obras de um escritor. 8.De uma escola ou de um período. 9.O que se produz, ou volume de produção. 10.Resultado de um trabalho. 11. Sequência
Planejamento	1.Organizar metas. 2.Ato ou efeito de planejar. 3.Trabalho de preparação para qualquer empreendimento 4.Planificação. 5.Estudo antecipado de atitudes ou práticas. 6.Pré-orientação antes da execução 7.Pensar antes de executar
Controle	1.Armazenar em ordem e quantidade. 2.Ato ou poder de controlar. 3.Domínio. 4.Fiscalização financeira. 5.Domínio psíquico e físico de si mesmo: 6.Equilíbrio. 7.Fiscalização exercida sobre as atividades de pessoas. 8.Para que tais atividades, ou produtos não se desviem das normas pré estabelecidas. 9.Poder de manter ou alterar certa situação/ser ou objeto 10.Cuidado para não se perder sob o domínio de algo.
Experiência	1.Conhecimento 2.Ato ou efeito de experimentar(se). 3.prática da vida. 4. Usos; 5.Empirismo. 6.Conhecimento adquirido sobre algo. 7.Algo feito com a intenção de adquirir conhecimento. 12.Maturidade. 8.Repetição de ações aprendidas. 9.Vivência ,conhecimento, teste ou pesquisa para descobrir ou analisar algo.
Consciência	1.Noção de certo assunto. 2.Conhecimento. 3.Noção. 4. Lucidez. 5.Idéia. 6.Conhecimento imediato da sua própria atividade psíquica. 7.Ciência. 8. Decisão tomada pela própria pessoa. 9.Saber o que se faz. 10.Ter conhecimento da importância de algo em um processo. 11.Pensamento mais exteriorizado. 12.Ato racional de pensar 13.Estar consciente

• Variáveis Relativas a Metodologias: Escala, Cartografia, Quantitativo, Técnica,

Escala	1. Pontos. 2.graus. 3.Linha graduada dividida em partes iguais. 4.Tabela de serviços. 5.lugar de parada de qualquer meio de transporte. 6.Níveis, graus de organização . 7.Representação de tempo e espaço. 8.Medida de comparação. 9.Representação métrica. 10.Adaptar um dado em função de outro. 11 Marcação usada em mapas.
Níveis de Conceituação	1.Equilíbrio de conceito. 2.Padrão. 3.horizontalidade. 4.Capacidade de aprovar ou reprovar. 5.Graus de denominação. 6.Vário tipos de conceitos. 7.Diferentes forma de conceituar. 8.Variações da posição de conceituar. 9.Escalas conceituais.

	10 Como se conceitua um objeto. 11. Escala de avaliação. 12. Grau de opinião.
Níveis de Representação	1. Equilíbrio de representação. 2. Igualar. 3. nivelar. 4. Capacidade de representar. 5. Graus de simbologia. 6. Vários tipos de representação. 7. Falar a favor de algo ou alguém. 8. Escalas representativas.
Cartografia	1. Ilustração de um local através de medidas. 2. Tratado sobre mapas. 3. Estudo, ato de fazer mapas. 4. Escrita das cartas. 5. Ato de escrever um lugar. 6. Leitura de cartas. 7. mapas. 8. Estudo das cartas geográficas. 9. Atlas.
Quantitativo	1. Relativo a quantidade. 2- Determinação de quantidade de elementos numa substância. 3. Numeração. 4. Volumétrico 5. Algo que pode ser medido em quantidades 6. Que se pode contar .
Técnica	1. Conjunto de processos de uma arte ou ciência. 2. Conhecimento prático. 3. Conjunto dos métodos essenciais à execução perfeita de uma arte ou profissão. 4. Jeito, habilidade, modo. 5. Idéia organizadas sobre algum assunto. 6. Estudo de um método. 7. Aplicar conhecimento minucioso do assunto. 8. Relativo a escrita. 9. Explicação não confirmada. 10. Agilidade num determinado assunto

**Variáveis Relativas ao Método:** Redução, Dedução, Indução, Descrição, Percepção, Imaginação, Reflexão, Re apresentação, Explicação e Compreensão, Ciência, Filosofia, Teoria, Método, Conjecturas, Refutações, Hipóteses, Método, Epistemologia, Sujeito, Objeto e Tempo;

Método	1. Modo de aplicação de estudos. 2. Planejar como algo vai ser estudado. 3. Analisar causas e efeitos 4. Maneira de proceder a um exame 5. Meio de analisar algo. 6. Técnica de estudo. 7. Ferramenta de observação. 8. Maneira de organizar.
Comunidades de Linguagem	1. Centro de estudo de línguas. 2. Vários idiomas sendo falados. 3. Comunhão de dialetos. 8. Compreensão dialética.
Comunidades de Pensamento	1. Centro de análise dos pensamentos. 2. Congregação de idéias 3. Faculdade de pensar. 4. Grupo de pessoas estudando. 5. Grupos de escolas de pensamentos 6. Conjunto de pensamentos. 7. Compreensão racional.
Epistemologia	Termo completamente desconhecido
Gnosiologia	1. Teoria do conhecimento. 2. Estudo do magma. 3. Estudo da gnose.

Tempo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A sucessão dos anos, dias, horas.</li> <li>2. Noção do presente, passado, futuro. 2. Época, estação.</li> <li>3. As condições meteorológicas.</li> <li>4. Período, época.</li> <li>5. Espaço entre determinado instante e outro.</li> <li>6. Tudo que passa.</li> <li>7. Estado transitório.</li> <li>8. Variação da natureza.</li> <li>9. Unidade de medidas dos fatos.</li> <li>10. Momento de ocorrência de um episódio.</li> <li>11. Duração de um determinado período.</li> <li>12. Parâmetro relativo de organização cronológica.</li> </ol>
Conjecturas	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Julgar algum argumento.</li> <li>2. Suposição.</li> <li>3. Hipótese.</li> </ol>
Refutação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ato ou efeito de refutar.</li> <li>2. Desistências.</li> <li>3. Negar algo.</li> <li>4. Discordar.</li> </ol>
Hipóteses	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Suposições.</li> <li>2. Possibilidades</li> <li>3. Explicações</li> <li>4. Suposições premeditadas.</li> <li>5. Coisas que podem acontecer.</li> <li>6. Idéias que ainda não foram comprovadas.</li> <li>7. Suposição sem amparo na realidade.</li> <li>8. Formular deduções.</li> <li>9. Teorias.</li> </ol>
Método	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Caminho pelo qual se chega em um determinado resultado.</li> <li>2. Processo ou técnica de ensino.</li> <li>3. Técnica.</li> <li>4. Estudo explicativo para se chegar a um fim.</li> <li>5. Modo ordenado de fazer as coisas..</li> <li>6. Maneira específica de encaminhar, produzir e discutir.</li> </ol>
Sujeito	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Indicação do indivíduo.</li> <li>2. Modo de tratamento a uma pessoa.</li> <li>3. Quem pratica a ação</li> <li>4. Uma pessoa.</li> <li>5. Elemento.</li> </ol>
Objeto	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apresentação de alguma matéria.</li> <li>2. Qualquer coisa.</li> <li>3. Peça criada.</li> <li>4. Que é percebido por um dos sentidos..</li> <li>5. É o que fazemos.</li> <li>6. Ser ou coisa inanimada.</li> <li>7. Coisa.</li> <li>8. O motivo.</li> <li>9. Algo que se obtém .</li> <li>10. Algo que não tem vida.</li> <li>11. O que é estudado ou manipulado.</li> <li>12. Tudo que se vê..</li> </ol>
Redução	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Resumo.</li> <li>2. ato de subjugar.</li> <li>3. Diminuição.</li> <li>4. Simplificação</li> <li>5. Diminuir.</li> <li>6. Pensamento repentino.</li> <li>7. Coisa que se diminui</li> <li>8 - Relatar sobre algo .</li> <li>9. Retrato escrito.</li> <li>10. Encolhimento.</li> </ol>
Descrição	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ato ou efeito de descrever.</li> <li>2. Exposição circunstanciada que se faz falando ou escrevendo..</li> <li>3. Narração..</li> <li>4. Mostrar em detalhes como é.</li> <li>5. Relatar a aparência de algo.</li> <li>6. Escrever o que se pensa ou vê.</li> <li>7. Relato fiel</li> </ol>

Indução	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conduzir alguma coisa.</li> <li>2. Induzir.</li> <li>3. Ato de convencer uma pessoa a agir de uma certa forma.</li> <li>4. Persuasão, convencimento.</li> <li>5. Empurrão.</li> <li>6. Tornar favorável para que algo ocorra.</li> <li>7. O que movimenta sem tocar.</li> </ol>
Dedução	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Fixar um determinado assunto.</li> <li>2. Ação de deduzir.</li> <li>3. Enumeração minuciosa de fatos e argumentos.</li> <li>4. Subtração.</li> <li>5. Abatimento.</li> <li>6. Conseqüência de um raciocínio.</li> <li>7. Conclusão.</li> <li>8. Saber sem muita certeza de algum assunto ou alguma coisa.</li> <li>9. Ato de explicar como algo surgiu.</li> <li>10. Perceber à partir de alguma coisa.</li> </ol>
Percepção	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Verificar argumentos.</li> <li>2. Capacidade de perceber as coisas.</li> <li>3. Entendimento através de instintos</li> <li>4. Atenção para o que se está fazendo.</li> <li>5. Sentir, perceber.</li> <li>6. Ato de perceber.</li> <li>7. Relativo ao conhecimento pré determinado.</li> </ol>
Imaginação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Assimilando algum assunto.</li> <li>2. Concepção.</li> <li>4. Fantasia.</li> <li>7. Faculdade de inventar ou relatar.</li> <li>8. Capacidade de viajar no pensamento.</li> <li>9. Criação mental original.</li> <li>10. Relacionado a mente, onde imaginamos coisas.</li> <li>11. Existente apenas na consciência do ser humano</li> <li>13. Viagem</li> </ol>
Reflexão	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ato de racionar algum assunto.</li> <li>2. Meditação.</li> <li>3. Prudência.</li> <li>4. Observação.</li> <li>5. Ponderação.</li> <li>6. Análise</li> <li>7. Pensar consigo mesmo.</li> <li>8. Auto avaliação.</li> </ol>
Representação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ato de ilustrar.</li> <li>2. Representação.</li> <li>3. Reprodução que se tem na idéia.</li> <li>4. Delegação de poderes.</li> <li>5. Ato de representar.</li> <li>6. Apresentação diferenciada, usando-se, por exemplo, símbolos.</li> <li>7. Mostrar através de gestos, da fala ou da escrita</li> </ol>
Explicação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Repassar o conhecimento de um determinado assunto.</li> <li>2. desagravo ( razão de alguma coisa ).</li> <li>3. Cobreensão.</li> <li>4. Ato de explicar.</li> <li>5. Descrever para o entendimento.</li> <li>6. Provar o que se fala ou acredita.</li> <li>7. Demonstrar alguma coisa.</li> </ol>
Compreensão	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ato de analisar assunto.</li> <li>2. Ato ou efeito de compreender;</li> <li>4. Percepção.</li> <li>5. Perceber com clareza.</li> <li>8. Entender alguma coisa.</li> </ol>
Ciência	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conclusão e estudos de teorias.</li> <li>2. Estudo aprofundado sobre algo.</li> <li>3. Estudo de novas descobertas.</li> <li>4. Diversos campos do saber.</li> <li>5. É o conhecimento do homem relacionado a natureza, tendo um domínio sobre ela</li> <li>6. Estudar antepassados.</li> <li>7. A soma dos conhecimentos humanos considerados em conjunto.</li> <li>8. Conhecimento que se adquire pela leitura e meditação.</li> </ol>

Ciência	<ol style="list-style-type: none"> <li>9. Saber que se adquire para leitura e meditação.</li> <li>10. Instrução.</li> <li>11. Conhecimento exato e racional de coisa determinada.</li> <li>12. Estudo de uma determinada coisa.</li> </ol>
Filosofia	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estudo dos pensamentos e sabedorias.</li> <li>2. Ciência que estuda o homem e sua forma de pensar</li> <li>3. Ciência que busca a realidade.</li> <li>4. Ciência que estuda o ser humano e sua capacidade</li> <li>5. Estudo da realidade.</li> <li>6. Estudo do pensamento universal.</li> </ol>
Tendência	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Maior possibilidade de ocorrer.</li> <li>2. Algo em ascensão.</li> <li>3. Como todos vão fazer.</li> <li>4. Força que determina o movimento de um corpo.</li> <li>5. Disposição natural ou instintiva, pendor, inclinação, vocação.</li> <li>6. Força que determina o movimento de um objeto.</li> </ol>
Teoria	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conclusão de pesquisas.</li> <li>2. Idéia organizadas sobre algum assunto.</li> <li>3. Estudo de um método.</li> <li>4. Explicação não confirmada.</li> <li>5. Conhecimento especulativo, meramente racional.</li> <li>6. Suposição, hipóteses.</li> <li>7. Princípios fundamentais de uma arte ou ciência</li> <li>8. Utopia</li> <li>9. Opiniões sistematizadas.</li> <li>10. Explicação de um fato..</li> <li>11. Registro dos estudos</li> <li>12. Conceito sobre alguma coisa.</li> <li>13. Idéias organizadas.</li> <li>14. Argumentar algo.</li> <li>15. Idealização.</li> </ol>

• **Variáveis Relativas a Comunicação Científica:** Seminário, Simpósio, Painei, Colóquio, Congresso, Conferência

Seminário	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Reunião de estudo a respeito de determinado assunto;</li> <li>2. Grupo de estudo em que se debate a matéria exposta por cada um dos participantes.</li> <li>3. Escola para formação de padres.</li> <li>4. Apresentação de idéias para um grupo.</li> <li>5. Reunião com fins científicos.</li> <li>6. Falar sobre algo em tempo determinado.</li> </ol>
Simpósio	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conjunto de trabalhos do mesmo ramo.</li> <li>2. Reunião de cientistas, escritores, etc, para discutir determinado tema.</li> <li>3. Reunião.</li> <li>4. Reunião com fins de expor e discutir descobertas.</li> </ol>
Painel	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ilustração de assunto através de placas.</li> <li>2. Pintura sobre tela, madeira, etc;</li> <li>3. Quadro para propaganda ou anúncios.</li> <li>7. Local onde se mostra algo.</li> <li>9. Quadro para fixação de comunicados</li> </ol>
Colóquio	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conversação entre duas ou mais pessoas.</li> <li>2. Linguagem particular.</li> <li>3. Conversa.</li> <li>4. Diálogo.</li> </ol>
Congresso	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conjunto de Seminários.</li> <li>2. Local de reunião de pessoas.</li> <li>3. Encontro de estudiosos para seminários ou simpósios.</li> <li>4. Reunião de um grupo de uma mesma área profissional.</li> </ol>
Conferência	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conjunto de Congressos.</li> <li>2. Ato ou efeito de conferir.</li> <li>3. Conversação entre duas ou mais pessoas sobre negócios de interesse comum.</li> <li>4. Discurso literário ou científico em público</li> <li>5. Conjunto de pessoas reunidas para discutirem um determinado assunto.</li> </ol>

- **Variáveis Relativas a Modelos:** Funcionalismo, Estruturalismo (Estrutura, forma, função e processo), Sistemismo, Holismo;

Funcionalismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Referente ao funcionário da empresa..</li> <li>2.Maneira como funciona um determinado órgão.</li> <li>3.Estudo do funcional, prático..</li> <li>4.Que funciona.</li> </ol>
Estruturalismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Trata-se da forma de uma organização.</li> <li>2.Tipo de estrutura de uma empresa.</li> <li>3.Estudo das estruturas</li> <li>4.Formação de projetos</li> </ol>
Sistemismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Referente a organização de alguma coisa.</li> <li>2.Modo de governo de administração.</li> <li>3.Tipo de sistema.</li> <li>4.Continuidade de sistemas.</li> <li>5.Modo ou hábito sistemático.</li> <li>6.Processo sistemático.</li> </ol>
Holismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Atitude filosófica que busca tudo abranger.</li> <li>2.Visão do todo.</li> <li>3. Tentativa de unir as várias visões de diferentes campos do conhecimento humano</li> <li>4.crenças.</li> <li>5.Nova era.</li> </ol>
Estrutura	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Formação de alguma organização.</li> <li>2.Disposição de ordem das partes de um todo.</li> <li>3.Conjunto das partes de uma construção destinada a resistir às cargas.</li> <li>4.Encadeamento.</li> <li>5.Ordem das coisas.</li> <li>6.Organização básica, esqueleto.</li> <li>7.Pontos fundamentais que dão respaldo.</li> </ol>
Forma	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Característica da matéria.</li> <li>2.Molde para fabricar.</li> <li>3.Linhas do objeto.</li> <li>4.Configuração de um determinado objeto.</li> <li>5.Fundamentos.</li> <li>6.O que sustenta as idéias, objetos.</li> <li>7.Formação básica de algo.</li> <li>8.Composição.</li> <li>9.Maneira de organizar.</li> </ol>
Função	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Executar alguma coisa.</li> <li>2.Ação própria ou natural de um órgão.</li> <li>3.Aparelho ou máquina.</li> <li>4.Cargo.</li> <li>5.Serviço, ofício.</li> <li>6.Utilidade.</li> </ol>
Processo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Aprofundar-se em certo assunto.</li> <li>2.Ato de proceder, de ir à diante.</li> <li>3.Sucessão de estados ou de mudanças.</li> <li>4.Pleito judicial, litígio.</li> <li>5.Caminho para se produzir algo.</li> <li>6.Maneira como alguma coisa muda ou se movimenta.</li> <li>7.Sistematização.</li> </ol>

- **Variáveis Relativas à Razão:** Razão, Razão Analítica, Concreta,, Crítica, Dialética, Instrumental, Mecânica e Prática;

Razão	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.Raciocínio positivo do assunto.</li> <li>2. Entendimento ou inteligência humana</li> <li>3. Raciocínio.</li> <li>4.Pensamento.</li> <li>5.Opinião</li> <li>6.Julgamento.</li> <li>7.Explicação, causa a justificação de qualquer ato praticado</li> <li>8.Argumento, alegação, prova.</li> <li>9.Percentagem, taxa de juros.</li> <li>10.Capacidade do homem em ter consciência daquilo que está fazendo.</li> <li>11.Lógica.</li> </ol>
-------	---

	12.O que não é pela emoção. 13.Pensamento na realidade
Razão Analítica	1.Raciocínio através da análise. 2.Capacidade de analisar as coisas. 3. Lógica comparativa. 4. Pensar metódico.
Razão Concreta	1.Raciocínio exato do assunto. 2.Aquilo que se insere no seu critério de realidade. 3.Faculdade que tem o ser humano de avaliar. 4.Julgar de forma clara e definida. 5.Lógica absoluta. 5. Realidade indiscutível, exata. 6.Afirmação.
Razão Crítica	1.Debate favorável ou não de certo assunto 2.Capacidade de criticar. 3. Lógica de analisar. 4.Realidade, discordando e indicando os erros. 5.Expor a afirmação.
Razão Dialética	1.Raciocínio em conjunto. 2.Lógica do provável, raciocínio não demonstrativo.
Razão Instrumental	1.Lógica através de equipamento. 2.Realidade com o uso de instrumentos 3.Conhecimento dos fatos.
Razão Mecânica	1.Raciocínio influenciada em razão de alguma força. 2.Prática ou aplicação dos princípios de uma ciência ou arte. 3.Lógica automática. 4. Realidade repetitiva
Razão Prática	1.Raciocínio rápido. 2.Faculdade que temos de avaliar exercitando ou usando uma teoria. 3.Lógica funcional. 4. Pensamento real, 5.Conhecimento hábil.

- **Variáveis Relativas aos Princípios Geográficos:** Localização, Extensão, Causalidade, Correlação, Atividade e Analogia;

Localização	1.Indicação de um local. 2.Ato ou efeito de localizar.. 3.Local onde encontramos alguém ou algo. 4.Posição de um objeto. 5.Coordenadas de um determinado lugar.
Extensão	1.Área de um determinado local. 2.Efeito de estender. 3.Tamanho de uma superfície. 4.Continuação de algo. 5.Distância. 6.Relativa tamanho e área.
Causalidade	1.Ato de simular. 2.Relação de causa e efeito. 3.Revelação que une as causas aos efeitos. 4.Por acaso. 5. Acontecimento de um fato. 7.Referente a causa, acontecimento. 8. Que causa algo. 9.Sem querer. 10.Motivo. 11.Algo que acontece sem planejar. 12. Acontecimento sem frequência. 13.Problemas ocorridos. 14.Algo que provoca o acontecimento de um fato.
Correlação	1.Ato de corrigir. 2.Relação mútua entre pessoas, fatos e coisas. 3. Que tem relação, certa coerência. 4. Semelhança. 5.Interligada. 6.Relação paralela. 7.Ligação entre teorias
Atividade	1.Executar trabalho.

	<ol style="list-style-type: none"> <li>2. Qualidade ou estado de ativo.</li> <li>3. Ação.</li> <li>4. Profissão.</li> <li>5. Tarefa.</li> <li>6. Exercício físico ou mental a ser realizado.</li> <li>7. Algo que possui função.</li> </ol>
Analogia	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ponto de semelhança entre duas coisas diferentes.</li> <li>2. Comparação.</li> <li>3. Diferenciação.</li> </ol>

• **Variáveis Relativas aos Dualismos Metafísicos:** Metafísica, Possibilismo x Determinismo, Físico x Humano, Homem x Meio, Sociedade x Natureza, Ideográfico x Nomotético, Geografia x Geociências;

Geografia	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. É a ciência de estudar espaço e a sociedade.</li> <li>2. Descrição de um espaço através de suas características físicas e humanas.</li> <li>3. Estudo do aspecto da terra - estrutura</li> </ol>
Geociências	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. É que estuda a geografia e suas divisões.</li> <li>2. Ciências geográficas.</li> <li>3. Ciências que estudam a terra e os termos físicos.</li> <li>4. Teoria ligada ao espaço físico da terra.</li> <li>5. Ciências da terra.</li> <li>6. Geografia física.</li> </ol>
Possibilismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Propor alguma ideia.</li> <li>2. Escola que estuda as possibilidades.</li> <li>3. Possibilidade de realização.</li> <li>4. Ato de possibilitar.</li> <li>5. Pensamento ou teoria das possibilidades.</li> </ol>
Determinismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Fazer algo sem excitar.</li> <li>2. Ato de determinar.</li> <li>3. Pensamento ou teorias das determinações.</li> <li>4. Estudo do determinado, já estabelecido.</li> <li>5. Lei da causa e do efeito.</li> </ol>
Urbano	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Comunidade desenvolvida e populosa</li> <li>2. Relativo ou pertence à cidade..</li> <li>3. Cortês.</li> <li>4. Afável.</li> <li>5. Civilizado..</li> <li>6. Relativo à infra estrutura.</li> </ol>
Rural	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Homem que trabalha no campo.</li> <li>2. Campestre;</li> <li>3. Agrícola.</li> <li>4. Zona de produção de alimentos.</li> </ol>
Físico	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estado natural da matéria.</li> <li>2. Relativo à física.</li> <li>3. Referente às leis da natureza.</li> <li>4. Natural.</li> <li>5. O conjunto das qualidades exteriores e materiais do homem..</li> <li>6. Especialista em física.</li> <li>7. Pessoa formada em física.</li> <li>8. Relativo a espaço tridimensional.</li> <li>9. Uma coisa material, que podemos tocar..</li> <li>10. O que é matéria, que é palpável.</li> <li>11. Concreto.</li> </ol>
Humano	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Pertencente ou relativo ao homem.</li> <li>2. Natureza humana.</li> <li>3. Gênero humano.</li> <li>4. Bondoso.</li> <li>5. Humanitário.</li> <li>6. Animal racional.</li> <li>7. Características do ser humano, como os sentimentos.</li> <li>8. Que tem princípios relativos à raça humana.</li> <li>9. Ser inteligente.</li> </ol>
Homem	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Animal inteligente e racional.</li> <li>2. Ser humano do sexo masculino, varão.</li> <li>3. Um homem qualquer, indivíduo, sujeito, camarada, cara.</li> <li>4. Todo indivíduo racional.</li> <li>5. "Homo sapiens".</li> </ol>

Meio	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Determinado local.</li> <li>2. Ponto equidistante..</li> <li>3. Centro..</li> <li>4. Esfera social ou profissional onde se vive ou trabalha.</li> <li>5. Interface de relações.</li> <li>6. "Caminho" que pode ser seguido.</li> <li>7. Lugar onde vivem duas ou mais pessoas..</li> </ol>
Sociedade	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. União dos valores de espécies.</li> <li>2. Comunidade.</li> <li>3. Meio humano em que o indivíduo se encontra integrado.</li> <li>4. Conjunto de leis e pessoas do qual fazemos parte.</li> <li>5. Lugar onde vivem vários seres vivos.</li> <li>6. O povo organizado</li> </ol>
Natureza	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conjunto de ecossistemas</li> <li>2. Todos os seres que constituem o universo.</li> <li>3. Temperamento.</li> <li>4. Caráter; essência.</li> <li>5. Tudo aquilo criado por Deus.</li> <li>6. União de todos os seres vivos com o ambiente.</li> <li>7. Tudo o que está relacionado à terra em sua forma sem ação humana.</li> <li>8. Relativo ao meio ambiente</li> </ol>
Ideográfico	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Gráfico de um determinado assunto.</li> <li>2. Representação de idéias por meio de sinais que reproduzem objetos concretos.</li> <li>3. Sistema de sinais constitutivos de escrita analítica.</li> <li>4. Convicções que orientam as ações.</li> <li>5. Descrição de idéias.</li> <li>6. Grafia ideológica.</li> </ol>
Nomotético	Não apresentou nenhuma definição
Geral	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Totalidade de fatos.</li> <li>2. Comum a maior parte.</li> <li>3. Genérico.</li> <li>4. Que abrange ou compreende um todo.</li> <li>5. Total, universal.</li> <li>6. Sem especificidade, abrangente</li> <li>7. Relativo a vários.</li> </ol>
Regional	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que está ligado a uma localidade.</li> <li>2. Próprio de região.</li> <li>3. Indivíduo, agente de determinada ação.</li> <li>4. Aquilo que está relacionado a apenas a um local, a uma comunidade.</li> <li>5. Regional, área restrita.</li> <li>6. Lugar.</li> </ol>
Metafísica	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Aplicar metas através da física.</li> <li>2. Além da Física.</li> <li>3. Filosofia que trata da natureza existente.</li> <li>4. Ciência</li> <li>5. Estuda aspectos da natureza.</li> <li>6. Estudos a fundo da Física.</li> <li>7. Ciência que tenta explicar o mundo físico.</li> <li>8. Estudo das causas e feitos.</li> </ol>

• Variáveis relativas a tipos de produção do conhecimento: Dogmatismo, Ceticismo, Subjetivismo, Realismo, Pragmatismo, Criticismo, Racionalismo, Empirismo, Intelectualismo, Apriorismo, Fenomenalismo;

Dogmatismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Trata-se de idéias impostas.</li> <li>2. Atitude sistemática de afirmação ou negação</li> <li>3. Comportamento baseado em dogmas</li> <li>4. Credo, acredita.</li> <li>5. Religião.</li> </ol>
Ceticismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Seguimento de teoria.</li> <li>2. Subjetivismo.</li> <li>3. Propensão para tudo que é subjetivo.</li> <li>4. Descrença.</li> <li>5. Não acreditar em determinado assunto.</li> </ol>
Subjetivismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Idéia abstrata.</li> <li>2. Estudo com bases não concretas.</li> </ol>

	<ol style="list-style-type: none"> <li>3. Do ponto de vista do sujeito.</li> <li>4. Comportamento baseado no subjetivo.</li> <li>5. Crença ou hábito pelo não real.</li> </ol>
Realismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Idéia real do assunto.</li> <li>2. Que considera apenas o lado real das coisas</li> <li>3. O que não é fruto da imaginação</li> <li>4. O que realmente existe.</li> <li>5. Que vive a realidade.</li> <li>6. Ato prático.</li> </ol>
Pragmatismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tem com critério a prática</li> <li>2. Prática, não teórico.</li> <li>3. Técnico, metódico.</li> <li>4. Conceitual.</li> </ol>
Criticismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Trata-se de julgar uma idéia.</li> <li>2. Escola crítica.</li> <li>3. Dialética.</li> <li>4. Comportamento baseado no real.</li> <li>5. Comumente a crítica profunda e verdadeira.</li> <li>6. Consciência mental.</li> <li>7. Crença.</li> <li>8. Que realiza críticas.</li> </ol>
Racionalismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conjunto de razões.</li> <li>2. Comportamento baseado na razão.</li> <li>3. Visão racional.</li> <li>4. Doutrina que usa a razão como conhecimento.</li> <li>5. Refere-se ao estudo do raciocínio</li> <li>6. Fazer uso do raciocínio lógico.</li> </ol>
Empirismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conhecimento através de experiências.</li> <li>2. Escola que se baseia no experimental.</li> <li>3. Sem fundamento lógico.</li> <li>4. O que não é verdadeiro ou real.</li> <li>5. Comportamento baseado em fatos empíricos.</li> <li>6. Experimento.</li> </ol>
Intelectualismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ter conhecimento de vários assuntos.</li> <li>2. Predominância da inteligência e da razão</li> <li>3. Relativo a intelectualidade.</li> <li>4. Comportamento baseado na inteligência.</li> <li>5. Inteligência em uso.</li> <li>6. Racional, profundo.</li> </ol>
Apriorismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ato de possuir a vantagem.</li> <li>2. Raciocínio a priori.</li> <li>3. Melhoria do conhecimento, aprimorar.</li> <li>4. Aquilo que não tem prioridade.</li> <li>5. Independente.</li> <li>6. O que vem primeiro.</li> </ol>
Fenomenalismo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lógica através de fenômenos.</li> <li>2. Que tem caráter de fenômeno.</li> <li>3. Comportamento baseado nos fenômenos.</li> <li>4. Fenômenos sucessivos aos acontecimentos.</li> <li>5. É o estudo dos fenômenos.</li> <li>6. Causas naturais.</li> <li>7. Baseados em fenômenos paranormais.</li> </ol>

*Conceitos referentes as Lógicas*

Lógica Formal	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Opinião pronunciada.</li> <li>2. Raciocínios por procedimentos.</li> <li>3. Raciocínio convencional.</li> <li>4. Razão pré-concebida.</li> </ol>
Lógica Dialética	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Opinião em conjunto.</li> <li>2. Raciocínio que usa a linguagem diferenciada.</li> <li>3. Diálogo racional.</li> </ol>
Lógica Transcendental	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Opinião.</li> <li>2. Transpor a razão.</li> </ol>

## ANEXO IV - CONCEITOS EXTRAÍDOS DOS DICIONÁRIOS

CONCEITOS	SIGNIFICADOS
<b>Lugar</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Latim: localis. Espaço, independentemente do que possa conter.</li> <li>2. Espaço ocupado por um corpo.</li> <li>3. Localidade, cidade.</li> <li>4. Posição social.</li> <li>5. Lugar. -comum</li> </ol>
<b>Espaço</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Spatium. Extensão em que se move o universo.</li> <li>2. Distância entre dois corpos.</li> <li>3. Fis. Extensão tridimensional ilimitada ou infinitamente grande, que contém todos os seres e coisas e é campo de todos os eventos.</li> <li>4. Astr. O universo todo além do invólucro atmosférico da Terra; o quase vácuo em que existem o sistema solar</li> </ol>
<b>Território</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Territoriu. 1. Área de uma jurisdição.</li> <li>2. Terreno mais ou menos extenso; área dependente de um país.</li> <li>3. Região sob a jurisdição de uma autoridade.</li> <li>4. Extensão considerável de terra</li> </ol>
<b>Paisagem</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Francês: Paysage. O aspecto complexo de um lugar..</li> <li>2. Extensão de território que se abrange num lance de vista.</li> <li>3. Desenho, quadro que representa um lugar campestre.</li> </ol>
<b>Topofilia</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A palavra topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão.</li> </ol>
<b>Ordem</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Ordinem. Boa disposição das coisas, cada uma no lugar que lhe corresponde;</li> <li>2. Lei, ação, influência decisiva.</li> <li>3. Arranjo de uma casa, de um jardim etc. .</li> </ol>
<b>Organização</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Disposição física do corpo humano; organismo.</li> <li>2. Ato de organizar.</li> </ol>
<b>Produção</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Productio. Ato ou efeito de produzir; fabricação, manufatura; extração; geração.</li> <li>2. Aquilo que é produzido ou fabricado pelo homem, e especialmente, por seu Trabalho associado ao capital e a técnica.</li> </ol>
<b>Planejamento</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Do Lat. "Planu". 1. Ato ou efeito de planejar.</li> <li>2. Função ou serviço de preparação do trabalho.</li> <li>3. Plano de trabalho detalhado.</li> <li>4. Elaboração, por etapas com bases técnicas / especialmente no campo sócio-econômico, de planos e programas com objetivos definidos; planificação.</li> <li>5. Disposição para a execução de uma meta.</li> </ol>
<b>Controle</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Função ou serviço de preparação do trabalho.</li> <li>2. Plano de trabalho detalhado.</li> <li>3. Ato ou poder de controlar; domínio, governo.</li> <li>4. Comprovação, inspeção, padrão, ordem, fiscalizar.</li> </ol>
<b>Experiência</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Experientia. Ato ou efeito de experimentar.</li> <li>2. Conhecimento de coisas pela prática ou observação.</li> <li>3. Uso cauteloso e provisório.</li> <li>4. Perícia, habilidade que se adquire pela prática.</li> <li>5. Prova, ensaio, tentativa</li> </ol>
<b>Consciência</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. conscientia. Capacidade que o homem tem de conhecer valores e mandamentos morais e aplicá-los nas diferentes situações.</li> <li>2. Testemunho do nosso espírito, aprovando ou reprovando os nossos atos.</li> <li>3. Cuidado escrupuloso.</li> <li>4. Honradez, retidão.</li> <li>5. Conhecimento.</li> <li>6. O senso íntima, a voz interior, percepção.</li> </ol>
<b>Escala</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Scala. Registro que indica a ordem de serviço para cada indivíduo.</li> <li>2. Categoria, graduação.</li> <li>3. Fis. e Mec. Graduação de certos instrumentos, tais como o termômetro e o barômetro, pela qual se lêem as suas indicações.</li> <li>4. Proporção entre as medidas e distâncias de um desenho, planta ou mapa geográfico e as medidas ou distâncias reais correspondentes.</li> </ol>

	5. Linha dividida em certo número de partes, que representam cada uma determinada unidade de medição ou múltiplo dela
<b>Níveis de Conceituação</b>	1. Do Lat. "Conceptu" Ato ou efeito de conceituar. (Conceituar: Formular conceito). 2. Altura da classificação. 3. Fig. Altura relativa numa escala de valores.
<b>Níveis de Representação</b>	1. Do Lat. "Representatione" Ato ou efeito de representar - (se). 2. Ser a imagem ou representação de Qualidade recomendável.
<b>Cartografia</b>	1. A arte de traçar ou gravar cartas geográficas. 2. Fazer mapas. 3. Tratado sobre Mapas.
<b>Redes</b>	1. Lat. Retem. Aparelho de pesca de malhas mais ou menos largas, que deixam passar a água e retêm os peixes. 2. Tecido fino de malha, com que as mulheres envolvem o cabelo. 3. Tecido de arame, para resguardar as vidraças. 4. Conjunto de cabos telefônicos ou elétricos de uma cidade. 5. Qualquer conjunto ou estrutura que por sua disposição lembre um sistema reticulado. 6. Conjunto de canais, rios de uma região. 7. Grupo de pessoas que executam movimentos coordenados p/ a obtenção de um mesmo objetivo.
<b>Unidade</b>	1. Lat. Unitate. Qualidade do que é 2. Quantidade tomada arbitrariamente para termo de comparação entre grandezas da mesma espécie.
<b>Quantitativo</b>	1. Latim (quantitate + -ivo) Relativo a/ou indicativo de quantidade. 2. Relativo a/ou indicativo de quantidade; que é próprio para exprimir quantidade. 3. Quantidade tomada arbitrariamente para termo de comparação entre grandezas da mesma espécie. 4. A atribuição a uma coisa de uma certa quantidade mensurável.
<b>Consciente</b>	1. Lat. Conscientem. Que tem conhecimento do que faz e de suas conseqüências 2. Que tem atividade permanente racional que conhece a se mesma; 3. conhecimento. 4. Conjunto de representações de sentimentos que não se explicam pela psicologia do indivíduo; sentimento ou percepção do que se passa em nós.
<b>Inconsciente</b>	1. (De in+consciēte) Leviano, inconsiderado, irresponsável. 2. Feiro sem consciência. 3. Que não tem o uso dos sentidos, que não pode avaliar. 4. Não consciente; que está sem consciência. 5. Praticado sem consciência desconhecimento do alcance moral do que se praticou. 6. Parte de vida psíquica do qual não temos consciência. 7. Que age sem reflexão. 8. Que escapa à consciência. 9. Que não reflete determinadas circunstâncias particulares. 10. Falta de impressões sensoriais; 11. Ausência de quaisquer sensações subjetivas.
<b>Subconsciente</b>	1. Do latim sub+conscientia O conjunto de processos que estão latentes no indivíduo e que influenciam a sua conduta. 2. As tendências, as lembranças, os hábitos, que é do subconsciente. 3. Consciência não reflexa, de que se tem apenas um conhecimento obscuro. 4. Conjunto de processos e fatos psíquicos latentes no indivíduo, que influenciam sua conduta e facilmente afloram à consciência. 5. Parte do psique que está fora do campo da consciência. 6. Pertencente ou relativo ao subconsciente ou à subconsciência. 7. Parte do inconsciente que pode novamente subir à consciência e influenciar a conduta do homem. 8. A parte da psique que está fora do campo da ciência. 9. Conjunto de processos e fatos psíquicos. 10. Parte do inconsciente que pode novamente subir à consciência e influenciar a conduta do homem.
<b>Redução</b>	1. Lat. Reductio. Diminuição, submissão, resumo. 2. Ato ou efeito de reduzir-se, diminuição. 3. Ato ou efeito de subjugar. 4. Abatimento, desconto no preço. 5. Arit. Conversão de uma quantidade em outra, equivalente. 6. Cir. Ato de fazer voltar ao seu lugar ossos deslocados ou fraturados. 7. Quím. Operação pela qual se extrai o oxigênio a um óxido metálico para obter o metal puro.
<b>Descrição</b>	1. Lat. Descriptionem. Enumeração das partes, representação de alguma coisa. 2. Ato ou efeito de descrever; exposição circunstância que se faz falando ou escrevendo. 3. Representação ou pintura de uma coisa pela palavra falada ou escrita; narração.
	1. Lat. Inductionem. Conclusão que se tira premissas.

<b>Indução</b>	<p>2. Operação mental que consiste em se estabelecer um verdade universal ou uma proposição geral com base no conhecimento de certos nº de dados.</p> <p>3. Ato ou efeito de induzir; raciocínio em que, dos fatos particulares se Teria uma conclusão genérica; sugestão; conclusão.</p> <p>4. É a observação de certos indícios a existência de fatos mais ou menos favoráveis.</p> <p>5. Raciocínio em que de fatos particulares se tira uma conclusão genérica.</p> <p>6. Levar alguém a fazer determinada coisa.</p> <p>7. Eletr. Formação ou variação de um campo elétrico ou magnético, pela criação ou variação de outro campo elétrico ou magnético vizinho.</p>
<b>Dedução</b>	<p>1. Lat. Deductionem. Ação de deduzir; abatimento, subtração.</p> <p>2. Consequência tirada de um princípio.</p> <p>3. Conclusão, diminuição, desconto.</p>
<b>Percepção</b>	<p>1. Lat. Perceptio. Compreensão, entendimento.</p> <p>2. Ato, efeito ou faculdade de perceber.</p> <p>3. Ato, efeito ou faculdade de adquirir conhecimento de algo por meio dos sentidos.</p> <p>4. Formar idéia.</p>
<b>Imaginação</b>	<p>1. Lat. Imaginationem. Faculdade de imaginar, conceber e criar imagens.</p> <p>2. Coisa imaginada.</p> <p>3. Fantasia.</p> <p>4. Cisma, apreensão.</p> <p>5. Faculdade de evocar imagens de objetos que já foram percebidos.</p> <p>6. Faculdade de representar, de conceber na fantasia, na mente, seres, coisa, objetos de realidade.</p>
<b>Reflexão</b>	<p>1. Lat. Reflexio. (cs), Ato ou efeito de refletir (-se).</p> <p>2. Psicol. Ato em virtude do qual o pensamento se volta sobre si mesmo para examinar o seu próprio conteúdo.</p> <p>3. Prudência, juízo, tino.</p> <p>4. Ponderação, observação.</p> <p>5. Retorno da luz ou do som.</p> <p>6. Volta da consciência, do espírito, sobre si mesmo, para examinar o seu conteúdo por meio de entendimento.</p> <p>7. Pensamento, meditação, raciocínio, coisa pensada.</p>
<b>Representação</b>	<p>1. Lat. Repraesentatio. Ato ou efeito de representar(-se).</p> <p>2. Exibição em cena; rēcita.</p> <p>3. Aparência de importância e distinção que requerem certos cargos de qualidade.</p> <p>4. Filos. Ato pelo qual se faz ver um objeto presente ao espírito.</p> <p>5. Conjunto dos membros das câmaras políticas de um país democrático representativo.</p> <p>6. Figuração, reprodução, apresentação, exposição, exibição.</p>
<b>Explicação</b>	<p>1. Ato ou efeito de explicar.</p> <p>2. Averiguação da causa.</p> <p>3. A própria causa.</p> <p>4. Ensino prático.</p> <p>5. Esclarecimento.</p> <p>6. Explicação(explicatione).</p> <p>7. Ato de tomar inteligível ou claro (o que é ambíguo ou obscuro).</p>
<b>Compreensão</b>	<p>1. Lat. Comprehensionem. Faculdade de compreender; percepção.</p> <p>2. Conjunto de elementos pertencentes a um conceito.</p> <p>3. Entendimento, inteligência, abrangimento.</p>
<b>Marxismo</b>	<p>1. Doutrina social de Carlos Marx.</p> <p>2. O estado é o único proprietário de tudo.</p> <p>3. Filos. Doutrinas dos filósofos alemães Karl Max (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), fundado no materialismo dialético, e que se desenvolveu através das teorias da luta de classes e da elaboração do relacionamento entre o capital o trabalho, se que resultou a criação da teoria e da tática da revolução proletária.</p>
<b>Positivismo</b>	<p>1. Francês: Positivisme. Filos. Sistema criado por Augusto Comte, que se baseia nos fatos e na experiência, e que deriva do conjunto das ciências positivas, repelindo a metafísica e o sobrenatural.</p> <p>2. Tendência para encarar a vida só pelo seu lado prático e útil.</p> <p>3. Tendência filosófica e científica sistematizada no séc. XIX por Augusto Comte, e cujo caráter fundamental consiste em considerar todos os fenômenos como sujeitos a leis naturais invariáveis, e em desprezar como vã toda pesquisa sobre as causas primeiras e finais.</p> <p>4. Contenta-se com a observação dos fenômenos, procurando apenas as leis que regem tais fenômenos.</p>
<b>Fenomenologia</b>	<p>1. Grego: Phainomenologos. Estudos dos fenômenos.</p> <p>2. Filos. Sistema filosófico em que se estudam os fenômenos interiores considerados como ontológicos.</p>
<b>Existencialismo</b>	<p>1. Movimento artístico, literário.</p> <p>2. Filos. Doutrina que formula o problema da dimensão do ser do homem, afirmando que o</p>

	<p>existir é uma dimensão primária e radical e que todas as demais coisas se dão na existência; que não podemos derivar a existência do pensamento, visto já encontrarmos este radicado na existência.</p> <p>3. Doutrina filosófica que se baseia nas raízes de existência humana</p>
<b>Materialismo</b>	<p>1. Filos. Sistema dos que julgam que, no universo, tudo é matéria, não havendo substância imaterial.</p> <p>2. Tendência para tudo que é material, vulgar, grosseiro.</p>
<b>Materialismo Dialético</b>	Não aparecem significados adequados
<b>Materialismo Histórico</b>	1. Concepção materialista ou econômica da história, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral.
<b>Mitologia</b>	<p>1. Grego: Mythos.</p> <p>2. Estudo dos mitos.</p> <p>3. História dos mistérios, cerimônias e culto com que os pagãos reverenciavam os seus Deuses e heróis.</p> <p>4. História fabulosa dos Deuses, semi-Deuses e heróis da antiguidade.</p> <p>5. Tratado dos mitos.</p>
<b>Teologia</b>	<p>1. Lat. Theologia. Ciência sobrenatural de Deus e das criaturas enquanto ordenadas a Deus.</p> <p>2. Tratado teológico.</p> <p>3. Coleção das obras teológicas de um autor.</p> <p>4. Doutrina acerca das coisas divinas.</p> <p>5. Tratado de Deus.</p> <p>6. Ciência que tem por objeto o dogma e a moral.</p>
<b>Ciência</b>	<p>1. Latim: Scientia. Conhecimento, sabedoria, erudição.</p> <p>2. Conhecimento exato e racional de coisa determinada:</p> <p>3. Sistema de conhecimentos com um objeto determinado e um método próprio:</p> <p>4. Conjunto de disciplinas visando à mesma ordem de conhecimentos:</p> <p>5. Conhecimento; saber que se adquire pela leitura e meditação.</p> <p>6. Filosofia: tendência, inclinação, propensão, vocação, intenção.</p> <p>7. Teoria: conhecimento especulativo, puramente racional; conjunto de princípios fundamentais de uma arte ou ciência.</p>
<b>Filosofia</b>	<p>1. Grego: Philosophia. ciência das verdades fundamentais do conhecimento humano.</p> <p>2. Estudo geral sobre a natureza de todas as coisas e suas relações entre si; os valores, o sentido, os fatos e princípios gerais da existência, bem como a conduta e destino do homem.</p> <p>3. Sistema particular de um filósofo.</p> <p>4. Conjunto de doutrinas de uma escola ou época.</p> <p>5. Sabedoria de quem suporta com serenidade os acidentes da vida.</p>
<b>Tendência</b>	<p>1. Lat. Tendentia. Força que determina o movimento de um corpo; propensão; disposição; vocação.</p> <p>2. Disposição natural e instintiva; pendor, propensão, inclinação, vocação.</p> <p>3. Meteor. Índice da pressão atmosférica válido para três horas subseqüentes à observação</p>
<b>Teoria</b>	<p>1. Lat. Theoria. Parte especulativa de uma ciência; conjunto de princípios fundamentais de uma ciência ou arte</p> <p>2. Princípios básicos e elementares de uma arte ou ciência.</p> <p>3. Sistema ou doutrina que trata desses princípios.</p> <p>4. Conhecimento especulativo.</p> <p>5. Conjectura, hipótese.</p> <p>6. Utopia.</p> <p>7. Noções gerais, generalidades.</p> <p>8. Opiniões sistematizadas.</p>
<b>Técnica</b>	<p>Lat. Technicu. Conjunto dos processos de uma arte; prática.</p> <p>2. Conhecimento prático; prática.</p> <p>3. Conjunto dos métodos e pormenores práticos essenciais à execução perfeita de uma arte ou profissão.</p> <p>4. Do grego technikós e latim technicu], maneira, jeito ou habilidade especial para executar ou fazer algo.</p>
<b>Escola</b>	<p>1. Lat. Schola. Casa ou estabelecimento em que se ministra ensino de ciências, letras ou artes.</p> <p>2. Conjunto dos alunos e professores.</p> <p>3. Qualquer concepção técnica e estética de arte, seguida por vários artistas.</p> <p>4. Conjunto dos adeptos ou discípulos de um mestre em filosofia, ciências ou arte.</p> <p>5. Doutrina, seita, sistema.</p> <p>6. Pop. Experiência vivencial; esperteza.</p>
<b>Método de Análise</b>	1. Maneira de proceder a um exame.
<b>Comunidades de Linguagem</b>	<p>1. Comunhão de dialeto.</p> <p>2. Sistema de sinais.</p>
<b>Comunidades de Pensamento</b>	1. Congregação de idéia; faculdade de pensar.

<b>Funcionalismo</b>	1. Conjunto dos funcionários. 2. O mesmo que funcionamento (de funcional)
<b>Estruturalismo</b>	1. Disposição especial das partes de um todo. 2. Teoria e metodologia do estudo da língua como um sistema de elementos relacionados entre si. Desde o seu surgimento - enquanto <i>corpo teórico-conceptual para uns</i> , enquanto apenas método de apreensão, compreensão e explicação de cada realidade científica para outros. 3. O estruturalismo reveste-se de formas as mais variadas, não obstante a universalidade do conceito de estrutura e o fato inequívoco (apesar das discordâncias quanto à sua essência e operacionalidade) de suas intenções críticas com relação às tendências opostas anteriores e/ou reinantes nas disciplinas onde logrou florescer.
<b>Sistemismo</b>	1. Ato de organizar. 2. Sistema formado ou orientado sistematicamente.
<b>Holismo</b>	1. Consiste na inversão da hipótese mecanicista e no julgar que os fenômenos biológicos não dependem dos físicos - químicos.
<b>Razão</b>	1. Lat. Ratio. Inteligência, a faculdade de raciocinar. 2. O conjunto das faculdades anímicas que distinguem o homem dos outros animais. 3. O entendimento ou inteligência humana. 4. A faculdade de compreender as relações das coisas e de distinguir o verdadeiro do falso, o bem do mal; raciocínio, pensamento; opinião, julgamento, juízo. 5. Mat. A relação existente entre grandezas da mesma espécie. 6. Explicação, causa ou justificação de qualquer ato praticado; motivo. 7. Argumento, alegação, prova. 8. Proporção, comparação. 9. Percentagem, taxa de juros. S. m. Com. Livro onde se lança o resumo da escrituração do débito e do crédito. 10. Questões, contendas, alterações. 11. Alegações, argumentos; justificação.
<b>Razão Analítica</b>	1. Raciocínio através de análise
<b>Razão Concreta</b>	1. Aquilo que se insere no seu critério de realidade. 2. Razão solidificada; determinada; precisa, razão particular.
<b>Razão Crítica</b>	1. O processo através do qual a razão empreende o conhecimento de si. 2. Razão julgadora, de apreciação.
<b>Razão Dialética</b>	1. Lógica do provável, raciocínio não demonstrativo. 2. Razão argumentativa, que usa o diálogo como método de investigação científica.
<b>Razão Instrumental</b>	1. Todo o meio apto a conseguir um resultado em qualquer campo da atividade humana, prático ou teórico.
<b>Razão Mecânica</b>	1. Prática ou aplicação dos princípios de uma ciência ou arte. 2. Razão que faz o uso dos princípios de uma arte ou ciência.
<b>Razão Prática</b>	1. Que encara as coisas pelo lado positivo. 2. Tudo aquilo que é possível por meio da liberdade. 3. Razão de aplicação, na prática de interesses em palestras, discursos e exercícios.
<b>Seminário</b>	1. Lat. Seminariu. Congresso científico ou cultural 2. Lugar onde se criam plantas novas de sementes; viveiro de plantas. 3. Casa de educação e ensino onde se preparam candidatos para o sacerdócio. 4. Reunião de estudos sobre determinado assunto com técnica diversa da que se emprega em congressos ou conferências, especialmente caracterizada por debates sobre matéria constante de texto escrito.
<b>Simpósio</b>	1. Reunião de cientistas ou técnicos para tratar de vários assuntos relacionados entre si ou os vários aspectos de um só assunto.
<b>Painel</b>	1 Latim <i>Panelium</i> . Quadro
<b>Colóquio</b>	1. Lat. Colloquium. Conversa, conferência. 2. Conversação ou palestra entre duas ou mais pessoas.
<b>Congresso</b>	1. Lat. Congressus. Reunião de pessoas que examinam estudos comuns 2. Conjunto dos dois órgãos do Poder Legislativo (Senado e Câmara dos Deputados).
<b>Conferência</b>	1. Lat. Conferentia. Confrontação, verificação, palestra literária ou científica 2. Ato ou efeito de conferir; comparação, confronto, cotejo. 3. Exame, ou discussão de um assunto: C. médica. 4. Assembléia de delegados de diferentes países com o fim de tratarem questões de interesse internacional. 5. Discurso ou preleção em público, sobre assunto literário ou científico.
<b>Dogmatismo</b>	1. Inglês: Dogmatism. Autoritarismo - imposição de idéias e princípios. 2. Atitude presunçosa dos que querem que sua doutrina ou suas afirmações sejam tidas por verdades inconcussas.
<b>Ceticismo</b>	1. Sistema filosófico segundo o qual o homem não pode atingir a verdade absoluta. 2. Doutrina filosófica dos que duvidam de tudo e afirmam não existir a verdade, que, se existisse, seria o homem incapaz de conhecê-la.

<b>Subjetivismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sistema dos que só admitem a realidade subjetiva.</li> <li>2. Filos. Tendência de reduzir toda a existência ao sujeito.</li> <li>3. Sistema filosófico que não admite a realidade objetiva, mas apenas a subjetiva.</li> </ol>
<b>Realismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Realismus. Representação fiel e direta da realidade.</li> <li>2. Filos. Sistema que se opõe ao nominalismo e segundo o qual as idéias gerais eram tidas como seres reais.</li> <li>3. Sentido da realidade, disposição a vê-la tal como é, sem deformá-la interpretativamente.</li> <li>4. Atitude prática, conjunto de normas para agir de acordo com os fatos.</li> </ol>
<b>Pragmatismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Doutrina filosófica de utilidade imediata.</li> <li>2. Regulamento, regra, ordenação,</li> <li>3. Consideração das coisas de um ponto de vista prático.</li> </ol>
<b>Críticismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Inglês: Criticism. Sistema filosófico que procura determinar os limites da razão humana.</li> </ol>
<b>Racionalismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. 1. Lat. Rationalismus. Sistema filosófico que só admite como critério da verdade a demonstração racional, pela inteligência.</li> <li>2. 2. Filos. Sistema filosófico, no qual a razão é considerada fonte de conhecimento, independente da experiência.</li> <li>3. 3. Crença na razão e na evidência das demonstrações.</li> </ol>
<b>Empirismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sistema filosófico que nega a existência de axiomas como princípios de conhecimento.</li> <li>2. Conhecimentos práticos devidos meramente à experiência.</li> </ol>
<b>Intelectualismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Filos. Doutrina que sustenta que tudo no universo, incluindo os sentimentos e a vontade, pode ser reduzido aos elementos intelectuais.</li> <li>2. Preponderância dos intelectuais numa sociedade.</li> </ol>
<b>Apriorismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Raciocínio sem levar em conta os antecedentes</li> </ol>
<b>Fenomenalismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A descrição daquilo que aparece;</li> <li>2. Ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição.</li> </ol>
<b>Metafísica</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ciência do supra-sensível.</li> <li>2. Filos. Parte da filosofia que estuda a essência dos seres.</li> <li>3. Filos. Inventário sistemático de todos os conhecimentos provenientes da razão pura.</li> <li>4. Conhecimento geral e abstrato.</li> <li>5. Sutileza ou transcendência no discorrer.</li> <li>6. Parte a filosofia que trata da alma, de Deus, das idéias universais.</li> </ol>
<b>Localização</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ato ou efeito de localizar.</li> <li>2. Lugar determinado.</li> <li>3. Med. Determinação da posição exata, num só órgão ou parte de corpo, de objeto estranho, de uma lesão ou uma infecção.</li> <li>4. Situação, ubiquação.</li> </ol>
<b>Extensão</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Extensionem. Ato ou efeito de estender</li> <li>2. Qualidade de extenso.</li> <li>3. Fís. Propriedade que têm os corpos de ocupar certa porção do espaço.</li> <li>4. Desenvolvimento no espaço.</li> <li>5. Vastidão.</li> <li>6. Grandeza, força, intensidade.</li> <li>7. Porção de espaço.</li> <li>8. Comprimento.</li> <li>9. Superfície, área.</li> <li>10. Ramal telefônico, com o mesmo número do telefone principal, usado geralmente em residências ou escritórios.</li> <li>11. Tamanho, comprimento.</li> </ol>
<b>Causalidade</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Causalitatem. O princípio que liga os efeitos aos motivos. Relação de causa e efeito.</li> </ol>
<b>Correlação</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Correlationem. Qualidade dos fenômenos ou coisas que estão intimamente relacionados.</li> <li>2. s. f. Relação mútua entre dois termos.</li> <li>3. Correspondência.</li> </ol>
<b>Atividade</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Do latim actividade. Qualidade ou estado de ativo, ação.</li> <li>2. Energia, vigor, força, vivacidade.</li> <li>3. Filos: ação, qualidade ou estado de ser em ato.</li> <li>4. Faculdade de poder atuar.</li> <li>5. Vivacidade e energia na ação; presteza, prontidão.</li> <li>6. Ocupação que se dedica uma pessoa.</li> </ol>
<b>Analogia</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Analogia. Semelhança entre duas coisas sob certos aspectos.</li> <li>2. Reiação de semelhança entre coisas que têm alguns traços em comum.</li> <li>3. Do grego analogia, de semelhança entre duas coisas diferentes.</li> <li>4. Filos.: semelhança entre figuras que só se diferem quanto à escala.</li> </ol>
<b>Estrutura</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Structura. Disposição interna de uma construção.</li> <li>2. Ficção de ordem superior das massas rochosas.</li> <li>3. Disposição e ordem das partes de um todo.</li> <li>4. O conjunto das partes de uma construção, armação, esqueleto, esboço.</li> <li>5. Organização das partes ou dos elementos que formam um todo.</li> </ol>

	<p>6. Arranjo de partículas ou partes em uma substância ou corpo; textura.</p> <p>7. Arquít. Esqueleto ou armação de um edifício.</p> <p>8. Disposição e distribuição das partes de uma obra literária.</p>
<b>Forma</b>	<p>1. Lat. Forma. Disposição das partes de um todo de que surge a aparência externa.</p> <p>2. Figura ou aspecto exterior dos corpos materiais.</p> <p>3. Aparência.</p> <p>4. Maneira de ser.</p> <p>5. Alinhamento de tropas; formatura.</p> <p>6. Caráter de estilo em composição literária, musical ou plástica.</p> <p>7. Maneira, modo, jeito.</p> <p>8. Estado, condição.</p> <p>9. Filos.: caráter comum à várias coisas.</p> <p>10. Caráter de um ser definido pela natureza.</p>
<b>Função</b>	<p>1. Lat. Fienctionem. Exercício de uma atividade, de um cargo, de uma missão.</p> <p>2. Ação natural e própria de qualquer coisa.</p> <p>3. Fisiol. Ação peculiar a qualquer órgão</p> <p>5. Ato público a que concorre muita gente.</p> <p>6. Mat. Qualquer correspondência entre dois ou mais conjuntos.</p> <p>9. Gram. Valor gramatical de um vocábulo: F. de adjetivo; f. de sujeito.</p> <p>10. Utilidade, uso, serventia.</p>
<b>Processo</b>	<p>1. Lat. Proccesus. Procedimento, maneira, modo de executar alguma coisa segundo determinada técnica.</p> <p>2. Maneira de operar, resolver ou ensinar; técnica.</p> <p>3. Dir. Ação, demanda.</p> <p>4. Dir. Conjunto das peças que servem à instrução do juízo; autos.</p> <p>5. Conjunto dos papéis relativos a um negócio.</p> <p>6. Série de fenômenos que apresentam certa unidade.</p> <p>7. Conjunto de atos por que se realiza uma operação química, farmacêutica, industrial etc.</p> <p>8. Med. Conjunto de fenômenos evolutivos de um estado mórbido.</p> <p>9. Fis.: sequência de estados de um sistema que se transforma, evolução.</p> <p>10. Conjecturas: (var..de conjecturas) juízo ou opinião, sem fundamento preciso, suposição, hipótese.</p>
<b>Conjecturas</b>	<p>1. Juízo; suposição; cálculo.</p> <p>2. Juízo ou opinião com fundamento incerto; suposições, hipóteses.</p> <p>3. Var.: conjecturas.</p>
<b>Refutação</b>	<p>1. Lat. Refutatio. Constestação, demonstração de que o afirmado pelo adversário é falso.</p> <p>2. Rebater (os argumentos ou objeções do adversário); contradizer.</p> <p>3. Contestar as asserções de (um livro, um jornal, um autor).</p> <p>4. Não concordar com; reprovár; ser contrário a.</p> <p>5. Contrariar com provas; desmentir; negar.</p>
<b>Hipóteses</b>	<p>1. Lat. Hypothesis. Suposição feita sobre uma coisa possível ou impossível, de que se tiram conclusões.</p> <p>2. Acontecimento incerto; eventualidade.</p> <p>3. Explanção científica de um fato não verificado.</p> <p>4. Mat. Proposição admitida como dado de um problema.</p>
<b>Método</b>	<p>1. Lat. Methodus. Conjunto dos meios dispostos convenientemente para alcançar um fim.</p> <p>2. Ordem ou sistema que se segue no estudo ou no ensino de qualquer disciplina.</p> <p>3. Maneira sistemática de dispor as matérias de um livro.</p> <p>4. Maneira de fazer as coisas; modo de proceder.</p> <p>5. Mat. Conjunto de regras para resolver problemas análogos.</p> <p>6. Classificação ou distribuição sistemática dos diversos seres, segundo os caracteres ou semelhanças que apresentam.</p> <p>7. Organização racional de investigação, estudos.</p>
<b>Lógica Formal</b>	<p>1. Relativo à forma, evidente, positivo, decidido.</p> <p>2. Lógica - coerência de raciocínio de idéias.</p> <p>3. Modo de raciocinar peculiar a alguém ou a um grupo.</p> <p>4. Sequência coerente, regular e necessária de acontecimentos, de coisas</p>
<b>Lógica Dialética</b>	<p>1. Lógica do provável.</p>
<b>Lógica Transcendental</b>	<p>1. Muito elevado; que pertence à razão pura, superior, anteriormente a qualquer experiência.</p>
<b>Epistemologia</b>	<p>1. Estudo crítico das várias ciências.</p> <p>2. Estudo crítico de princípios, hipóteses e resultados das ciências.</p> <p>3. Do grego episteme :estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências já constituídas, que visa determinar o pensamento lógico, teoria da ciência.</p>

<b>Gnosiologia</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. De (gnos(i)(o)+log(o)+ia) Teoria do conhecimento.</li> <li>2. Secção da filosofia que estuda os limites da faculdade humana de conhecimento e os critérios desse conhecimento.</li> <li>3. Filos. Teoria da natureza, validade e limites do conhecimento.</li> </ol>
<b>Possibilismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Francês: Possibilisme. Doutrina política da acomodação.</li> <li>2. Possibilidade - qualidade do que é possível</li> </ol>
<b>Determinismo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Francês: Determinisme. Doutrina segundo a qual todos os fenômenos dependem unicamente das circunstâncias dentro das quais se produzem.</li> <li>2. Doutrina segundo a qual o curso dos acontecimentos é determinado, não por um poder adulto ou por uma vontade superior, mas pela lei da causa e do efeito.</li> <li>3. Conjunto das condições necessárias de um fenômeno.</li> <li>4. Relação entre os fenômenos que se acham ligados de forma tão rigorosa que em determinado momento está todo condicionado pelos que o precedem e condiciona pelos mesmos rigores os sucessores.</li> </ol>
<b>Urbano</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Urbanu. Relativo a cidade, civilizado.</li> <li>2. Relativo a cidade.</li> </ol>
<b>Rural</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Rurális. Campestre, rústico, próprio do campo.</li> <li>2. Relativo ao campo ou à vida agrícola; campestre.</li> <li>3. Próprio do campo.</li> <li>4. Campesino, camponês, rústico.</li> </ol>
<b>Físico</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Physicus; Grego: Physikós. Relativo à matéria, aos corpos naturais.</li> <li>2. Relativo à física.</li> <li>3. Material, corpóreo.</li> <li>4. Conjunto das qualidades externas do homem.</li> <li>5. Especialista em física.</li> </ol>
<b>Humano</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Do latim homine. Qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que representa o maior grau de complexidade na escala evolutiva, o ser humano.</li> <li>2. Relativo ao homem.</li> <li>3. Bondoso, compassivo, caridoso.</li> </ol>
<b>Homem</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Hominem. 1. Animal racional, ser humano, gênero humano.</li> <li>2. Indivíduo da espécie humana.</li> <li>3. Ser humano do sexo masculino.</li> <li>4. A humanidade.</li> <li>5. Aquele que procede com prudência, que tem experiência do mundo.</li> </ol>
<b>Meio</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Medium. A metade, o ponto, a parte central em relação às extremidades.</li> <li>2. Que indica metade de um todo.</li> <li>3. Sociol. Totalidade dos fatores externos suscetíveis de influírem sobre a vida biológica, social ou cultural de um indivíduo ou grupo.</li> <li>4. Intermediário.</li> <li>5. Plano, partido ou expediente que se adota para conseguir um fim.</li> <li>6. Segundo e terceiro termos de uma proporção.</li> <li>7. Bens de fortuna; haveres, recursos pecuniários.</li> <li>8. Poder natural de uma pessoa, na ordem física ou intelectual:</li> </ol>
<b>Sociedade</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Societatem. Agrupamento de homens ou de animais que vivem de acordo com uma lei que lhes é comum.</li> <li>2. Meio humano no qual uma pessoa se acha integrada.</li> <li>3. Associação de pessoas submetidas a um regulamento comum.</li> <li>4. Grupo de indivíduos que se juntam para viver de acordo com as normas de um instituto ou ordem religiosa.</li> <li>5. Agremiação; associação.</li> <li>6. Convivência; relações familiares.</li> <li>7. Conjunto de indivíduos que vivem juntos sob o regime de direitos e deveres recíprocos</li> </ol>
<b>Natureza</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Naturalitía. O conjunto da criação. Os fenômenos da terra, do ar e dos mares. (ê),</li> <li>2. Conjunto das leis que presidem à existência das coisas e à sucessão dos seres.</li> <li>3. Força ativa que estabeleceu e conserva a ordem natural de quanto existe.</li> <li>4. Conjunto de todas as coisas criadas; o universo.</li> <li>5. Aquilo que constitui um ser em geral, criado ou incriado.</li> <li>6. Essência ou condição própria de um ser ou de uma coisa.</li> <li>7. Constituição de um corpo</li> <li>8. Caráter, feitiço moral, temperamento.</li> <li>9. Biol. Conjunto dos seres que se encontram na Terra.</li> </ol>
<b>Ideográfico</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Egípcio: Hieroglíficos. Sistema gráfico em que os sinais representam idéias.</li> <li>2. adj. Que se refere à ideografia (Sistema de escrita em que as idéias são expressas por imagens gráficas do objeto).</li> </ol>
<b>Nomotético</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Alemão: Nomothetisch. Ciência naturais em contraposição às ciências do Espírito.</li> <li>2. Kant diz que é o que dá as leis, o juízo, enquanto fornece máximas para a unificação das leis naturais, e exclui o juízo transcendental.</li> </ol>
<b>Geral</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lat. Generalis. Diz-se do que é comum a vários indivíduos, que se opõe a particular.</li> </ol>

	<p>2. Relativo à totalidade; total.</p> <p>3. Comum a um grande número ou à maior parte. Sup. abs. sint.: generalíssimo.</p> <p>4. A maior parte.</p> <p>5. O comum, o normal.</p> <p>6. Chefe supremo de ordem religiosa.</p>
<b>Regional</b>	<p>1. Lat. Regionalis. Pertencente a uma região;</p> <p>2. Relativo a uma região; local.</p>
<b>Sujeito</b>	<p>1. Lat. Subjectus. Dominado, subjugado, submetido.</p> <p>2. Que se sujeitou ao poder do mais forte; dominado, escravo.</p> <p>3. Filos. O ser que conhece.</p>
<b>Objeto</b>	<p>1. Lat. Objectum. Tudo aquilo que serve de exame.</p> <p>2. Tudo que é aprendido pelo conhecimento.</p> <p>3. Coisa, peça, artigo de compra e venda.</p> <p>4. Filos. O que é conhecido, apresentado ou representado.</p> <p>5. tudo o que é manipulável e/ou manufaturável.</p> <p>6. Tudo que é aprendido pelo conhecimento, que não é o sujeito.</p> <p>7. Coisa material; motivo; assunto; tudo o que é perceptível por qualquer dos sentidos.</p> <p>8. Tudo que se oferece aos nossos sentidos ou à nossa alma.</p> <p>9. Coisa material: Havia na estante vários objetos.</p> <p>10. Tudo que constitui a matéria de ciências ou artes.</p> <p>11. Tudo que se oferece aos nossos sentidos ou à nossa alma.</p> <p>15. Coisa material: Havia na estante vários objetos.</p> <p>16. Tudo que constitui a matéria de ciências ou artes.</p>
<b>Geografia</b>	<p>1. Grego: Geographium. Ciência descritiva da terra.</p> <p>2. Ciência que tem por objetivo a descrição da terra na sua forma, acidentes físicos, clima, produção, populações, divisões políticas etc.</p>
<b>Geociências</b>	<p>1. Ciência que descreve e analisa a superfície da terra</p> <p>2. Do grego gê, ciências relacionadas com o estudo da terra.</p> <p>3. A geografia, geologia, geofísica.</p>
<b>Tempo</b>	<p>1. Lat. Tempu. Duração limitada, duração das coisas; período; época; estado atmosférico.</p> <p>2. A sucessão de anos; de dias; de horas, etc.</p> <p>3. Física coordenada para localizar um conhecimento.</p> <p>4. Medida de duração dos seres.</p> <p>5. Uma época, um lapso de tempo futuro ou passado.</p> <p>6. A época atual.</p> <p>7. Ocasão própria; ensejo, conjuntura, oportunidade.</p> <p>8. Sazão, quadra.</p> <p>9. Sucessão de dias, horas, que envolve noções de presente, passado e futuro.</p>

**ANEXO V - SÍNTESE DOS SCRIPTS****1. ESCOLA CLÁSSICA**

**Script 1 - Personagem:** Conspirador

**1- Qual é o conflito a ser resolvido?**

R: Cobrança de impostos.

**2- Quais são os seus interesses no conflito?**

R: É divulgar a verdade ao povo.

**3- Quem você representa?**

R: O Conspirador.

**4- Quem são seus adversários?**

R: Rei = nobreza, Cardeal = clero, Astrônomo = estudioso.

**5- Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: A manipulação do rei e da igreja sobre o povo.

**6- Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na cidade de Praga, no século XVI.

**7- Qual é o seu objetivo final?**

R: Informar a verdade ao povo.

**8- Quais são os fatores determinantes?**

R: A miséria do povo, a manipulação do povo pela igreja e pelo rei.

**9- Quais são as formas de controle/repressão utilizadas?**

R: A mobilização da massa popular contra o rei e a igreja.

**10- Tipos de estratégias adotadas para os adversários?**

R: Contrariar tudo o que é dito pelo Cardeal e pelo Rei.

**Script 2 - Personagem: Mensageiro**

**1- Qual é o conflito a ser resolvido?**

R: Cobrar impostos.

**2. Quais são seus interesses no Conflito?**

R: Levar ao astrônomo os recados mandados pelo rei.

**3. Quem você representa?**

R: O Mensageiro.

**4. Quem são seus adversários?**

R: Não existem

**5. Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Não interfiro em ambas as partes.

**6. Onde e quando o fato se desenrola?**

R: Na cidade de Praga, século XVI.

**7. Qual é o seu objetivo final?**

R: Fazer correspondência entre rei e astrônomo.

**8. Quais são os fatores determinantes?**

R: A miséria do povo, a manipulação do povo pela Igreja e pelo Rei, a indignação do povo contra o rei e a igreja.

**9. Quais as formas de controle/repreensão utilizadas?**

R: Seguir as ordens do rei.

**10. Tipos de estratégias adotadas?**

R: Seguir as estratégias passadas pelo rei.

**Script 3 - Personagem: Astrônomo**

**1. Qual o conflito a ser resolvido?**

R: A cobrança de impostos.

**2. Quais são seis interesses no Conflito**

R: Participação na divisão final da quantia.

**3. Quem você representa?**

R: Astrônomo.

**4. Quais são seus adversários?**

R: Conspirador.

**5. Quais os acontecimentos que levaram a intervenção?**

R: O estabelecimento da ordem concedida pelo Rei.

**6. Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na cidade de Praga, século XVI.

**7. Qual o seu objetivo final?**

R: Fazer o povo crer na possibilidade da catástrofe para que rei e cardeal possam agir.

**8. Quais são os fatores determinantes?**

R: A miséria do povo, a manipulação do povo pela igreja e pelo rei., a indignação do povo contra o rei e a igreja.

**9. Quais são as formas de controle/repressão utilizadas?**

R: Poder de persuasão.

**10. Tipos de estratégias adotadas para os adversários?**

R: Fazer o povo acreditar nas suas palavras.

**Script 4 - Camponês**

1. Qual o conflito a ser realizado?

R: Cobrança de impostos.

2. Quais são os seus objetivos no conflito?

R: Que o fato seja esclarecido e que eu possa viver em paz.

3. Quem você representa?

R: Um camponês.

4. Quem são seus adversários?

R: Rei ( Monarquia ), Cardeal ( Clero ), Astrônomo ( Estudioso ).

5. Quais foram os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: Medo de morrer com a queda da estrela.

6. Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Na cidade de Praga, século XVI.

7. Qual o seu objetivo final?

R: Viver em paz, sem medo da estrela.

8. Quais os fatores determinantes

R: Situação de miséria, manipulação.

9. Quais são as formas de controle/repressão utilizadas?

R: Resistir as pressões e não pagar os impostos.

10. Tipos de estratégias adotadas para os adversários?

R: resistir as suas manifestações.

**Script 5 - Cobrador de Impostos**

1. Qual o conflito a ser resolvido?

R: Cobrança de impostos.

2. Quais são os seus interesses no conflito?

R: Obedecer ao rei e cobrar os impostos.

3. Quem você representa?

R: Cobrador de impostos.

4. Quem são seus adversários.

R: Conspirador ( estudioso).

5. Quais foram os acontecimentos que o levaram a tomar a decisão de intervenção

R: Porque o povo estava resistindo ao não pagamento dos impostos.

6. Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Na cidade de Praga, século XVI.

7. Qual seu objetivo final?

R: Cobrar os impostos.

8. Quais são os fatores determinantes?

9. A miséria do povo, a manipulação do povo pela Igreja e pelo Rei e a indignação do povo contra o Rei e a Igreja.

9. Quais as formas de controle/repressão utilizadas?

R: Chantagear o povo para pagar os impostos.

#### Script 6 - O Rei

1. Qual o conflito a ser resolvido?

R: Cobrança de impostos.

2. Quais são os seus interesses no conflito?

R: Enriquecer às custas do povo.

**3. Quem você representa?**

R: O Rei.

**4. Quem são seus adversários?**

R: Conspirador.

**5. Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Cofres vazios.

**6. Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na cidade de Praga, século XVI.

**7. Qual seu objetivo final?**

R: Manter o reinado e acumular riquezas à Coroa.

**8. Quais os fatores determinantes?**

R: A miséria do povo, a manipulação do povo pela Igreja e pelo Rei, a indignação do povo contra o rei e a Igreja.

**9. Quais as formas de controle/repressão utilizadas?**

R: cofres reais vazios.

**10. Tipos de estratégias adotadas?**

R: Usar o Tribunal da Inquisição para puni-lo.

#### **Script 7 - O Cardeal**

**1. Qual é o conflito a ser resolvido?**

R: Cobrança de impostos.

**2. Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Apoiar o rei na cobrança dos impostos visando tirar lucros.

**3. Quem você representa?**

R: Cardeal.

4. Quem são seus adversários?

R: Conspirador

5. Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: A Igreja depende do rei, aí seu interesse na cobrança dos impostos.

6. Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Na cidade de Praga, século XVI.

7. Qual seu objetivo final?

R: Tirar lucro sobre os impostos cobrados.

8. Quais são os fatores determinantes?

R: A miséria do povo, a manipulação do povo pela Igreja e pelo Rei, indignação do povo contra o rei e a igreja.

9. Quais as formas de controle/repressão utilizadas?

R: Através de Deus, tirar lucros sobre a ignorância do povo.

10. Tipos de estratégias adotadas?

R: Dizer ao povo que esta estrela foi mandada por Deus, em motivo aos baixos impostos pagos.

## 2 - Escola Tradicional

Script 1 - Personagem: Líder do MST

1- Qual é o conflito a ser resolvido?

R: Desapropriação de Terras invadidas pelo MST na Cidade de Lages - Santa Catarina.

**2- Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Aquisição de terras para os sem terra poderem se instalar, produzirem e se sustentarem.

**3- Quem você representa?**

R: Represento o MST uma classe excluída pela maioria da sociedade.

**4- Quem são seus adversários?**

R: O latifundiário e seus capangas.

**5- Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Dificuldades financeiras, pobreza, falta de terras para poder produzir o próprio sustento.

**6- Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Lages, interior de Santa Catarina.

**7- Qual é o seu objetivo final?**

R: Conquistar terra para os sem terra produzirem.

**8- Quais são os fatores determinantes?**

R: A má distribuição das terras.

**9- Quais são as formas de controle/repressão utilizadas?**

R: Invadir as terras e argumentar sobre a injustiça deste país.

**10- Tipos de estratégias adotadas?**

R: Colocar a situação para toda a sociedade, para que possamos pressionar os governantes, para que possam tomar uma decisão em nosso favor

**Script 2 - Personagem: Capanga do Latifundiário**

1- Qual é o conflito a ser resolvido?

R: Invasão das terras pelo MST em Lages - Santa Catarina.

2- Quais são os seus interesses no conflito?

R: Retirar os sem-terra da fazenda

3- Quem você representa?

R: Capanga

4- Quem são seus adversários?

R: Líder do MST e militantes.

5- Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: A invasão da fazenda.

6- Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Lages, interior de Santa Catarina.

7- Qual é o seu objetivo final?

R: Expulsar os sem-terra da terra invadida.

8- Quais são os fatores determinantes?

R: A má distribuição das terras.

9- Quais são as formas de controle/repressão utilizadas?

R: Força armada.

10- Tipos de estratégias adotadas?

R: Tirar os militantes por bem/mal.

**Script 3 - Personagem: Delegado**

1- Qual é o conflito a ser resolvido?

R: Invasão das terras pelo MST em Lages - Santa Catarina.

2- Quais são os seus interesses no conflito?

R: Apaziguar as partes em conflito.

3- Quem você representa?

R: Delegado

4- Quem são seus adversários?

R: Ambas as partes.

5- Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: Cenas de violência entre as partes.

6- Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Lages, interior de Santa Catarina.

7- Qual é o seu objetivo final?

R: Estabelecer um acordo entre as partes.

8- Quais são os fatores determinantes?

R: A má distribuição das terras.

9- Quais são as formas de controle/repressão utilizadas?

R: Constrangimento.

10- Tipos de estratégias adotadas?

R: Tirar os militantes por bem/mal.

**Script 4 - Personagem: Dono da fazenda invadida**

1 Qual o conflito a ser resolvido?

R: Invasão das terras pelo MST em Lages - Santa Catarina.

2- Quais são os seus interesses no conflito?

R: Resguardar as minhas terras, para não serem invadidas.

3- Quem você representa?

R: Dono da fazenda invadida.

4- Quem são seus adversários?

R: Líder do MST.

5- Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: A derrubada das cercas e a invasão dos militantes.

6- Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Lages, interior de Santa Catarina.

7- Qual é o seu objetivo final?

R: Retirar os militantes das minhas fazendas.

8- Quais são os fatores determinantes?

R: A má distribuição das terras e, as dificuldades dos militantes.

9- Quais são as formas de controle/repressão utilizadas?

R: Justiça.

10- Tipos de estratégias adotadas?

R: Tirar os militantes por bem/mal.

Script 5 - Personagem: INCRA

1 Qual o conflito a ser resolvido?

R: Invasão das terras pelo MST em Lages - Santa Catarina.

2- Quais são os seus interesses no conflito?

R: Estabelecer a possibilidade de um acordo entre as partes.

3- Quem você representa?

R: INCRA

4- Quem são seus adversários?

R: Líder do MST.

5- Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: A derrubada das cercas e a invasão dos militantes.

6- Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Lages, interior de Santa Catarina.

7- Qual é o seu objetivo final?

R: Retirar os militantes das minhas fazendas.

8- Quais são os fatores determinantes?

R: A má distribuição das terras e, as dificuldades dos militantes.

9- Quais são as formas de controle/repressão utilizadas?

R:Diálogo

10- Tipos de estratégias adotadas?

R: Desocupação pacífica da fazenda.

### 3 - ESCOLA IDEALISTA

Script 1 Personagem: Administrador Público

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R:O progresso na Praia do Sonho.

2-Quais são os seus interesses no conflito?

R:Melhor aproveitamento da praia do Sonho, sob vários aspectos, uma melhor urbanização, uma estrutura de lazer melhor para receber melhor o turista, conter as construções ilegais, ou seja, o famoso uso-capião que tanto ocorre na Praia do Sonho.

3-Quem você representa?

R:Administrador Público.

**4-Quem são seus adversários?**

R: O turista baderneiro, porco, o pescador predatório, ou seja, aquele que pesca de forma ilegal, invasores de terras, que fazem construções ilegais, que portanto não pagam impostos.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Aumento do fluxo de pessoas na região.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Praia do Sonho, hoje.

**7-Qual seu objetivo final?**

R:Urbanizar, explorar o turismo na região.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R:Político, econômico, social.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R:Fiscalizar, administrar, arrecadar...

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Adotar uma estratégia de marketing em benefício da região, conter os apropriadores de terras, buscar novas formas de opção de lazer para Praia do Sonho.

**Script 2 Personagem: Professora do Magistério**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R:O progresso na Praia do Sonho.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R:Melhor a estrutura do Colégio onde trabalha.

**3-Quem você representa?**

R: Professora do Magistério.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Secretaria Municipal de Educação

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Aumento dos alunos em sala de aula, falta de infra-estrutura e acúmulo de funções.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Praia do Sonho, hoje.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Melhoria das condições de ensino na Escola.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Político, econômico, social.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Reivindicações.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Abaixo-assinado.

**Script 3 Personagem: Agente Florestal**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: O progresso na Praia do Sonho.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Conservar o Meio Ambiente.

**3-Quem você representa?**

R: Agente Florestal

**4-Quem são seus adversários?**

R: Todas as pessoas que interferem no ecossistema local

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Denúncias, pesca predatória e poluição.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Praia do Sonho, hoje.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Fiscalização do meio ambiente.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Político, econômico, social.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: As Leis Ambientais.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Promover o cumprimento das leis.

**Script 4 Personagem: Comerciante Nativo**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: O progresso na Praia do Sonho.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Lucros e vendas.

**3-Quem você representa?**

R: Comerciante Ativo.

**4-Quem são seus adversários?**

R: As grandes lojas e supermercados

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: a competição com grandes empreendimentos comerciais.

6-**Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Praia do Sonho, hoje.

7-**Qual seu objetivo final?**

R: Melhoria da competitividade.

8-**Quais são os fatores determinantes?**

R: Político, econômico, social.

9-**Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Melhoria da qualidade dos serviços e produtos.

10-**Tipos de estratégias adotadas?**

R: aumentar a oferta de produtos, a baixo custo.

**Script 5 Personagem: Morador Fixo**

1-**Qual o conflito a ser resolvido?**

R: O progresso na Praia do Sonho.

2-**Quais são os seus interesses no conflito?**

R: manter a tranquilidade do local aliada ao progresso.

3-**Quem você representa?**

R: Morador Fixo.

4-**Quem são seus adversários?**

R: Os turistas que alteram a dinâmica do local.

5-**Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Assaltos, festas noturnas, alta dos preços, desmatamentos e pesca irregular.

6-**Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Praia do Sonho, hoje.

7-Qual seu objetivo final?

R:Devolver ao local a paz de antigamente, compatibilizando-a com o progresso.

8-Quais são os fatores determinantes?

R:Político, econômico, social.

9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?

R: Movimentos e denúncias junto a prefeitura, órgãos florestais, polícia.

10-Tipos de estratégias adotadas?

R: denunciar depredadores do local.

Script 6 Personagem: Turista de alto poder aquisitivo

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R:O progresso na Praia do Sonho.

2-Quais são os seus interesses no conflito?

R: Encontrar melhor infra-estrutura

3-Quem você representa?

R:Turista de alto poder aquisitivo.

4-Quem são seus adversários?

R:Administrador público.

5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R:Falta de opções de lazer.

6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Praia do Sonho, hoje.

7-Qual seu objetivo final?

R:Tornar a praia um polo turístico.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R:Político, econômico, social.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R:Implantação de projetos voltados para turistas de alto poder aquisitivo.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Sensibilizar a população local sobre as benesses do turismo de alto nível.

**Script 7 Personagem: Pescador**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R:O progresso na Praia do Sonho.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: A volta dos velhos costumes e tradições.

**3-Quem você representa?**

R: Pescador.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Todos que alteram a dinâmica do local, como os turistas.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R:Falta de opções de lazer.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Praia do Sonho, hoje.

**7-Qual seu objetivo final?**

R:Conter os avanços do progresso.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Político, econômico, social.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Denúncias nos órgãos oficiais de ações e movimentos irregulares na praia.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Fazer valer as leis sobre meio ambiente.

**Script 8 Personagem: Veranista**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: O progresso na Praia do Sonho.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Melhor infra-estrutura e sossego.

**3-Quem você representa?**

R: Veranista.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Todos aqueles que alteram o sossego do local..

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: crescimento desenfreado da região, poluição.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Praia do Sonho, hoje.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Harmonia entre homem e natureza.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Político, econômico, social.

9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?

R: Intervir a partir de associações de classe.

10-Tipos de estratégias adotadas?

R: Fazer com seja a praia melhor fiscalizada, através de pressão junto aos órgãos públicos.

#### **4 - ESCOLA NOVA GEOGRAFIA**

Script 1 Personagem: Meteorologista 1

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R: Levantamento de dados sobre condições atmosféricas.

2-Quais são os seus interesses no conflito?

R: Levantamento das variáveis que determinam as frentes frias.

3-Quem você representa?

R: Meteorologista I.

4-Quem são seus adversários?

R: Não existem.

5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: O surgimento das frentes frias.

6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

7-Qual seu objetivo final?

R: Fazer a estática e o acompanhamento dos fatores climáticos.

8-Quais são os fatores determinantes?

R: Variação dos Estados de tempo.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Utilização de equipamentos de precisão para realização das medidas.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Monitorar o desenvolvimento das frentes frias através das imagens de satélite.

**Script 2 Personagem: Meteorologista 2**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Levantamento de dados sobre condições atmosféricas, juntamente com o meteorologista I.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Levantamento das variáveis que determinam as frentes frias.

**3-Quem você representa?**

R: Meteorologista II.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Não existem.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: O surgimento das frentes frias.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Fazer a estatística e o acompanhamento dos fatores climáticos.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Variação dos Estados de tempo.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Utilização de equipamentos de precisão para realização das medidas.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Monitorar o desenvolvimento das frentes frias através das imagens de satélite.

**Script 3 Personagem: Médico**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Atendimento dos pacientes com doenças bronco-respiratórias decorrentes das frentes-frias.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Atender adequadamente os pacientes.

**3-Quem você representa?**

R:Médico

**4-Quem são seus adversários?**

R: Não existem.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: O surgimento das frentes frias.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Atender os pacientes com doenças bronco-respiratórias.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Variação dos Estados de tempo.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Exames médicos.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Acompanhamento dos doentes.

**Script 4 Personagem: Enfermeiro**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Atendimento dos pacientes com doenças bronco-respiratórias decorrentes das frentes-frias, juntamente com o médico.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Atender adequadamente os pacientes.

**3-Quem você representa?**

R: Enfermeiro.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Não existem.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: O surgimento das frentes frias.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Atender os pacientes com doenças bronco-respiratórias.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Variação dos Estados de tempo.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Orientações do médico.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Acompanhamento dos doentes.

**Script 5 Personagem: Apresentador de TV**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Informação sobre as ocorrências da frente fria, como as doenças bronco-respiratórias.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Informar os telespectadores das ocorrências.

**3-Quem você representa?**

R:Apresentador de TV.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Não existem.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: O surgimento das frentes frias.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Informar os telespectadores das doenças bronco-respiratórias.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Variação dos Estados de tempo.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Orientações do médico.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Informações noticiadas em regime de urgência.

**Script 6 Personagem: Pesquisadora de Geografia Médica****1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Informação sobre as ocorrências da frente fria, como as doenças bronco-respiratórias.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Dados de atendimento de doenças bronco-respiratórias decorrentes das frentes frias.

**3-Quem você representa?**

R: Pesquisadora de Geografia Médica.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Não existem.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: O surgimento das frentes frias e sua relação com as doenças bronco-respiratórias.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Coletar informações que estabeleçam a relação entre frentes frias e doenças bronco-respiratórias.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Variação dos Estados de tempo.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Coleta de dados e avaliações estatísticas.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: monitoramento de imagens de satélite seguidas do controle de atendimento em emergências de hospitais.

**5 - ESCOLA HUMANISTA**

Script 1 Personagem: ONG

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Desmatamento da Amazônia.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Resguardar os interesses dos excluídos.

**3-Quem você representa?**

R: ONG.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Madeireiros e empresas que devastam a Amazônia.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: O desmatamento da Amazônia e o despreparo das comunidades da floresta.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na Região Amazônica.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Impedir o desmatamento da Amazônia.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: A irracionalidade da exploração.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Representação junto aos organismos internacionais.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Movimentos e passeatas.

**Script 2 Personagem: Dono de Madeireira**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Desmatamento da Amazônia.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Exploração da madeira para exportação.

**3-Quem você representa?**

R: Dono de madeireira.

**4-Quem são seus adversários?**

R: ONG's, comunidades indígenas e órgãos fiscalizadores.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: As leis ambientais

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na Região Amazônica.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Continuar explorando a floresta.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: A sobrevivência da madeireira.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Cortes em horários fora dos horários de fiscalização.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Substituição de equipamentos e transporte durante a noite.

**Script 3 Personagem: Indígenas**

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R: Desmatamento da Amazônia.

2-Quais são os seus interesse no conflito?

R:Manter suas reservas de madeira para exploração racional.

3-Quem você representa?

R: Indígena.

4-Quem são seus adversários?

R: Empresas, grileiros e posseiros.

5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: A extração de madeira em reservas indígenas.

6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Na Região Amazônica.

7-Qual seu objetivo final?

R: Manter suas reservas de madeira em níveis estáveis.

8-Quais são os fatores determinantes?

R: A sobrevivência da tribo e da floresta.

9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?

R: Fiscalização e denúncia em órgãos públicos, como a FUNAI.

10-Tipos de estratégias adotadas?

R: Vigilância de pontos estratégicos da reserva.

Script 4 Personagem: FUNAI

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R: Desmatamento da Amazônia.

2-Quais são os seus interesse no conflito?

R: Manter as reservas de madeira para exploração racional.

**3-Quem você representa?**

R: FUNAI.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Empresas, grileiros e posseiros.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: A extração de madeira em reservas indígenas.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na Região Amazônica.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Manter as reservas de madeira em níveis estáveis.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: A sobrevivência da tribo e da floresta.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Fiscalização e denúncia.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Vigilância de pontos estratégicos da reserva.

**Script 5 Personagem: Representante da ONU**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Desmatamento da Amazônia.

**2-Quais são os seus interesse no conflito?**

R: manter a paz na região.

**3-Quem você representa?**

R: ONU.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Empresas, grileiros e posseiros que desmatam a Amazônia e as reservas indígenas.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: A extração de madeira em reservas indígenas.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na Região Amazônica.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Manter as reservas de madeira em níveis estáveis.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: A sobrevivência da tribo e da floresta.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Fiscalização e denúncia.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Pressão de organismos internacionais sobre o governo brasileiro.

## **6 - ESCOLA RADICAL**

**Script 1 Personagem: Camelô Legalizada**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Conflito pelo uso do solo urbano.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Evitar a atuação do camelô ilegal.

**3-Quem você representa?**

R: Camelô legalizado.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Camelô ilegal, e o povo a favor dos camelôs.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: A invasão de área próxima ao meu ponto de venda.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Centro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Impedir a atuação do camelô ilegal.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Acionar a fiscalização e polícia militar.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Contato direto com fiscais.

**Script 2 Personagem: Camelô Ilegal**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Conflito pelo uso do solo urbano.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Continuar vendendo mercadorias sem impostos.

**3-Quem você representa?**

R: Camelô Ilegal.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Camelô legal, fiscais e os logistas.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: A possibilidade de uma renda, em face do desemprego.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Centro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Continuar a venda de produtos sem pagamento de impostos.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Monitoramento da presença dos fiscais.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Contato direto entre camelôs ilegais.

**Script 3 Personagem: Povo contra os Camelôs**

**1-Qual o conflito**

**a ser resolvido?**

R: Conflito pelo uso do solo urbano.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Acabar com o contrabando de mercadorias.

**3-Quem você representa?**

R: Povo contra os camelôs.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Camelô ilegal e o povo a favor deles.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Baixa qualidade das mercadorias e, injustiça com quem paga impostos.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Cnetro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: que os camelôs ilegais se legalizem.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Fiscalização e auditoria.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Contato direto com fiscais, avisando-os da atividade de camelô ilegal.

**Script 4 Personagem: Polícia Federal**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R:Acabar com o contrabando de mercadorias.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Acabar com o contrabando de mercadorias.

**3-Quem você representa?**

R:Polícia Federal.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Camelô ilegal e o povo a favor deles.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R:a invasão de áreas públicas para venda de mercadoria não legalizada.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Cnetro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Acabar com o contrabando de mercadorias.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Através de dispositivos legais e constitucionais.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Retirar as mercadorias do camelô ilegal.

**Script 5 Personagem: IPUF**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: A desorganização da cidade e do espaço urbano da cidade de Florianópolis, em face dos camelôs ilegais.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Manter o ordem do centro urbano da cidade..

**3-Quem você representa?**

R: IPUF

**4-Quem são seus adversários?**

R: Camelô ilegal e o povo a favor deles.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: a invasão de áreas públicas para venda de mercadoria não legalizada.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Centro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: manter a organização do espaço urbano.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Acionar polícia civil/militar.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Retirar as mercadorias do camelô ilegal.

**Script 6 Personagem: Povo a favor dos camelôs ilegais**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: A desorganização da cidade e do espaço urbano da cidade de Florianópolis, em face dos camelôs ilegais.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Comprar produtos mais baratos.

**3- Quem você representa?**

R:Povo a favor dos camelôs

**4-Quem são seus adversários?**

R: Logista,s povo contra e Camelô legal.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R:a invasão de áreas públicas para venda de mercadoria não legalizada.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Cnetro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: manter a organização dos camelôs em área urbana.

8-Quais são os fatores determinantes?

R: Social e econômico.

9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?

R: Aletração das taxas para produtos importados.

10-Tipos de estratégias adotadas?

R: Comprar do camelô ilegal.

**Script 7 Personagem: Logista**

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R: A desorganização da cidade e do espaço urbano da cidade de Florianópolis, em face dos camelôs ilegais.

2-Quais são os seus interesses no conflito?

R: Combater a presença de camelôs ilegais próximo as suas lojas.

3- Quem você representa?

R:Logista.

4-Quem são seus adversários?

R: Camelô legal, Ilegal e o povo a favor deles.

5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R:a invasão de áreas públicas para venda de mercadoria não legalizada.

6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Centro Urbano de Florianópolis.

7-Qual seu objetivo final?

R: Legalizar os camelôs em área urbana.

8-Quais são os fatores determinantes?

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Vigilância mais acirrada da Polícia Federal e do IPUF.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Apreensão de mercadorias do camelô ilegal.

**Script 6 Personagem: Povo a favor dos camelôs ilegais**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: A desorganização da cidade e do espaço urbano da cidade de Florianópolis, em face dos camelôs ilegais.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Comprar produtos mais baratos.

**3- Quem você representa?**

R:Povo a favor dos camelôs

**4-Quem são seus adversários?**

R: Logista,s povo contra e Camelô legal.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R:a invasão de áreas públicas para venda de mercadoria não legalizada.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Cnetro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: manter a organização dos camelôs em área urbana.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?

R: Aletração das taxas para produtos importados.

10-Tipos de estratégias adotadas?

R: Comprar do camelô ilegal.

**Script 7 Personagem: Logista**

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R: A desorganização da cidade e do espaço urbano da cidade de Florianópolis, em face dos camelôs ilegais.

2-Quais são os seus interesses no conflito?

R: Combater a presença de camelôs ilegais próximo as suas lojas.

3- Quem você representa?

R: Logista.

4-Quem são seus adversários?

R: Camelô legal, ilegal e o povo a favor deles.

5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: a invasão de áreas públicas para venda de mercadoria não legalizada.

6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Centro Urbano de Florianópolis.

7-Qual seu objetivo final?

R: Legalizar os camelôs em área urbana.

8-Quais são os fatores determinantes?

R: Social e econômico.

9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?

R: Vigilância mais acirrada da Polícia Federal e do IPUF.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Apreensão de mercadorias do camelô ilegal.

**Script 8 Personagem: Fiscal da Prefeitura**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: A desorganização da cidade e do espaço urbano da cidade de Florianópolis, em face dos camelôs ilegais.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Combater a presença de camelôs ilegais, sem licença de operação.

**3- Quem você representa?**

R:Fiscal da Prefeitura.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Camelô Ilegal e o povo a favor deles.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R:a invasão de áreas públicas para venda de mercadoria não legalizada.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Centro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Legalizar os camelôs em área urbana.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Apreensão de mercadorias sem nota fiscal.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Blitz em dias e horários diferentes.

**Script 9 Personagem: Intermediária (Repassa mercadorias)**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: A desorganização da cidade e do espaço urbano da cidade de Florianópolis, em face dos camelôs ilegais.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Servir de mediação para venda de mercadorias.

**3- Quem você representa?**

R: Intermediária.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Não possui.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: a invasão de áreas públicas para venda de mercadoria não legalizada.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Centro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Vender meus produtos para todos.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Nenhuma.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Visitas constantes aos camelôs.

**Script 10 Personagem: Polícia Militar**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: A desorganização da cidade e do espaço urbano da cidade de Florianópolis, em face dos camelôs ilegais.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R:Manter a ordem na cidade.

**3- Quem você representa?**

R:Polícia Militar.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Todos aqueles que promovem a desordem pública.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R:a invasão de áreas públicas para venda de mercadoria não legalizada.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: Na rua Conselheiro Mafra, no Centro Urbano de Florianópolis.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Manter a ordem pública.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Leis Vigentes.

10-Tipos de estratégias adotadas?

R: Policiamento e blitz.

## **6 - ESCOLA TEMPORO-ESPACIAL**

Script 1 Personagem: Classe Trabalhadora

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R: Implantação de uma nova tecnologia de cultivo/colheita de café, gerando desemprego.

2-Quais são os seus interesses no conflito?

R: Manter-me empregado sem o uso da tecnologia.

3-Quem você representa?

R: Classe trabalhadora.

4-Quem são seus adversários?

R: Representante Comercial da empresa que vende novas tecnologias.

5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: A demissão ocasionada pela implantação da nova tecnologia no cultivo/colheita.

6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: No interior de São Paulo na época atual.

7-Qual seu objetivo final?

R: Manter-me empregado e, impedir a mecanização dos processos agrícolas que geram desemprego.

8-Quais são os fatores determinantes?

R: Social e econômico.

9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?

R: Pedir demissão

10-Tipos de estratégias adotadas?

R: Demissão.

**Script 2 Personagem: Fazendeiro Tradicional**

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R: Implantação de uma nova tecnologia de cultivo/colheita de café, gerando desemprego.

2-Quais são os seus interesses no conflito?

R: Manter-me produzindo sem o uso da tecnologia.

3-Quem você representa?

R: Fazendeiro tradicional.

4-Quem são seus adversários?

R: O fazendeiro que compra uma máquina para colheita.

5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: Fazer frente a competição, pensando no bem-estar dos empregados.

6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: No interior de São Paulo na época atual.

7-Qual seu objetivo final?

R: Continuar nos mesmos níveis de produção e emprego.

8-Quais são os fatores determinantes?

R: Social e econômico.

9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?

R: Exercer a autoridade sobre os funcionários.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Controlar melhor as atividades desenvolvidas.

**Script 3 Personagem: Fazendeiro Moderno**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Implantação de uma nova tecnologia de cultivo/colheita de café, gerando desemprego.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Aumentar os níveis de produtividade.

**3-Quem você representa?**

R: Fazendeiro Moderno.

**4-Quem são seus adversários?**

R: O fazendeiro tradicional.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Necessidade de aumentar a produtividade.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: No interior de São Paulo na época atual.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Monopolizar a agricultura de minha região.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Poder financeiro.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Realização de dumping.

**Script 4 Personagem: Esposa do Fazendeiro Moderno**

**1-Qual o conflito a ser resolvido?**

R: Implantação de uma nova tecnologia de cultivo/colheita de café, gerando desemprego.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Aumentar os níveis de produtividade gerando mais lucro.

**3-Quem você representa?**

R: Mulher do Fazendeiro Moderno.

**4-Quem são seus adversários?**

R: O fazendeiro tradicional.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Aumento da produtividade.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: No interior de São Paulo na época atual.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: Dominar o mercado..

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Influência sobre o marido.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Chantagem emocional

**Script 5 Personagem: Esposa do Fazendeiro Tradicional**

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R: Implantação de uma nova tecnologia de cultivo/colheita de café, gerando desemprego.

2-Quais são os seus interesses no conflito?

R: Resistir a compra da máquina.

3-Quem você representa?

R: Mulher do Fazendeiro Moderno.

4-Quem são seus adversários?

R: O fazendeiro Moderno.

5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?

R: Aumento da produtividade do fazendeiro Moderno.

6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?

R: No interior de São Paulo na época atual.

7-Qual seu objetivo final?

R: Utilização de novas tecnologias e manutenção dos empregados..

8-Quais são os fatores determinantes?

R: Social e econômico.

9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?

R: Influência sobre o marido.

10-Tipos de estratégias adotadas?

R: Chantagem emocional

**Script 6 Personagem: Vendedora da Empresa COTEPR**

1-Qual o conflito a ser resolvido?

R: Implantação de uma nova tecnologia de cultivo/colheita de café, gerando desemprego.

**2-Quais são os seus interesses no conflito?**

R: Vender equipamentos para agricultores.

**3-Quem você representa?**

R: Vendedora da empresa COTEPRA.

**4-Quem são seus adversários?**

R: Os trabalhadores rurais demitidos.

**5-Quais os acontecimentos que o levaram a intervenção?**

R: Interesse do fazendeiro Moderno.

**6-Onde e quando o acontecimento se desenrola?**

R: No interior de São Paulo na época atual.

**7-Qual seu objetivo final?**

R: O lucro com a venda das máquinas.

**8-Quais são os fatores determinantes?**

R: Social e econômico.

**9-Quais são as formas de controle que pretende utilizar?**

R: Mostrar as vantagens das tecnologias.

**10-Tipos de estratégias adotadas?**

R: Resultados provenientes da aquisição das máquinas.